

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO EM TEOLOGIA**

JOÃO DE LIMA FONSECA

IGREJA E MISSÃO À LUZ DE APARECIDA

**CURITIBA
2013**

JOAO DE LIMA FONSECA

IGREJA E MISSÃO À LUZ DE APARECIDA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Antônio José de Almeida

CURITIBA

2013

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central

676
013

Fonseca, João de Lima
Igreja e missão à Luz de Aparecida / João de Lima Fonseca ; orientador,
Antônio José de Almeida. – 2013.

132 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2013.

Bibliografia: f. 129-132

1. Igreja Católica. 2. Missão da Igreja 3. Missionários – Vocação.
4. Vida religiosa. 5. Conferências episcopais católicas. I. Almeida, Antonio José
de. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-
Graduação em Teologia. III. Título.

CDD 20. ed. – 258.153



Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Escola de Educação e Humanidades

PUCPR
GRUPO MARISTA

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO Nº. 046
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE

JOÃO DE LIMA FONSECA

Aos vinte e oito dias, do mês de fevereiro de dois mil e treze, as dezessete horas, reuniu-se na Sala de Defesa – Segundo Andar da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a Banca Examinadora constituída pelos professores: Antonio José de Almeida, Irineu José Rabuske e Agenor Brighenti, para examinar a Dissertação do candidato, **João de Lima Fonseca**, ingressante no Programa de Pós-Graduação em Teologia – Mestrado, no segundo semestre de dois mil e dez. Linha de Pesquisa: Teologia e Sociedade. O mestrando apresentou a dissertação intitulada: “**IGREJA E MISSÃO, À LUZ DE APARECIDA**”. O candidato fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos membros da banca e, após a defesa, o candidato foi APROVADO pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 18 h 30 min. Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Membros da Banca:

Prof.Dr. Antonio José de Almeida

Presidente/Orientador.

Prof. Dr. Irineu José Rabuske

Convidado Externo

Prof. Dr. Agenor Brighenti

Convidado Interno

CIENTE

Prof. Dr. Agenor Brighenti

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia- *Stricto Sensu*
PPGT - PUCPR



JOÃO DE LIMA FONSECA
IGREJA E MISSÃO À LUZ DE APARECIDA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio José de Almeida
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Prof. Dr. Agenor Brighenti
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Prof. Dr. Irineu José Rabuske
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

CURITIBA

2013

“Os discípulos de Cristo não podem ser medíocres, nem improvisados, nem charlatões, porque o que trazem nas mãos é a Boa-Nova de Jesus, que devem entregar com a maior qualidade de que são capazes. O Evangelho merece, a comunidade cristã espera, e a sociedade latino-americana precisa. Os discípulos e missionários medíocres não têm futuro num continente que tem urgência de qualidade humana, espiritual e apostólica. Se somos medíocres, não nos deve estranhar que outros ocupem nosso lugar. Ficaremos como uma curiosa peça arqueológica. Nossa Igreja continuará iludida com as suas glórias passadas, e será incapaz de comunicar a vida em abundância querida por Jesus. E tudo por causa de nossa mediocridade” (Francisco Merlos).

RESUMO

Para estimular a ação evangelizadora da Igreja, os bispos da América se reuniram na cidade de Aparecida, Brasil, entre os dias 13 e 31 de maio de 2007, quando celebraram a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. A Conferência teve como referencial dos trabalhos o tema que havia sido escolhido previamente: “discípulos e missionários de Cristo, Caminho, Verdade e Vida, para que nossos povos tenham vida n’Ele”. O tempo em que os bispos estiveram reunidos em Aparecida foi um novo *kairós* na Igreja, oportunidade que o Magistério teve para redimensionar a missiologia e refletir sobre a missão da Igreja que, na qualidade de enviada por Jesus Cristo, permanece no mundo como sinal e instrumento de salvação. Dessa forma, a reflexão encaminhou-se para o compromisso missionário de todos os batizados. Assim todos os batizados foram convocados para recomeçarem uma vida nova a partir do encontro pessoal com Cristo, e, a partir da experiência do encontro com Cristo, lançarem-se com fidelidade e audácia em missão, para combater os perigos e ameaças que impedem a plenitude da vida. De Aparecida herdamos um projeto missionário que deverá orientar a missão pelos próximos anos, especialmente na Igreja da América Latina e do Caribe. “Missão” se tornou a palavra chave em Aparecida, tanto que, na conclusão dos trabalhos, a Conferência convocou solenemente todos os membros da Igreja para um despertar missionário na forma de uma missão continental e colocar a Igreja em estado permanente de missão. Considerando as dimensões da missão no contexto atual, que acontece em um mundo que está passando por uma grande mudança de época, Aparecida percebe que há necessidade de se promover algumas mudanças de ordem interna na Igreja, e sugere primordialmente a conversão das pastorais, que deverão passar de pastorais tradicionais de conservação para pastorais missionárias. O mesmo sugere para todos os católicos, que deverão passar de batizados para discípulos missionários. A proposta missionária de Aparecida tem como objetivo comunicar a vida plena que Jesus oferece a todos. Dessa forma, trata-se de uma missão da Igreja em todo o Continente, para defender a vida em todas as suas dimensões. Em conformidade com a proposta missionária emergente de Aparecida, o futuro da Igreja aponta para um cenário missionário, revelando uma nova face da Igreja formada por discípulos missionários e pastorais missionárias, onde todos estarão comprometidos com as realidades das pessoas e atuando em defesa da vida plena para todos.

Palavras-chave: Conferência. Igreja. Missão. Discípulos Missionários. Vida

ABSTRACT

For to stimulate Church's evangelizing action, the America's bishops gathered at the city of Aparecida, Brazil, between the days 13 and 31 May on 2007, when celebrated the V General Conference of Latin-American and Caribbean Episcopacy. The conference was based at the previous theme selected: "Christ's Disciples and Missionaries, Path, Truth and Life, for our people have life on Him. Under the time the bishops were congregated at Aparecida was a new kairós to the Church, the Mastership had the opportunity to resize the missiology and to think about the Church's mission that, as send by Jesus Christ, remains in the world as signal and salvation instrument. Thereby, the reflection routed to the missionaries compromise of all the baptized. All the baptized was called to reopen a new life by the personal meeting with Christ, and, after the experience of meeting with Christ, launch themselves with fidelity and audacity in mission, to combat the dangers and threats that prevents the fullness life. By Aparecida we inherit a missionary's project that will guide the mission for the next years, especially at the Latin America and Caribbean Church. "Mission" became the key word in Aparecida, so that, in the conclusion of the tasks, the Conference convened gravely all the Church's members for one missionaries awakening as the continental mission and to place the Church in permanent state of mission. Considering the mission's dimensions in the current context, that it happening in a world that is passing by time's change, Aparecida realizes the necessity to promote some internal order changes in the Church, and suggests primarily the pastoral's conversion, that would pass by conservation traditional pastorals to missionary's pastorals. The same it suggests for all the Catholics, they would pass by baptized to missionary's disciples. The missionary's proposal of Aparecida aims to communicate the full life that Jesus offers to all. Thereby, it is a Church's mission in whole continent, to defend the life in all its dimensions. In conformity with the emergent missionary's proposal by Aparecida, the Church's future indicates to a missionary's scene, revealing a new Church's face formed by missionary's disciples and missionary's pastorals, where all the people are engaged with the people's reality and acting to defend the full life for everyone.

Key-words: Conference. Church's. Mission. Missionary's Disciples. Life

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AG	- Ad Gentes
CEBs	- Comunidades Eclesiais de Base
CELAM	- Conselho Episcopal Latino Americano
ChL	- Christifideles Laici
CMI	- Conselho Mundial de Igrejas
CNBB	- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DA	- Diálogo e Anuncio
DI	- Discurso Inaugural de S.S. Bento XVI na V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano
DGAE	- Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil
DP	- Documento de Puebla
EN	- Evangelii Nuntiandi
GS	- Gaudium et Spes
LG	- Lumen Gentium
NAe	- Declaração Nostra Aetate
REB	- Revista Eclesiástica Brasileira
RIIAL	- Rede de Informática da Igreja da América Latina
RM	- Redemptoris Missio
SD	- Documento de Santo Domingo
UR	- Unitatis Redintegratio

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

1.1 Introdução	11
-----------------------------	-----------

2 CONTEXTO E DESAFIOS DA AÇÃO MISSIONÁRIA NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE

2.1 Introdução	17
2.2 O Contexto de nossos povos na América Latina e no Caribe	20
2.2.1 Situação sociocultural	21
2.2.2 Situação sociorreligiosa	24
2.2.3 Situação socioeconômica	25
2.2.4 Situação sociopolítica	28
2.2.5 Situação ecológica	30
2.3 Desafios eclesiais e pastorais para a missão	33
2.3.1 A baixa numérica dos católicos	33
2.3.2 Falta o sentido de pertença à Igreja católica	34
2.3.3 A necessidade de engajamento e participação na Igreja.....	35
2.3.4 A falta de ligação da fé com a vida	37
2.3.5 A falta de um acompanhamento adequado aos católicos	39
2.3.6 O problema da linguagem.....	40
2.3.7 A presença e o uso da mídia	41
2.4 Conclusão do capítulo	44

3 TEOLOGIA DA MISSÃO

3.1 Introdução	46
3.2 Teologia da missão no documento de Aparecida	46
3.2.1 Uma teologia trinitária	47
3.2.2 Uma teologia cristocêntrica	49
3.2.3 Uma teologia pneumatológica	53
3.2.4 Uma teologia eclesiológica	56
3.2.5 Uma teologia eucarística.....	57
3.3 A teologia da missão em três obras atuais de missiologia	59

3.3.1 Missão segundo o modelo da <i>missio Dei</i>	60
3.3.2 Missão a serviço do Reino de Deus.....	63
3.3.3 Testemunho: relação da fé com a vida.....	65
3.3.4 Missão a serviço dos pobres: promoção da dignidade humana.....	67
3.3.5 Missão inculturada.....	68
3.3.6 Diálogo ecumênico e inter-religioso.....	71
3.4 Conclusão do capítulo	74

4 PERSPECTIVAS PARA A MISSÃO

4.1 Introdução	75
4.2 A experiência do discipulado.....	75
4.3 Discípulos e missionários ou discípulos missionários?	76
4.3.1 Chamados ao seguimento de Jesus.....	76
4.3.2 Experiência pessoal da fé.....	77
4.3.3 A comunhão com Deus e com os irmãos na Igreja	78
4.4 Diretrizes para uma Igreja em estado de missão.....	79
4.4.1 De todos e de cada um	80
4.4.2 Com Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida	82
4.4.3 Na força do Espírito Santo	83
4.4.4 Anunciando o Evangelho	84
4.4.5 A serviço da vida em plenitude	85
4.4.6 A partir da opção preferencial pelos pobres	87
4.4.7 Nos âmbitos da pessoa, dos grupos e da sociedade	89
4.4.8 Valorizando a diversidade cultural	92
4.4.9 Respeitando o pluralismo religioso	93
4.4.10 Buscando a unidade entre as igrejas	93
4.4.11 Na missão <i>Ad gentes</i>	94
4.4.12 Com foco na família	96
4.5 A ação missionária	97
4.5.1 Missão pessoal.....	97
4.5.2 Famílias missionárias.....	98
4.5.3 Pequenas comunidades missionárias.....	99
4.5.4 Comunidade eclesial de base missionária.....	99
4.5.5 Paróquias missionárias.....	100

4.5.6	Dioceses missionárias	101
4.5.7	Missão no plano pastoral nacional	102
4.5.8	Missão continental	106
4.5.9	De uma pastoral de conservação para uma pastoral missionária.....	107
4.6	A formação dos discípulos missionários	108
4.6.1	A formação de todos os fiéis	109
4.6.2	Cinco aspectos fundamentais	110
4.6.3	Quatro dimensões integradas de um processo	112
4.6.4	Aspectos particulares	113
4.6.4.1	Sujeitos da formação	114
4.6.4.2	Conteúdos da formação	114
4.6.4.3	Métodos da formação	116
4.6.4.4	Lugares da formação.....	117
4.6.4.5	Instâncias da formação	119
4.7	Conclusão do Capítulo	120

5 CONCLUSÕES

5.1	Conclusões	122
------------	-------------------------	------------

INTRODUÇÃO

Os onze discípulos caminharam para a Galileia, à montanha que Jesus determinara. Ao vê-lo, prostraram-se diante dele. Alguns, porém, duvidaram. Jesus, aproximando-se deles, falou: “Todo poder foi me dado no céu e sobre a terra. Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos!”(Mt 28, 16-20).

1.1 Introdução

Estamos passando por um momento especial no processo civilizacional com profundas transformações, sobretudo, políticas, econômicas, sociais e religiosas, assinalando que a humanidade vive um novo tempo na história. “Hoje estamos em meio a dores de parto. No dia a dia, em nível planetário, estamos envolvidos numa mudança de época. A isto também chamam globalização, Pós-Modernidade, mudança de paradigma, início de uma nova civilização” (IRARRAZAVAL, 2010, p. 250). Este novo tempo identificado por diferentes nomes, tem afetado diretamente o sentido da vida humana, questionando inclusive a função da religião frente aos novos desafios que emergem do contexto social. O mal-estar da civilização atual implica também na dimensão religiosa do ser humano e coloca a Igreja em perplexidade, porque cabe a ela fornecer as respostas plausíveis à problemática existente em relação à vida que abarca o ser humano na sua totalidade. Desse modo, o contexto em que o ser humano está inserido desafia a Igreja para uma tomada urgente de atitude a fim de promover as transformações necessárias, para que a vida em plenitude torne-se realidade temporal e escatológica para com todos.

O ser humano contemporâneo sente as amarguras de uma crise civilizacional mundial, e passa por experiências de vida totalmente diferente do passado. É já um fato comum afirmar que o mundo passa por uma “mudança de época”. Mudança de época é um fenômeno desnorteador, de grandes transformações com implicações em todas as dimensões humanas, inclusive na religiosa. Diluíram-se os critérios de julgamento, e as respostas, que até a pouco tínhamos como certas, já não servem mais. Um novo mundo foi gestado, construído na expectativa do imanente e do imediato. Sem referências seguras e orientadoras para definir os rumos da humanidade, o contexto mundial foi invadido por um pluralismo cultural, moral e religioso, onde cada um pode estabelecer seus próprios valores e normas. Coincidente com a mudança de época, surgiu um novo fenômeno de escala mundial que vai impondo nova

consciência de valores, e que parece ter assumido o destino da humanidade nesse momento. Trata-se da globalização que possui diversas dimensões (econômicas, políticas, culturais, comunicacionais, tecnocientíficas, etc.). De característica ambígua, a globalização faz surgir novos rostos pobres, enquanto, no reverso do processo, concentra enormes fortunas nas mãos de poucos.

Na esfera religiosa, constata-se grande mobilização em busca de espiritualidade, porém não em função do transcendente, mas para atender algumas necessidades pessoais e imediatas (prosperidade financeira, saúde física, e psíquica). O modo de o católico viver o sentido de pertença na comunidade eclesial foi afetado e passa por mudanças significativas. A cultura moderna fez surgir um novo tipo de indivíduo, o narcisista, que aposta mais em projetos pessoais do que nos projetos comunitários. Isso implica numa geração de católicos tradicionais ou culturais, indiferentes à comunidade religiosa a que pertencem. Embora batizados, não participam com regularidade a comunidade, preferem viver a dimensão religiosa totalmente descompromissados com a Igreja, sem vínculo pessoal, pastoral e missionário. São católicos, mas não se pode dizer que são igreja, pois a prática cristã contradiz totalmente o projeto de salvação que Jesus Cristo confiou à Igreja, e da qual espera farta colheita, fruto do trabalho incansável de seus membros.

Desde que Jesus reuniu o grupo de discípulos pela última vez nas montanhas da Galileia, e ordenou aos onze, dizendo: “Ide, pois, e ensinai a todas as nações, batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19), não havia mais dúvidas, o discípulo é para a missão e a Igreja foi enviada para ser sinal da presença de Deus em todos os lugares em que a vida é ameaçada. Na verdade, a Igreja foi enviada para continuar o projeto divino de libertação, trabalhando em função do Reino de Deus a fim de que todos os povos participem desse Reino. Foi neste intuito que a Boa Notícia de salvação chegou à América, com a Igreja missionária da Europa enviando missionários, para que os povos de culturas autóctones fossem salvos em Cristo. No entanto, em cinco séculos de cristianismo, a salvação integral, conforme entendemos hoje, que abrange o homem todo e todos os homens, não atingiu todas as pessoas ainda, inclusive muitos católicos de nossas igrejas não conseguiram sair da miserabilidade e se encontram às margens ou excluídos da sociedade. Nisso se evidencia a urgente necessidade de construir uma Igreja mais missionária e mais comprometida com a realidade do mundo, agindo como porta-voz daqueles que não têm voz, anunciando a Boa Nova de Cristo e denunciando as estruturas que oprimem o ser humano.

Mais do que em épocas anteriores, hoje as mudanças no mundo são vertiginosas, acontecem com rapidez estrondosa, de modo que todos os dias temos algo novo, diferente e

inédito. As mudanças fazem parte da cultura atual, o novo encanta, seduz e atrai pessoas, provoca desejos e incentiva a experiência. Na dimensão religiosa não é diferente, é preciso caminhar inserido no contexto histórico, a fim de entender e purificar a cultura em que as pessoas vivem. A Igreja existe em função do mundo, sua tarefa primordial é o compromisso missionário junto às pessoas que se há de manifestar através do anúncio e do serviço para que todos sejam salvos. Desse modo, para não se tornar uma instituição obsoleta no mundo, a Igreja precisa ouvir o que o Espírito Santo está lhe dizendo e encontrar novos métodos de evangelização e inserção no mundo, para que a mensagem de que ela é portadora seja sempre atualizada e transformadora.

Nossa pesquisa situa-se no âmbito da dimensão missionária da Igreja, mais precisamente na missão da Igreja à luz do Documento de Aparecida, buscando averiguar o quanto a missão continental pode interferir na realidade de nossos povos e transformar as realidades sofridas em plenitude da vida. Aparecida forneceu um referencial teórico e prático para a Igreja e para todos os batizados, a fim de que a Igreja esteja em permanente estado de missão. Trata-se de um projeto de animação missionária em todo o Continente, que deverá acontecer a partir do compromisso missionário de todos e de cada um, assumindo por inteiro todas as dimensões que envolvem a vida do ser humano. Há um ponto de partida que desafia e ao mesmo tempo impele a Igreja na missão: é a realidade de vida de nossos povos que não condiz com a vontade de Deus. Por outro lado, a meta da ação missionária é a plenitude da vida para todos.

A pesquisa tratou da relevância na dimensão missionária da Igreja, onde se procurou refletir, a partir da Conferência de Aparecida, sobre os caminhos da missão no contexto atual, verificando o ver da realidade, notadamente os desafios e situações atuais, o julgar da realidade sob a luz da teologia, e as perspectivas da missão que abarca toda a estrutura eclesial. Com esta pesquisa nossa pretensão tinha os seguintes objetivos: analisar as dificuldades da Igreja na evangelização do contexto atual; estudar a proposta missionária no documento da Conferência de Aparecida; descobrir os caminhos sugeridos para efetivação das propostas nas Dioceses, Paróquias, Comunidades e na vida de todos os discípulos missionários e, por fim, apontar as perspectivas da missão, hoje.

Para o desenvolvimento da pesquisa adotou-se como referencial teórico o Documento de Aparecida, os documentos do Magistério da Igreja, os documentos das Conferências Episcopais Latino-americanas, além de farta bibliografia de teólogos da Ameríndia e outros teólogos renomados na missiologia, buscando através dos documentos e bibliografias consultadas compreender melhor o conceito de missão e a função da Igreja no mundo.

Alguns questionamentos surgiram antes e durante, e são fundamentais na problemática desta pesquisa: diante das inúmeras alternativas e opções para o ser humano na contemporaneidade, importa para o homem moderno que Cristo seja o Caminho, a Verdade e a Vida? Ou a pergunta seria: Jesus Cristo, sua mensagem, ensinamentos são importantes para nós hoje? A religião tem resposta para as perguntas que são feitas dentro e fora dela? Na verdade a proposta missionária de Aparecida, responde as perguntas que estão sendo feitas pela sociedade e pelos católicos? Por onde devemos começar? E mais, a Conferência observou uma realidade e ficou preocupada com a situação que viu. Olhando a realidade percebeu que a vida de nossos povos está permeada de injustiças, exclusão, pobreza, violência, relativismo, ganância, falta de sentido, voracidade e destruição. Ao observar a realidade que não condiz com o projeto de Deus, um fato se torna intrigante e questiona a função da Igreja no Continente Latino-americano e Caribenho. A distância que separa a realidade de vida dos povos e a plenitude da Vida que Cristo oferece a todos vem acontecendo em países eminentemente cristãos, fazendo aflorar a triste constatação que algo está errado não só no mundo, mas também na própria Igreja. Respostas para tais questionamentos e para os desafios da realidade foram buscadas no próprio documento de Aparecida, documentos do Vaticano II, documentos do Magistério Latino-americano e documentos da CNBB.

A escolha do tema desta pesquisa surgiu para averiguar se o compromisso da missão continental e de uma Igreja em estado permanente de missão, conforme assumido pela Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, contém as respostas necessárias para manter os fiéis católicos na Igreja, assim como, se ela vai responder aos desafios do mundo no atual contexto de profundas transformações. Queríamos saber, também, quais eram os obstáculos da missão e quais os campos que demandam um empreendimento missionário mais urgente da Igreja, hoje. Outro ponto que se desejava saber era se a pedagogia do discipulado, percorrendo um processo em cinco etapas, é suficientemente competente para constituir uma Igreja missionária, formada de discípulos missionários, comprometidos na missão e dispostos a assumir as realidades do mundo para transformá-las. Sabemos que a relação da Igreja com o mundo foi assumida na sua real amplitude, no Concílio Vaticano II, por meio da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* que, já na parte introdutória, reconhece a conexão que vai além de uma evangelização e de implantação de igrejas, mas que se destina a toda a humanidade; por que: “*as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias das pessoas de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo*” (GS, 1). GS deixa claro que a Igreja que ressurge do Vaticano II assume também uma nova postura em relação ao destino da

humanidade, especialmente nas questões relacionadas à vida humana.

Assim como Aparecida, adotamos na pesquisa o método, ver, julgar e agir (DAp 19), e trilhamos sob as pegadas da Conferência. Este referencial teórico possibilitou uma compreensão maior do projeto missionário que emerge de Aparecida e também das particularidades que envolvem o processo. Para chegar a uma compreensão mais ampla da missão na atualidade, não ficamos restritos ao documento de Aparecida. Pesquisamos também em outras fontes do Magistério da Igreja e da teologia da missão. Na teologia, enfatizamos três fontes relevantes para a missão do contexto atual. São elas: Missão Transformadora, de David Bosch; *La Iglesia em la encrucijada de la misión*, de Eloy Bueno de la Fuente; *Teología para la Misión Hoy*, de Stephen B. Bevans e Roger P. Schroeder. O intuito de aprofundar a pesquisa nas obras desses três autores foi averiguar as perspectivas da missão da Igreja, em um mundo influenciado pelos novos fenômenos, especialmente a mudança de época.

Assim, dividimos a pesquisa em três capítulos, sempre fundamentados no documento de Aparecida, retirando o conteúdo que achamos necessário, porém, sem esgotar a temática, procuramos de forma clara, reavivar o assunto, para que as comunidades eclesiais encontrem as respostas plausíveis, a fim de vencerem os desafios atuais, buscando cada vez mais tornarem-se comunidades missionárias.

O primeiro capítulo aborda o contexto social em que vivem os povos na América Latina e no Caribe, e os desafios eclesiais e pastorais para a missão, conforme percebido pela Conferência. Primeiramente situamos a realidade dos povos em relação ao contexto social onde vivem tais pessoas. São os desafios que emergem do mundo e interferem na vida social e religiosa de todo ser humano e desafiam a missão da Igreja. Como principal fonte geradora dos percalços, está a mudança de época e os fenômenos globalização e nova cultura. Deles, desencadeiam-se múltiplas consequências sobre a vida, criando novas situações, costumes e práticas de relacionamentos, como nunca antes vistos. Por outro lado, os mesmos fenômenos, globalização e nova cultura, atingem o ser humano na sua dimensão religiosa, produzindo um tipo de religiosidade que não condiz ao modelo de comunidade instituído por Jesus. São as novas práticas religiosas individuais sem pertença à comunidade e totalmente descompromissadas pelo outro. Nos desafios eclesiais, destacam-se também a baixa numérica e a falta de ligação entre fé e vida dos católicos.

No segundo capítulo, abordamos os aspectos teológicos da missão. Há clarividência no documento de uma teologia fundamentada na Trindade, com ênfase no modelo da *missio Dei*. Embora a estrutura do documento esteja mais adequada na *missio Dei* do AG, o

documento contempla também outros modelos missionários do final do século XX. Primordialmente, Aparecida destaca a missão da Trindade, acentuando a presença do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Mas o centro da teologia de Aparecida repousa na pessoa do Filho. Nele está o ponto de partida e de chegada da missão. Ele é a vida em plenitude para nossos povos. Por isso, uma missão, para comunicar a vida, tem como referencial de ação a própria missão de Jesus. O Espírito Santo é guia que vivifica a Igreja na missão. Com ele, a Igreja continua a missão de Jesus em todas as nações. Neste mesmo capítulo, abordamos a teologia desenvolvida pelos autores supracitados, de onde retiramos os encaminhamentos para uma missão hoje, procurando entender o que significa Igreja em estado permanente de missão.

No terceiro capítulo, abordamos as perspectivas da missão, para que possamos atingir o ponto de chegada, que é a plenitude da vida. Trata-se do ser missionário da Igreja e de todos os discípulos missionários, envolvendo a estrutura de dioceses, paróquias e comunidades. Dada a relevância dessa fase, porque é aqui que realmente a missão acontece de fato, tratamos primordialmente dos discípulos missionários. Segundo Aparecida, a missão consiste em ser, e fazer discípulos de Jesus. Assim, existe um processo a ser percorrido pelo discípulo, até se tornar apto para a missão. É uma missão para todos, de modo que o discípulo missionário é para a missão, e no reverso, a missão é para fazer discípulos missionários. Quem é discípulo faz do outro aquilo que ele próprio é, um missionário. Com foco na plenitude da vida, a missão tem como meta o compromisso com as realidades da vida, ou seja, interferir no mundo real das pessoas para transformá-las a partir de seu interior. Por outro lado, constata que, para atingir a plenitude da vida, a Igreja precisa estar em estado permanente de missão. Isso implica em algumas transformações que precisam acontecer no meio eclesial. Desse modo, existe, *a priori*, a necessidade de uma missão *ad intra*, para que a própria Igreja seja evangelizada, e depois possa ela evangelizar aos outros. Basicamente, as mudanças se referem à dimensão missionária da Igreja que exige dioceses missionárias, paróquias missionárias, comunidades missionárias, famílias missionárias, batizados convertidos em discípulos missionários e pastorais missionárias.

2 CONTEXTOS E DESAFIOS DA AÇÃO MISSIONÁRIA NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE

2.1 Introdução

A Igreja foi enviada por Jesus Cristo para ser no mundo “sacramento universal de salvação” (LG 48; AG 1). Desde os primórdios do cristianismo, a missão da Igreja se viu desafiada por situações adversas, que foram surgindo no decorrer da história. Desse modo, para que a Boa Nova do Reino de Deus chegasse aos confins do mundo e fosse bem recebida pelos destinatários, a missão contou com esforço e criatividade dos missionários. A missão tem como meta a salvação e, para ser integral, deve assumir o ser humano na sua complexidade e dentro do seu contexto cultural, como fez Jesus ao encarnar-se na história. Em Jesus, Deus encarnou-se em contexto adverso e hostil, encontrou resistência, foi desafiado e perseguido, e, nem por isso, Jesus, o missionário do Pai, deixou de anunciar e promover a salvação aos seus contemporâneos. Com ações preferenciais aos pobres, Jesus denunciava as injustiças dos poderosos e anunciava o Reino de Deus como realidade presente. Sua missão, cujo desfecho final foi a morte na cruz, percorreu um caminho permeado de entraves, notadamente pelos preconceitos sociais e religiosos, pelas autoridades que o condenaram, pelo pluralismo religioso dentro do judaísmo, pelo pluralismo cultural, pela rejeição de sua gente, pela incompreensão dos seus discípulos e, finalmente, pela cegueira de uma sociedade hipócrita e legalista. No entanto, todas as dificuldades contribuíram para tornar a missão de Jesus mais humana e mais encarnada na história. Ele, que havia assumido a natureza humana pela encarnação, assume pela missão as dores e os desafios da humanidade para a redenção total.

Em continuidade à missão de Jesus, a Igreja nascente foi repleta de barreiras e perseguições. O subsídio doutrinal da CNBB, “Anúncio querigmático e evangelização fundamental”, descreve o princípio da missão dessa forma: “O contexto em que os primeiros missionários – os Apóstolos – realizaram o anúncio compreende a perseguição religiosa, a magia, a idolatria, a devassidão moral, o muro erguido entre os povos” (CNBB, 2009, p. 14). A missão dos apóstolos e, mais tarde, a missão dos discípulos enfrentou dificuldades semelhantes aos desafios da missão de Jesus, porém, o Evangelho jamais deixou de ser anunciado em função das dificuldades, pois havia entre os seguidores de Jesus uma verdade que motivava cada vez mais os discípulos na missão tornando o testemunho cristão mais evangelizador: “se perseguiram a mim, perseguirão a vós também” (Jo 15, 20). Além do mais,

Jesus havia deixado a comunidade dos discípulos confortável em relação às dificuldades da missão. “Bem-aventurados sereis quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos céus, pois assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós” (Mt 5, 11-12). A máxima das bem-aventuranças proclamada diretamente aos primeiros discípulos serve de conforto e estímulo aos seguidores de Jesus, hoje.

Os primeiros discípulos de Jesus enfrentaram grandes desafios para anunciar o Evangelho no mundo pagão. O povo que vivia no paganismo tinha dificuldade em aceitar a nova fé, e a Boa Nova anunciada pelos discípulos não podia aceitar as práticas do paganismo. Paulo, escrevendo aos coríntios, confessa as dificuldades que a religião cristã tem para penetrar nas culturas grega e judaica: “os judeus pedem prodígios e milagres, os gregos buscam sabedoria, mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalos para os judeus e loucura para os gregos, mas para os eleitos sabedoria e justiça e santificação e redenção” (1 Cor 1, 22-30). Difícil era entender a teologia da cruz. “Entre o novo espírito que vinha do calvário e o espírito que animava a cultura greco-latina não podia ser mais absoluto o contraste” (FRANCA, 1999, p. 178).

Acontece que, em cada novo contexto da história, novas situações surgem desafiando a Igreja, exigindo que a missão seja redirecionada para responder o que ela própria se propõe a fazer no mundo, pois os desafios exigem respostas atualizadas diante das novas perguntas que são feitas. Atualmente, o contexto mundial é de uma “mudança de época”, cuja repercussão atinge diretamente a vida da humanidade e desafia a Igreja em diversas perspectivas. O Padre Joel Portella, falando aos presbíteros no 13º Encontro Nacional em Itaici, 2010, definiu bem o significado de uma mudança de época. “Enquanto, nas épocas de mudança, transformam-se as realidades circundantes, mas os critérios de julgar permanecem inalterados, nas mudanças de época também os critérios de julgar são atingidos”¹. É por isso que estamos vivendo situações nunca antes vistas.

Existe unanimidade em afirmar que já estamos vivendo os albores de uma “**nova era**”. Uma de suas características mais perceptíveis e impressionantes é a que se convencionou chamar “processo de globalização ou mundialização”. Tal processo está ocorrendo na área da economia, da política, da estratégia militar, da tecnologia, da informática, da engenharia genética, das comunicações... (IRIARTE, 1998, p. 26)

A proposta de uma Igreja em estado permanente de missão, na forma de uma missão

¹ Afirmação proferida na palestra intitulada: Uma Igreja em mudança de época - Pontos relevantes para a compreensão da Igreja na segunda década do século XXI, por Pe. Joel Portela, Itaici, 2010. – disponível na internet em 22 de dezembro 2012 http://www.cnbb.org.br/site/images/stories/arquivos/A_Igreja_num_mundo_em_mudanca_-

continental, é a resposta que a Igreja dá ao mundo em relação aos desafios da cultura globalizada, e, ao mesmo tempo, um desafio da Igreja para si mesma, pois o atual contexto exige que a ela reveja particularmente a sua atuação no mundo, buscando recuperar a identidade missionária e redimensionar a missão. Desse modo, a missão necessita de agentes capacitados para discernir quais são os desafios que emergem da globalização e da nova cultura, a fim de encontrar métodos missionários mais adequados, para não correr o risco de uma missão improvisada. “Ora, pelo menos três grandes desafios emergem dos dois novos sinais dos tempos: o desafio da nova racionalidade, o desafio do crescente mundo da insignificância com os novos rostos dos pobres e o desafio do pluralismo – cultural e religioso” (BRIGHENTI, 2004, p. 11).

A América Latina e o Caribe sofrem as dores causadas pelas crises sociais e religiosas que afligem a humanidade também em outros continentes. Conforme afirmação de Aparecida, “os povos da América Latina e do Caribe vivem hoje uma realidade marcada por grandes mudanças que afetam profundamente suas vidas” (Dap 33). A cultura globalizada fez surgir uma nova consciência do valor da pessoa humana e construiu um modelo de sociedade cuja característica fundamenta-se no individualismo pessoal. Dessa forma, a nova sociedade que emerge a partir de uma razão crítica de indivíduos emancipados não acolhe o tradicional e questiona as verdades, fundamentando-se nas próprias convicções e seguranças. Há também uma insegurança generalizada em função das constantes transformações que acontecem no mundo de forma vertiginosa. Destacam-se também a crise das diversas instituições e a generalizada corrupção em todos os níveis, especialmente nas classes políticas; o recrudescimento da desigualdade social produz exclusão em patamares crescentes.

Os teólogos da atualidade entendem que o fenômeno cultural produz e dissemina um novo modelo de vida que se fundamenta a partir da sobrevalorização da subjetividade individual, centralizada no consumismo e no prazer, indiferença pelo outro, relativismo e artificialidade. As mudanças ocorridas no mundo nos últimos anos são na verdade resultado de um processo secular que vem gradativamente se impondo, e que, por diversas circunstâncias, acentuaram-se mais nos últimos anos. A modernidade teve seu início na revolução cultural promovida pelo humanismo e pelo renascentismo no século XVI, mais tarde passando pelo racionalismo, pela revolução científica, o empirismo inglês, iluminismo francês, fazendo a passagem de uma consciência teocêntrica para uma consciência antropocêntrica, e atualmente de uma consciência antropocêntrica, para uma consciência cosmocêntrica. (BRIGHENTI, 2004, p. 16). Com a supervalorização do ser humano e um estilo de vida mais intimista que prescinde de Deus e do outro, a atual sociedade formada a

partir de novos valores tornou-se vítima de uma grande crise existencial.

Merlos diz que a sociedade atual é “uma sociedade desencantada, que não encontra pontos de referência para continuar construindo um mundo com sentido” (MERLOS, 2010, p. 209). Diante desse panorama sombrio, o ser humano não está tranquilo, pesa sobre ele um clima de incerteza, de insegurança e angústia, que afeta inclusive sua dimensão religiosa. A teologia da missão tem buscado constantemente novas respostas, a fim de manter a Igreja atualizada no contexto, mas a verdade é que a Igreja é confrontada com um mundo cada vez mais distinto. Libânio aponta alguns traços que afetam a missão evangelizadora na sociedade do conhecimento que se define como pós ou hipermoderna.

O exacerbamento do individualismo leva ao extremo a autonomia, a emancipação em face da tradição, das instituições, de qualquer tipo de autoritarismo, dogmatismo, providencialismo (...) Rompe-se com as explicações globais em prol de pequenas e fragmentadas interpretações provisórias enquanto servem. A história e a utopia cedem lugar ao puro presente, ao instantâneo (LIBÂNIO, 2010, p. 45).

No campo religioso, desenvolveu-se uma nova maneira de praticar a religião. “O deslocamento da militância para a mística” (BRIGHENTI, 2004, p. 25). E mística no sentido subjetivo de salvação, onde o desejo de salvação se resume na prosperidade financeira, saúde física e psicológica. Portanto, a Igreja encontra-se hoje diante de situações completamente diferentes as quais encontrou até agora. Conforme palavras de Merlos, “para ninguém é novidade afirmar que nossa época é enormemente complexa, desconcertante e cheia de interrogação” (MERLOS, 2010, p. 208). São novos desafios que emergem a todo instante, e demandam nova compreensão no conceito de missão para definir novos modelos missionários e manter a Igreja dentro da história. Constata-se que o ser humano moderno não é mais o mesmo no modo de ser e de pensar. A nova cultura fez emergir um novo tipo de sujeito, mais individualista e narcisista, que vê o mundo a partir da própria concepção de realidade, que prescindem do coletivo para viver o individual. Submergindo à consideração pelo coletivo, o ser humano não se vê mais subordinado às obrigações pelo que não está relacionado à sua individualidade.

2.2 O Contexto de nossos povos na América Latina e no Caribe

A realidade social no Continente americano e caribenho carrega marcas profundas de injustiça, pobreza e desigualdades sociais que há vários séculos alcançam milhões de pessoas, e tudo indica que esta situação não se reverterá tão cedo. A alvorada de uma nova época, sob

o domínio da ciência e da tecnologia, embora tenha proporcionado mais qualidade de vida para alguns, nos coloca no contexto da parábola evangélica do homem rico que se vestia de púrpura e se banqueteara todos os dias, enquanto na sua porta, coberto de chagas, o pobre Lázaro sequer tinha acesso às migalhas desperdiçadas pelo rico (Lc 16, 19-31). Esta parábola ilustra bem a realidade dos povos no continente americano e caribenho, indiscutivelmente a terra das injustiças e desigualdades, conforme se percebe através das diversas situações que foram assinaladas pela Conferência.

2.2.1 Situação sócio-cultural

As contínuas mudanças sociais provocadas pelo progresso científico produziram uma nova consciência mundial influenciada pela nova cultura que se tornou mais acentuada em função da mudança de época. Nela, destaca-se com maior profundidade o nível cultural (DAP 44). Brighenti é bem incisivo referindo-se às implicações sociais provocadas pela mudança de época com relação à cultura. “A mudança de época se manifesta, sobretudo, no âmbito cultural, pois se desfaz a concepção integral do ser humano, em sua relação com o mundo e com Deus. Surge uma supervalorização da subjetividade individual” (BRIGHENTI, 2008, p. 6). É certo que esta nova cultura produz um modelo de vida contraditório à prática cristã e se impõe com uma característica que tende a prescindir da comunhão com o outro e com Deus, em troca da sobrevalorização do indivíduo (DAP 44), onde cada um estabelece o próprio conceito de valores. O paradigma atual decorre e, ao mesmo tempo, produz uma nova cultura que desafia os valores humanos, sociais e religiosos, e tende a propor um novo estilo de vida, contrários à própria natureza e dignidade humana (DAP 387), que se impõe por meio de ideias focadas no consumismo e no prazer (DAP 315). Com a supervalorização da imagem pessoal, e um estilo de vida mais intimista que prescinde de Deus e do outro, a atual sociedade, formada a partir de novos valores, tornou-se vítima de uma grande crise existencial. “Criou-se uma cultura de morte, em que não há mais nada a destruir do que o próprio mundo. A crise é, na realidade, de sentido” (BRIGHENTI, 2004, p. 49). Na verdade, trata-se de um novo modelo de vida adotado pela sociedade moderna, em função das promessas imediatas de felicidade e do bem-estar pessoal. “Empresas multinacionais, partidos políticos, o mundo midiático, as religiões dizem que têm a melhor oferta, a de mais qualidade, que deixará alguém completamente satisfeito” (MERLOS, 2010, p. 212). E estão cumprindo o que prometem? “Está comprovado que hoje trabalhamos mais, produzimos mais, consumimos mais, e estamos mais, muito mais insatisfeitos que outras gerações” (SUSIN, 2010, p. 30).

Trabalhamos mais em função de nossos desejos, para ter mais e preencher o vazio da insatisfação.

Para despertar o desejo e criar a consciência consumista como passagem resumida para a felicidade, o sistema conta com o apoio da mídia como fator determinante no consumo, de maneira que a tecnologia, associada aos interesses do processo de globalização, ordena o mundo atual como uma grande cultura midiática (DAp 484). A mídia interfere significativamente nas relações econômicas, domina a consciência individual e promove o mercado com objetivos específicos de lucro. “A publicidade e a indústria da diversão são como fábricas de sorrisos. Mas em muitos aspectos o mundo de hoje está podre. A população está confundida/esmagada por objetos de consumo descartáveis e por meios de comunicação estereotipados” (IRARRAZAVAL, 2010, p. 249). A nova cultura do consumo vai se impondo sobre as culturas locais com a intenção de fixar uma única cultura em todos os setores (DAp 46), despertando desejos individuais que serão satisfeitos pelo mercado. Cescon caracteriza este desafio como cultura “do pensamento único” e explica: “o vazio deixado pelas grandes narrativas – que, independentemente do seu grau de verdade ou de erro, haviam motivado o ideal, o compromisso – foi preenchido, de modo dominador, pela lógica de mercado como pensamento único que sacrifica a utopia à realidade concreta” (CESCON, 2007, p. 952). Esta é a razão por que o mercado investe bilhões em publicidade, utiliza os Meios de Comunicação Social, muitas vezes, instrumentalizados a seu serviço. O mercado publicitário é extremamente competente e criativo, com inteligência desenvolve campanhas de publicidades, atraindo o consumidor para ideais distantes e maravilhosos, seduzindo ilusoriamente no sentido de satisfazer desejos pessoais, por meio de produtos que dão resposta imediata. São passageiros, mas apresentam-se com caráter salvador (DAp 50).

Fenômeno de ordem global, a nova cultura do consumo está presente em todos os lugares e repercute na vida de todos, independentemente de classe social ou idade, afetando inclusive as pessoas que não podem comprar. “Crescem na lógica do individualismo pragmático e narcisista, que desperta nelas mundos imaginários especiais de liberdade e igualdade” (DAp 51). Na economia atual, o consumo tornou-se o motor do sistema, porém, muitos não têm acesso aos bens produzidos pela agricultura ou pelas indústrias. Contradizendo a lógica do mercado, que se sustenta no tripé da produção, consumo e lucro, nega-se às grandes maiorias o acesso aos bens que elas próprias ajudaram a produzir, contribuindo para a construção de uma sociedade à parte que não tem o essencial para viver como pessoas (DAp 54). A realidade dos excluídos chama atenção, pois “assistimos a novos desafios que nos pedem para sermos vozes dos que não têm voz” (DAp 476).

A questão da sobrevalorização da subjetividade individual contribui para a formação de uma nova sociedade que prioriza apenas o individual, sem compromisso com o outro, com o coletivo e com as instituições. É a cultura do “eu”, prescindindo das relações sociais, na indiferença pelo outro. Outra característica da nova cultura é a exaltação do “ter” independente do “ser”. Nesse sentido, percebe-se “a influência de uma cultura frequentemente dominada pelo materialismo, pelos interesses egoístas e por uma concepção de homem contrária à visão cristã” (DAp 506). Na cultura cristã, os valores que emergem da mensagem evangélica, orientam o ser humano para a simplicidade, humildade e partilha dos bens.

Percebe-se também certo relativismo que se manifesta na fragilidade das relações, dos valores e das verdades. Prevalece, na sociedade, a imposição de uma cultura que se distingue pela artificialidade das coisas. Um lado perverso dessa cultura caracteriza-se pela condução ilusória das pessoas na sensação de que tudo é passageiro, descartável e provisório (DAp 321). Esta realidade, que emerge da nova cultura, vem provocando a subversão dos valores morais e sociais que são norteadores da existência humana, eclipsando o real e criando uma nova visão da realidade (DAp 45). Fundamentada em valores artificiais contrários às verdades absolutas, até o conceito de Deus foi relativizado. Nessa perspectiva, a sociedade é regida diretamente pela ideologia do consumo que, no afã de produzir mais para lucrar mais, tornou-se o principal responsável pela relativização da vida e da falência das instituições. Inclusive as relações humanas são conduzidas por interesses pessoais na mesma perspectiva da lei do consumo (DAp 46).

Este moderno estilo de vida proposto pela nova cultura projeta o ser humano contra sua própria natureza, provoca nova visão da realidade e acaba destruindo o elemento humano presente nas culturas. No entanto, o ser humano sente necessidade de transcender e não aceita os valores impostos “pela difusão de uma cultura distante e hostil à tradição cristã” (DAp 10), e vai à busca de uma resposta para satisfazer a sua inquietação. Essa busca pelo religioso favorece a criação de um mercado religioso de maneira que, todos os dias, vemos o surgimento de novas denominações religiosas. Ocorre que estas igrejas, valendo-se da instabilidade e insegurança do ser humano, estão procurando responder com receitas próprias à sede de Deus manifestada pelos povos (DAp 10).

Chama atenção particularmente a cultura urbana formada por um mosaico cultural que se manifesta com diferentes formas de expressão, muito ativa, porém instável e substituível. Ela é “híbrida, dinâmica e mutável, pois amalgama múltiplas formas, valores e estilos de vida e afeta todas as coletividades” (DAp 58), comprometendo a convivência dos cidadãos em função da complexidade dos problemas de identidade, pertença, relação, espaço vital e lar,

que essa cultura proporciona. As novas gerações que emergem desse contexto são forjadas na lógica do relativismo, onde viver é apenas participar de um espetáculo, descompromissado do futuro e desligado do passado. Percebemos que a mudança cultural produz o surgimento de novos sujeitos, estilos de vida diferentes do tradicional, com novo jeito de pensar, de sentir, de perceber, e surgem também novas formas de se relacionar (DAp 51). São valores estranhos à religião que se impõem na sociedade, porque a produção cultural não acontece no ambiente religioso e sagrado, mas os efeitos dessa cultura se estendem a todos, inclusive aos cristãos que acabam recebendo sua influência e seus impactos (DAp 509).

2.2.2 Situação sociorreligiosa

Constata-se também um enfraquecimento na experiência religiosa que afeta a instituição em geral e o comprometimento dos fiéis. O número dos fiéis não tem crescido na mesma proporção do aumento populacional. Por outro lado, não tem brotado vocações suficientes no clero e, sobretudo, nas religiosas que caminham em retrocesso em relação ao crescimento populacional em nossa região (DAp 100 a).

O medo de avançar na história acompanhando a evolução do mundo põe em risco as conquistas do Concílio Vaticano II, e há um retrocesso para uma espiritualidade anti-vaticano “seja algumas leituras e aplicações reducionistas da renovação conciliar” (DAp 100 b). Além disso, nossa opção preferencial pelos pobres é fraca, pois a dura realidade que fere suas vidas não é devidamente assumida com o espírito evangélico, limitando-se a algumas ações meramente sociológicas e paliativas que não servem como testemunho da fé, pois não chegam às questões mais profundas que estão na origem da pobreza. A vivência de uma fé desencarnada da realidade da vida tem ofuscado a presença da Igreja no mundo, como constatou o Papa Bento XVI no discurso Inaugural de nossa Conferência: “*percebe-se certo enfraquecimento da vida cristã no conjunto da sociedade e do próprio pertencimento à Igreja Católica*” (DAp 100 b).

Sabemos que, por muitos séculos, a Igreja foi a grande orientadora da humanidade. Diante dos conflitos mais dolorosos do mundo, lá estava ela para promover a paz. Agora, diante dos grandes desafios que a mudança de época apresenta no mundo, a Igreja não pode ficar indiferente, por isso “é chamada a repensar profundamente e relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais” (DAp 11). No entanto, o testemunho de vida dos cristãos desacredita a Igreja como a grande inspiradora da humanidade. Aparecida assevera que “nossa maior ameaça é o medíocre pragmatismo da vida

cotidiana da Igreja, no qual, aparentemente, tudo procede com normalidade, mas na realidade a fé vai se desgastando e degenerando em mesquinhez” (DAp 12). A indiferença dos católicos compromete a dimensão missionária da Igreja impedindo que a plenitude da vida, que Jesus oferece, seja uma realidade de todos.

A plenitude da vida foi fundamental na missão de Jesus. Sua vida, os discursos e as ações apontam nessa direção. O que motivava a missão era a distância que separava os ricos dos pobres. Por esta razão, Jesus pregava a partilha dos bens como forma de corrigir as injustiças sociais, e publicamente tenha declarado a preferência pelos pobres e excluídos. Nas pegadas do Mestre, a Igreja precisa sair da indiferença e assumir definitivamente a vida e o sofrimento dos pobres do Continente, vendo as realidades do mundo com olhar misericordioso de Deus (DAp 362). É, portanto, a plenitude da vida que interpela discípulos missionários a sair da indiferença e manifestar sua fé por meio da solidariedade em defesa da vida e da dignidade humana.

2.2.3 Situação socioeconômica

Aparecida vê a dimensão econômica com reservas e preocupações, porque o sistema exclui e marginaliza grande parte da humanidade. Lamenta que esta seja a face mais propagada e de êxito da globalização, de maneira que a economia não está apenas acima, mas submete todas as outras dimensões da vida humana (DAp 61). O fenômeno da economia globalizada apresenta características ambíguas: por um lado, promove a concentração de riquezas nas mãos de uma casta privilegiada, enquanto, no reverso, deixa a imensa população excluída do sistema. “Na América Latina e no Caribe, a modernidade significou benefício para uns poucos e a exclusão para a maioria. Entre nós, há ilhas de prosperidade, rodeadas de um mar de pobreza” (BRIGHENTI, 2006, p. 28). Ocorre que, “As instituições financeiras e as empresas transnacionais se fortalecem a ponto de subordinar as economias locais, sobretudo debilitando os Estados, que se tornam cada vez mais impotentes para implantar projetos a serviço de sua população” (BRIGHENTI, 2008, p. 6). Mais grave ainda é a dinâmica do mercado, que “absolutiza com facilidade a eficácia e a produtividade como valores reguladores de todas as relações humanas. Este peculiar caráter faz da globalização um processo promotor de iniquidades e injustiças múltiplas” (DAp 61). Com a capacidade de determinar os rumos da cadeia produtiva até o consumo, “segue uma dinâmica de concentração de poder e de riqueza em mãos de poucos” (DAp 62). Brighenti observa bem os impactos sociais do atual modelo econômico: “Para um terço da humanidade, o fenômeno da

globalização representa vida e criatividade, avanço e realização; para os dois terços órfãos desse processo, não tem sido outra coisa senão frustração, exclusão e morte” (BRIGHENTI, 2004, p. 70). Na percepção de Irarrazaval, o setor econômico é o responsável pela condução dos rumos da humanidade na atualidade. “Em termos gerais, a grande problemática contemporânea é que tudo dança ao ritmo de uma norma econômica mundial” (IRARRAZAVAL, 2010, p. 251). Isso implica que estamos sob as ordens de um sistema que flutua virtualmente no mundo, e, sequer sabemos onde podemos encontra-lo.

Socialmente, os efeitos desse modelo de mercado são perversos, pois não há distribuição equitativa dos resultados. Muitos não são contemplados pelas benesses do desenvolvimento e ficam de fora aqueles que, por falta de oportunidades, não se encontram devidamente capacitados e informados, e não dispõem de acesso a novas tecnologias. Uma leitura do contexto social atual mostra que, na América Latina e Caribe, ainda são muitos os excluídos:

Entre eles estão as comunidades indígenas e afro-americanas; muitas mulheres são excluídas, em razão de seu sexo, raça ou situação socioeconômica; jovens que recebem uma educação de baixa qualidade e não têm oportunidades de progredir em seus estudos nem de entrar no mercado de trabalho para se desenvolver e constituir uma família; muitos pobres, desempregados, migrantes, deslocados, agricultores sem terra, aqueles que procuram sobreviver na economia informal; meninos e meninas submetidos à prostituição infantil ligada muitas vezes ao turismo sexual; também as crianças vítimas do aborto. Milhões de pessoas e famílias vivem na miséria e inclusive passam fome. Preocupam-nos também os dependentes das drogas, as pessoas com limitações físicas, os portadores e vítimas de enfermidades graves como a malária, a tuberculose e HIV – AIDS, que sofrem a solidão e se veem excluídos da convivência familiar e social. Não nos esqueçamos também dos sequestrados e aqueles que são vítimas da violência, do terrorismo, de conflitos armados e da insegurança na cidade. Também os anciãos que, além de se sentirem excluídos do sistema produtivo, veem-se muitas vezes recusados por sua família como pessoas incômodas e inúteis. Sentimos as dores, enfim, da situação desumana em que vive a grande maioria dos presos, que também necessitam de nossa presença solidária e de nossa ajuda fraterna (DAp 65).

O lado sombrio da globalização torna-se evidente ao deparar com a situação social da massa excluída. A globalização não é solidária com os setores mais pobres, gerando um novo fenômeno: a exclusão social. “Para a América Latina e o Caribe, os desafios deste fenômeno manifestam-se no aumento do desemprego, queda dos salários, encarecimento do crédito, diminuição das remessas, aumento da pobreza, agudização da desigualdade” (HIDALGO, 2010, p. 57). Isso implica diretamente no sentido de pertença à sociedade, de maneira que a exclusão elimina qualquer possibilidade de participação social, pois não se trata apenas de não ter poder. A situação é mais grave: quem não consome, literalmente, está de fora. Aparecida constata com descontentamento que “os excluídos não são somente “explorados”, mas “supérfluos” e “descartáveis”” (DAp 65). Eles são os que não produzem, não consomem e,

consequentemente, não têm capacidade de gerar lucro para o sistema. Estão na sociedade, mas são excluídos do mercado por falta de poder.

A voracidade do sistema, no ímpeto de produzir e vender mais, se sobrepõe aos direitos dos Estados e dos indivíduos, submergindo os direitos econômicos, sociais, culturais e ambientais das populações locais. Causam danos ambientais e não assumem suas responsabilidades (DAp 66), comprometendo a vida no planeta. “Uma economia de rapinagem está destruindo a natureza, atentando contra a biodiversidade e ameaçando a vida” (BRIGHENTI, 2004, p. 78). Em que pese a tecnologia haver contribuído para o desenvolvimento, ela não se reflete de maneira análoga entre países ricos e pobres, ao contrário, a desigualdade social tem aumentado e o sistema econômico lamentavelmente tem produzido mais pobreza. Percebe-se ainda que a globalização não contribui de maneira ativa no combate à fome, nem para o desenvolvimento rural sustentável (DAp 67). O complexo mundo da economia privilegia uma casta social com as melhores oportunidades. Na observação de Brighenti, “a globalização pela via do mercado total é uma espécie de “darwinismo social”, que deixa órfãos dela dois terços da humanidade” (BRIGHENTI, 2007, p. 11). Isso implica que só os fortes sobreviverão, para os demais, excluídos e marginalizados, viver é um desafio diário que carece de uma fonte poderosa de inspiração.

Preocupante também é a questão do trabalho, especialmente porque é o setor econômico que determina o sustento da vida no planeta. Constata-se que a população potencialmente ativa da região está submetida ao subemprego (42%). Outros (9%) são mesmo desempregados e não têm salários, e outra parcela recorre ao trabalho informal, onde sobrevivem desprovidos de garantias no presente e no futuro (DAp 71). Situação semelhante encontra-se a sociedade rural dividida em duas classes: os latifundiários voltados para a produção do agronegócio, e os sem-terras, considerados mão de obra desqualificada, vivendo na condição de marginalizados e excluídos. No campo, há um paradoxo que nenhum sistema econômico ou político aventura-se a resolver. Constata-se uma imensa maioria de pequenos agricultores sofrendo por causa da pobreza, muitas vezes sem recurso para empreender um projeto mais ambicioso, quando sequer possuem a própria terra. Do outro lado, no mesmo país, existem grandes latifúndios concentrados nas mãos de poucos (DAp 72). Essa divisão provoca outro fator de relevância social, comum nas sociedades modernas. Trata-se da mobilidade humana, onde famílias migram constantemente em busca de oportunidades, ou simplesmente fogem da violência e da pobreza. E quanto mais pobre, mais vulnerável se torna a ponto de submeter-se a regime de escravidão, para ser tratada como “objeto”. Nisso se evidencia principalmente nos países mais pobres, também um vergonhoso tráfico de pessoas

para diversas finalidades, entre elas a prostituição, inclusive de menores (DAp 73).

Em relação aos aspectos negativos da globalização no contexto social, está o surgimento de novos rostos pobres em nossos povos (DAp 402), inclusive católicos de nossas Igrejas, pois “a imensa maioria dos católicos de nosso continente vivem sob o flagelo da pobreza” (DAp 176). Devemos considerar que as condições desumanas corroem a dignidade das pessoas, tornando-as mais frágeis e vítimas do sistema que os trata como “insignificantes”, pois a dignidade de filhos de Deus não é reconhecida.

2.2.4 situação sociopolítica

Depois de passar por um período de regimes totalitários que governaram a América Latina na segunda metade do século XX, o continente vive há mais de duas décadas sob governos democráticos. Embora as democracias tenham se fortalecido no continente, a região ainda vive uma crise social aguda marcada pelas desigualdades sociais. Algumas democracias, mesmo consolidadas, não são seguras para a população. Aparecida constata “com preocupação o acelerado avanço de diversas formas de regressão autoritária por via democrática que, em certas ocasiões, resultam em regimes de corte neopopulista” (DAp 74). Depois dos regimes ditatoriais que governaram a América latina por quase três décadas, o populismo ressurgiu e tem se manifestado no governo de alguns países, consolidando-se com apoio das massas marginalizadas em reação contra a globalização e se propaga, sobretudo, na região andina.

Por outro lado, alguns representantes não estão comprometidos com o interesse da coletividade. No uso do poder legalmente constituído, amparam o interesse próprio e facilmente se corrompem. Desse modo tem crescido a corrupção na sociedade e no Estado, nos poderes legislativo e executivo e em todos os níveis, chegando também ao judiciário, onde, muitas vezes, se age com parcialidade no favorecimento dos poderosos, gerando impunidade. Esse tipo de atitude procedente das instituições máximas do Estado coloca em risco a credibilidade das instituições públicas, não dá segurança ao povo e transmite um grande desprezo pela legalidade (DAp 77). Constantemente, a imprensa tem revelado ações corruptas da classe política que se transformam em modelo comportamental para a sociedade civil, levando à perda dos valores sociais da ética, da moral e da religião. Por isso, nossa juventude não se encanta pela política e fica indiferente à democracia (DAp 77).

Há também um sentimento de violência generalizada e crescente “que se manifesta em roubos, assaltos, sequestros e, o que é mais grave, em assassinatos que a cada dia destroem

mais vidas humanas e enchem de dor as famílias e a sociedade inteira” (DAp 78). Vivemos uma guerra urbana incessante e não sabemos quem é o agressor, de maneira que a violência tem se manifestado de forma multifacetada e procede de diversos agentes. É uma realidade que se depara com o crime organizado e o narcotráfico, grupos paramilitares, violência de todo gênero, mais aguda na periferia das grandes cidades. Chama atenção a violência sem precedente entre grupos de jovens, onde crimes acontecem por motivos fúteis ou torpes, sem explicação plausível. Verifica-se também o recrudescimento da violência dentro da família (DAp 78). Da parte do poder público, carece a iniciativa de promover a justiça igualitária, reconhecendo os direitos e os deveres de todos, independentes de classe social.

A regulamentação da ordem social a cargo do legislativo nem sempre atende a vontade popular. Em certos casos, o próprio legislador é incoerente na elaboração e aprovação das leis. Mesmo nos regimes democráticos, não é a vontade popular ou os direitos humanos que prevalecem, mas a vontade dos parlamentares ou assembleias legislativas que, em alguns casos, aprovam leis injustas (DAp 79). Nota-se também a ausência do cidadão na vida pública, o que favorece a improbidade administrativa e falta de compromisso com o interesse público. Daí a grande tarefa da Igreja, de “apoiar a participação da sociedade civil para a reorientação e conseqüente reabilitação ética da política” (DAp 406 a). Bento XVI, em seu discurso inaugural em Aparecida, pediu o fortalecimento da Igreja e sua presença pública, e convocou os leigos para que assumam com responsabilidade a missão na vida pública e, mais concretamente, formando consenso contra a injustiça (DAp 508). Isso significa que no mundo atual, Igreja, em estado permanente de missão, implica em católicos transformados em discípulos missionários, inseridos nos lugares em que se decidem os rumos das pessoas e das populações. No entanto, enquanto a Igreja busca defender a vida e a dignidade da pessoa humana, “em alguns países tem aumentado a repressão, a violência dos direitos humanos, inclusive o direito à liberdade religiosa, a liberdade de expressão e a liberdade de ensino, assim como o desprezo à objeção de consciência” (DAp 80). Autoridades e lideranças fazem alianças, protegendo-se mutuamente, amparadas nas leis aprovadas por elas próprias, enquanto a sociedade em geral continua à mercê da violência, em muitos casos, tendo o direito violado e reprimido.

Em função da nova ordem global estabelecida, a dimensão sociopolítica precisa ser analisada concomitantemente com a situação econômica. Isso amenizaria as conseqüências da economia globalizada nos povos da América Latina e do Caribe. A nova ordem global da economia caracteriza-se pela desnacionalização financeira que, em conseqüência, reduziu a autonomia do Estado nacional, uma vez que o mercado detém o poder econômico com a

capacidade de direcionar a produção. Nesse sentido, o mercado vai assumindo gradativamente o lugar do Estado, sobrepondo-se aos partidos políticos, relativizando o patrimônio público, favorecendo a fragmentação das instituições e enfraquecendo a nação (BRIGHENTI, 2004, p. 19). A debilidade do Estado impede-o de tomar decisões sobre aplicação dos recursos para promoção da pessoa humana, bem como não tem autonomia para direcionar a economia no sentido de promover renda e emprego para a população, pois está refém de um processo dirigido pelo mercado que vai direcionando os rumos da economia. Da mesma forma, empresas e classes estão submissas às decisões dos mercados financeiros, e são impedidas de tomar decisões autônomas, sem considerar o movimento do dinheiro no mercado mundial. “Quem dita os rumos, sejam quais forem as consequências para a vida das sociedades, é o interesse do lucro financeiro” (MARTINS, 1992, p. 8).

Destituído de autonomia, o Estado-Nação não tem o poder de interferir na economia como agente organizador e controlador e, da mesma maneira, não tem autonomia para atender às demandas de políticas sociais, fazer investimentos na saúde, educação e investimento para criação de novos empregos. Refém de um sofisticado sistema econômico mundial, que flutua exposto às tensões e vulnerabilidades do mercado global, pondo em risco a economia do Estado e limitando a sua função, o Estado realiza apenas as obras que são razoáveis. “A política converte-se na “arte do possível”, quando é a arte de tornar possível o aparentemente impossível” (BRIGHENTI, 2004, p. 19). O Estado não tem mais projeto global e nem metas próprias, os partidos políticos são meros figurantes da democracia, incapazes de elaborar programas ou estabelecer metas de governo (COMBLIN, 1996, p. 232). Em função da fraqueza do Estado, limitado na missão de governar para o povo, a corrupção se verifica em todas as esferas do governo, a política passa por uma sensação de desencanto, sendo olhada com indiferença pelos cidadãos e são poucos os que se atrevem a participar da militância. Há um divórcio consumado dos cidadãos com a política.

2.2.5 Situação ecológica

Um dos principais problemas da humanidade, em discussão hoje, é a questão ambiental, e cresce cada vez mais o interesse da imprensa internacional em acompanhar as catástrofes naturais, cujos resultados não deixam dúvidas de que a vida do planeta está ameaçada. Os fatos falam por si e indicam que a natureza clama por socorro. Nesse sentido, a ecologia tornou-se também um importante desafio para a missão na atualidade, pois cabe à Igreja, nas palavras assertivas de Boff, proteger o planeta em defesa da criação. “Não se fará

uma evangelização que atenda aos desafios contemporâneos se não incluirmos o discurso ecológico” (BOFF, 2010, p. 141). Em nosso contexto, são inúmeras as denúncias de agressão à natureza, principalmente contra as indústrias extrativistas internacionais e a agroindústria. Pesa contra elas o desrespeito pelos direitos econômicos, sociais, culturais e ambientais das populações locais. Seus atos predatórios deixam sequelas no ambiente local, e não são assumidos com responsabilidade. A produção industrial em busca do desenvolvimento econômico não analisa devidamente o impacto ambiental, que causa danos à biodiversidade. Na ganância de produzir mais, estão contribuindo para o esgotamento das reservas de água e de outros recursos naturais, contaminando o ar e provocando mudanças climáticas. A produção industrial está acima do valor da pessoa humana e não se leva em consideração sua necessidade de sobrevivência. A região sofre hoje as consequências do aquecimento global provocado pelo método de produção e o estilo de vida não sustentável dos países industrializados (DAp 66).

A voracidade com que o poder econômico apropria-se da natureza, em busca de alimentar a indústria e produzir mais riquezas, chama atenção da comunidade internacional para uma tomada de consciência, no sentido de reverter o processo de destruição que já foi longe demais. “Liquidamos cerca de 2/3 das florestas, e, a cada dia, se abatem cem campos de futebol da floresta amazônica” (BOFF, 2010, p. 139). Notadamente, “a América Latina é o Continente que possui uma das maiores biodiversidades do planeta e uma rica sociodiversidade representada por seus povos e culturas” (DAp 83). Porém, a matéria prima que poderia gerar riqueza e dignidade para as pessoas que vivem na região, tornou-se motivo de preocupação e instabilidade para a própria população, principalmente aos povos autóctones, porque não participam das decisões que tratam sobre as riquezas da biodiversidade e da natureza. Ademais, são povos que dependem da terra para sobrevivência, e a terra foi depredada e a natureza foi e continua sendo agredida (DAp 84).

Possuidora de uma biodiversidade invejável, mas sem proteção legal, nossa região sofre uma constante devastação ambiental, especialmente na Amazônia, com um agravante: as ameaças à dignidade humana de seus povos (DAp 85), como asseverou o Papa Bento XVI em seu discurso aos jovens, no Estádio do Pacaembu, em São Paulo. Essa ação humana irresponsável põe em risco a soberania nacional, pois “a crescente agressão ao meio-ambiente pode servir de pretexto para propostas de internacionalização da Amazônia que só servem aos interesses econômicos das corporações internacionais” (DAp 86). Porém, a questão ambiental é mais abrangente, envolve o âmbito mundial ou planetário. Aparecida fez um resumo das questões ambientais mais graves verificadas hoje no planeta. Lembrou a retração das geleiras

percebidas em todo o mundo, o degelo do Ártico e o impacto direto no ecossistema da região e ainda o aquecimento global e suas consequências em todo o planeta (DAp 87).

No capítulo em que fala sobre a vida, Aparecida retoma a questão do meio ambiente, denunciando a exploração irracional que vai deixando um rastro de dilapidação, inclusive de morte. E aponta para a responsabilidade direta do atual modelo econômico que, no afã de aumentar a riqueza, age imprudentemente contra a vida das pessoas e dos povos, desrespeitando inclusive a natureza. Alerta para o perigo da vida de milhões de pessoas, camponeses e indígenas, que estão expostos à devastação das florestas e da biodiversidade em atitude predatória e egoísta, e são expulsos para terras improdutivas ou para as grandes cidades, aonde vão se juntar a outros nos cinturões de miséria. Ressalva a necessidade que a região tem para progredir e desenvolver a agroindústria, valorizando as riquezas da terra e aproveitando a mão de obra disponível, gerando mais emprego na região. E refere-se oportunamente contra a industrialização selvagem e descontrolada, mencionando os problemas de contaminação do ambiente com todo tipo de dejetos orgânicos e químicos, deixados nas cidades e nos campos. Por fim, faz um alerta a respeito das indústrias extrativistas de recursos naturais em função dos impactos causados no ambiente circundante. Há um risco eminente ao ambiente que está ao redor de uma indústria, quando ela não possui um procedimento para controlar ou neutralizar os efeitos danosos que ela produz. Este risco se refere à contaminação das águas, a desertificação ou perigo contra a fauna. Segundo Aparecida, essas empresas extrativistas produzem a eliminação das florestas e podem transformar as regiões exploradas em imensos desertos (DAp 473).

Com tantas ameaças à vida do planeta, a questão ambiental tornou-se um problema da fé, pois depende da tomada de consciência dos cristãos para criar outro modelo de economia menos agressivo ao meio ambiente. Na América Latina e no Caribe, desenvolveu-se uma forma de compreender a relação do ser humano com a natureza chamado de “*engajamento socioambiental*”. “Esta corrente critica a economia de mercado que simultaneamente destrói as culturas dos “povos de raiz”, dilapida o meio ambiente e cria uma multidão crescente de excluídos” (MURAD, 2010, p. 119). Este é o conceito que norteia o Documento de Aparecida, relacionando, de forma adequada, a biodiversidade dos nossos ecossistemas com a sociodiversidade humana. Vai ao cerne da questão e denuncia a exclusão das populações tradicionais e a tendência à privatização da água. Coloca ênfase na Amazônia, considerando-a como realidade complexa, sob pontos de vista diferentes e complementares. Emite som de alerta quanto ao aquecimento global. E emite um parecer crítico sobre o atual modelo econômico (MURAD, 2010, p. 119)

2.3 Desafios eclesiais e pastorais para a missão

Da mesma forma em que Aparecida percebeu a realidade dos povos na América Latina e no Caribe, também observou que a Igreja apresenta luzes e sombras. Evidentemente, a Igreja recebe os reflexos da realidade que as pessoas vivem. Afinal, os cristãos que pertencem às nossas comunidades são cidadãos do mundo, e não estão imunes às implicações emergentes da mudança de época e suas consequências, duramente impostas sobre a humanidade. De modo geral, na dimensão espiritual, observa-se que muitas pessoas vão em busca do religioso, entretanto, “não significa uma volta às instituições religiosas tradicionais, mas a irrupção de uma religiosidade eclética e difusa, deslocando a militância para a mística na esfera da subjetividade” (BRIGHENTI, 2008, p. 18s). Os efeitos oriundos do mundo secular contribuíram negativamente, e promoveram mudanças significativas no comportamento dos fiéis batizados. Na percepção da Conferência, as sombras da Igreja estão relacionadas com as práticas religiosas dos católicos e com a instituição em geral. Destacou a Conferência, a diminuição do número de católicos, mas enfatizou, sobretudo, a qualidade dos fiéis batizados. No quesito qualidade, a ênfase foi colocada sobre o sentido de pertença, participação e ligação fé e vida. Mas, percebeu também que, em função da carência de presbíteros, a Igreja não consegue promover o devido acompanhamento às pessoas. Mesmo as comunidades católicas, muitas delas, não são atendidas regularmente pelo ministro ordenado, ficando a cargo do ministro extraordinário. Outras situações que desafiam a Igreja nesse momento são a questão da linguagem e do uso da mídia. Sabemos que as pessoas da modernidade são orientadas pela mídia, e dispõem de uma nova linguagem para se comunicar. Aparecida passou em revista as situações eclesiais mais sombrias que exigem atitude urgente.

2.3.1 A baixa numérica dos católicos

Os sinais estatísticos que medem quantitativamente os católicos na América Latina e no Caribe mostram que, nos últimos anos, houve uma queda gradativa no percentual, e ela se mantém numa constante a cada ano que se passa. As estatísticas revelam que “um número significativo de católicos está abandonando a Igreja para entrar em outros grupos religiosos” (DAp 100 f). No Brasil, os católicos formavam a imensa maioria até os anos 70 do século passado, quando ultrapassavam o percentual de 90%. O Brasil era praticamente um país católico. “Os primeiros sinais estatísticos de diminuição de católicos apareceram por volta dos anos 80, quando o percentual caiu para um pouco menos de 90%. Já no ano 2000, o censo do

IBGE apontou 73% de católicos – queda de mais de 20% em três décadas” (LIBÂNIO, 2008, p. 25). A mesma constatação faz Bakker, afirmando que, somente no Brasil, a perda de católicos atinge a cifra de um milhão por ano. “As estatísticas oficiais indicam que isso ocorreu em cada um dos últimos dez anos e tudo leva a crer que continuará sendo assim também nos próximos dez anos”. (BAKKER, 2011, p. 8). Segundo dados coletados pelo Censo 2010, sabemos que o número de católicos no Brasil caiu para 67,84%.

O problema não se limita a uma queda percentual. A preocupação avança sobre aqueles que se intitulam católicos, mas se encontram distantes da comunidade e sem consciência de pertença. São aqueles que apenas esporadicamente expressam a fé ou seu pertencimento à comunidade (DAP 160). Considerando a superpopulação das cidades, que acrescenta novos moradores a cada dia, o número de católicos que comparece para a celebração dominical é pequeno. A imensa população se mantém afastada, e muitas pessoas ainda desconhecem Cristo (DAP 173). Na previsão do padre jesuíta Thierry Lienard de Guertechin, do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (Ibrades), organismo vinculado à CNBB, “Os católicos praticantes – aqueles que vão à missa, recebem os sacramentos e participam da comunidade são apenas 5%, ou cerca de 7 milhões, num universo estimado em pouco mais de 130 milhões de fiéis”².

Percebe-se também que muitos fiéis abandonam a Igreja migrando para algumas seitas ou grupos religiosos; outros fazem um caminho bem mais radical seguindo as correntes culturais contrárias a Cristo e a Igreja (DAP 185). Existe ainda o fato que muitos cristãos, que não participam com regularidade na Eucaristia dominical, vivem ausentes dos sacramentos, e não estão inseridos na comunidade eclesial. Por conseguinte, é grande o percentual de católicos que não têm consciência da missão, não assumem com responsabilidade o múnus batismal e possuem fraca identidade cristã (DAP 286). Isso significa que muitos católicos não têm o desejo de participar da comunidade, e outros sequer foram iniciados ou evangelizados.

2.3.2 Falta o sentido de pertença à Igreja católica

Configurados a Cristo, os batizados são introduzidos na Igreja para pertencer à comunidade dos filhos de Deus. Todo batizado tem um compromisso com a comunidade. Não somos batizados só para encher as igrejas, mas para viver em comunhão e fazer a experiência

² GUERTECHIN T. Lienard. **Católicos perdem espaço no Brasil**. Jornal Tribuna do Norte, Natal, publicado em 21 de abril de 2012. Disponível em < <http://tribunadonorte.com.br/noticia/catolicos-perdem-espaco-na-populacao-brasileira/218266>>. Acesso em 20 de setembro 2012.

da fé na partilha, serviço e caridade. Por isso, ser cristão significa despojar-se do individualismo e viver o verdadeiro sentido de comunhão, fraternidade e partilha, seguindo o modelo cristão das primeiras comunidades (At 4,42s). Entretanto, a nova cultura favoreceu o sujeito autônomo, emancipado e individualizado, e os efeitos para a Igreja aparecem nas “práticas de devoção fragmentadas, adesões seletivas e parciais às verdades da fé, uma participação ocasional em alguns sacramentos, repetição de princípios doutrinários, moralismos brandos ou crispados que não convertem a vida dos batizados” (DAP 12). Ou ainda, demonstração de fé e de pertencimento à Igreja de forma esporádica (DAP 160).

Hoje com muita naturalidade, substituiu-se a vivência comunitária e o sentido do transcendente pela experiência religiosa subjetiva. O teólogo Brighenti faz uma leitura panorâmica do contexto atual, e o define nesses termos: “Assistimos ao surgimento de uma nova experiência religiosa, eclética e difusa, conglomerada em espécies de “comunidades emocionais”, que tendem a fazer de Deus um objeto dos próprios desejos e, da instituição, um “mercado do religioso”” (BRIGHENTI 2004, p. 9). Nesse caso, o distanciamento da comunidade vai desgastando a fé e degenerando em mesquinhez (DAP 12). Para que a Igreja não venha a falhar no cumprimento de sua missão, há necessidade de “uma ampla participação da igreja, internamente na integração dos seus membros e externamente interagindo com o contexto” (OLIVEIRA, 2011, p. 144). A prática religiosa com pouca vivência comunitária compromete a fé, que não resiste aos embates do dia-a-dia, e confuso, o cristão acaba optando por caminhos alternativos. Por isso, nas últimas décadas, muitas pessoas perderam o sentido do transcendente e abandonaram as práticas religiosas, ou, simplesmente, juntaram-se a outros grupos religiosos (DAP 100 f). Dessa forma, observa-se a criação de um círculo vicioso, em que o distanciamento da comunidade impede o cristão de alimentar a fé, enquanto a fé degenerada não mais consegue levá-lo de volta à comunidade.

2.3.3 A necessidade de engajamento e participação na Igreja

Leigos são “todos os cristãos que não são membros da sagrada ordem ou do estado religioso reconhecido pela Igreja, isto é, os fiéis que, incorporados em Cristo pelo batismo, constituídos em povo de Deus e tornados participantes, a seu modo, da função sacerdotal, profética e real de Cristo” (LG 31). São eles que exercem, segundo seus dons e carismas, a missão da Igreja no mundo. O Concílio Vaticano II retirou a barreira que separava a hierarquia dos leigos, e devolveu a originalidade da missão, declarando explicitamente: “O

apostolado dos leigos é participação na própria missão salvífica da Igreja. A este apostolado todos são destinados pelo próprio Senhor através do batismo e da confirmação” (LG 33). A Conferência de Aparecida convocou os leigos para a missão, chamando-os de discípulos missionários, e delegou a eles a tarefa missionária de uma Igreja em estado permanente de missão, para reavivar a fé das comunidades, e fazer que outras pessoas tornem-se discípulas de Jesus também. O projeto missionário de Aparecida abarca todos os membros da Igreja, clérigos e leigos, recordando que a missão de conservar e alimentar a fé do povo de Deus é tarefa de todos que, em virtude do batismo, foram chamados a tornarem-se discípulos e missionários de Jesus (DAp 10). Segundo a compreensão de Bosch, as pessoas leigas não são mais como escoteiras que retornam do “mundo lá de fora” com testemunhos oculares e se apresentam à “base de operação”, mas são elas próprias a base de onde parte a missão (BOSCH, 2002, p. 563).

A presença missionária dos leigos nas realidades do mundo torna a Igreja mais sinal de salvação, porque os leigos “são homens da Igreja no coração do mundo, e homens do mundo no coração da Igreja” (DAp 209). No exercício da atividade temporal, vivendo no seu cotidiano, mas comprometidos com o Evangelho, os leigos realizam sua missão no mundo, e, como agentes missionários, conseguem chegar a lugares que a Igreja não atinge pela presença do ministro ordenado, e, por meio da atividade missionária, tornam crível a fé que professam. No entanto, para o exercício da missão no cotidiano da vida, urge que se dê uma formação específica. Porque, a atividade missionária se desenvolve no vasto e complexo mundo da política, da economia, também da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos *mass media* e outras realidades (DAp 210).

Os leigos são chamados também à “participação comunitária e ao compromisso cidadão” (DAp 286). Comunitário, por meio das ações pastorais bem engajados na vida das comunidades cristãs, e, principalmente, participando nas ações concretas da missão da Igreja no mundo. Cidadão, inserindo-se no “mundo da cultura, da política, da opinião pública, da arte e da ciência” (DAp 480), contrapondo-se aos valores do antirreino, iluminando setores importantes da vida pública e contribuindo para a reorientação e reabilitação da ética na política. Para a Igreja chegar aos setores mais vulneráveis da sociedade, será necessário “apreciar e estimular os voluntariados sociais, as diversas formas de livre auto-organização e participação populares e as obras de caridade, educativas, hospitalares, de cooperação no trabalho e outras promovidas pela Igreja” (DAp 539). Na missão da Igreja, o leigo tem o seu lugar próprio de participação, e o compromisso com o mundo pode ser o lugar específico de sua missão. Entretanto, Aparecida constata que as opções de vida oferecidas pela

modernidade têm afastado alguns católicos do Evangelho (DAp 100 h), e também assinala a fraca participação de líderes da Igreja nos meios que decidem a vida e o destino das pessoas. Isso acontece no âmbito político, comunicativo e universitário (DAp 502).

2.3.4 A falta de ligação da fé com a vida

A América Latina vive “estridentes contrastes” sociais, questionando um cristianismo de práticas espirituais que não contribui para a transformação social e mantém uma população em condições desumanas. “Uma Igreja que não salva – melhor dizendo -, que não é realmente mediação de salvação, não serve para nada. A fé, que opera pelas obras, precisa ser eficaz e sua ação precisa causar impacto sobre a totalidade das realidades históricas” (BRIGHENTI, 2004, p. 12). A realização do projeto anunciado por Jesus de instituir na terra o reinado de Deus permanece ativa em função da salvação integral do ser humano; no entanto, a sua organização histórica precisa de gestos concretos realizados por mãos humanas, capazes de construir uma nova realidade social. Aparecida, ao ver a realidade dos povos da América Latina e do Caribe, percebeu que as condições de vida de muitos abandonados, excluídos e ignorados, vivendo em situação de miséria e dor, são contrárias ao projeto do Pai e desafiam os cristãos a um compromisso sério em favor da cultura da vida. Afirma que o Reino de vida, que Cristo apresentou e inaugurou, não condiz com essas situações desumanas (DAp 358). A verdadeira fé carrega suas obras ligadas a si, e fé sem obras não é verdadeira fé: “Tu tens fé e eu tenho obras. Mostra-me a tua fé à parte das obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras” (Tg 2,18). E Aparecida vai além afirmando que de nossa fé em Cristo brota a solidariedade para o encontro e serviço do outro, manifestado em gestos visíveis, principalmente em defesa dos mais fracos e excluídos, e no acompanhamento constante dos mais vulneráveis, para que eles próprios consigam, com esforço pessoal, sair da situação em que se encontram (DAp 394). No entanto, na América Latina e no Caribe, a realidade social dos povos denuncia a existência de uma dicotomia entre a fé e vida.

Encarnar a fé na própria vida é apostar em Deus e assumir seu projeto, de modo que a vida plena querida por Deus torne-se um compromisso social como parte integrante da missão. Fé encarnada significa fidelidade autêntica à missão de Jesus, onde o discípulo, identificado com o Mestre, compromete sua vida em função da paixão pelo reino. Identificar-se com Cristo significa compartilhar seu destino, vivendo o mesmo destino do Senhor, inclusive a cruz e o calvário. Esta foi a opção de vida para muitos missionários e mártires que,

ao longo da história e até em nossos dias, deixaram o testemunho do compromisso com Cristo, compartilhando da sua cruz e até entregando a própria vida (DAp 140). Missão que desvia do caminho da cruz não serve para anunciar o Cristo crucificado, e tão pouco indica a existência de compromisso com o contexto em que o Evangelho está sendo anunciado.

Aparecida aponta algumas situações bem concretas que necessitam do testemunho cristão na relação fé e vida. Nelas, os discípulos missionários, configurados em Cristo, têm a oportunidade de viver de modo efetivo a prática da fé. Um dos fatos sociais notórios, que demanda a atenção e o cuidado da Igreja, é a mobilidade humana em todos os continentes, inclusive na América Latina e no Caribe. Recomenda Aparecida que demonstremos nossa caridade acompanhando pastoralmente os migrantes. De modo especial, na América Latina e no Caribe, muitas pessoas tornaram-se migrantes e refugiados, sobretudo em função de causas econômicas, políticas e de violência (DAp 411).

Na relação fé e vida, encontra-se também a necessidade dos enfermos, esperando que discípulos missionários de Jesus Cristo, defensores da plenitude da vida, os acolham, dispensando-lhes atenção e cuidados. Para eles, de modo especial, Aparecida faz um apelo dramático lembrando a missão que Jesus transmitiu aos apóstolos. “Cristo enviou seus apóstolos a pregar o Reino de Deus e a curar os enfermos, verdadeiras catedrais do encontro com o Senhor Jesus” (DAp 417). A atenção aos enfermos se constitui em oportunidade para o testemunho de caridade do missionário, em que a fé vivida transforma-se em gestos concretos e a missão se cumpre no combate a enfermidade restabelecendo o ser humano na sua harmonia em todas as dimensões humanas (DAp 418). Aos enfermos junta-se o grupo dos dependentes químicos que sofrem os mesmos sintomas de uma patologia comum e carecem de cuidados especiais da parte dos discípulos missionários. A missão da Igreja não pode ficar insensível a mais esta realidade que assola a humanidade, pois a dependência química tornou-se um flagelo que está destruindo de modo especial as novas gerações (Dap 422).

O sistema penitenciário estatal é outro desafio missionário da Igreja que clama pelo testemunho cristão em defesa dos direitos e da dignidade humana. A sociedade conhece bem as más condições em que se encontram os detentos nos presídios públicos. São verdadeiras indústrias do crime “caracterizadas pelo comércio de armas, drogas, aglomeração, torturas, ausência de programas de reabilitação, crime organizado que impede um processo de reeducação e de inserção na vida produtiva da sociedade” (DAp 427). Muitas vezes, os presos são submetidos a condições desumanas por aqueles que deveriam protegê-los. São agentes penitenciários que agem com crueldade e prepotência, o que dificulta ainda mais a reabilitação e ressocialização dos detentos.

Há também outras questões relacionadas à dignidade da vida humana que não podem ficar imunes à ação da Igreja e desafiam discípulos missionários a um corajoso testemunho de fé. Entre elas estão as questões relacionadas à “liberalização e banalização das práticas abortivas, que são crimes abomináveis assim como a eutanásia, a manipulação genética e embrionária, ensaios médicos contrários à ética, pena de morte e tantas outras maneiras de atentar contra a dignidade e a vida do ser humano” (DAp 467). Do mesmo modo, precisamos ficar atentos às “agressões à vida, em todas as suas instâncias, em especial contra os mais inocentes e fracos, pobreza aguda e exclusão social, corrupção e relativismo ético, entre outros aspectos, tem como referência um ser humano, na prática, fechado a Deus e ao outro” (DAp 503). Com tantas ameaças sobre a dignidade e a vida humana, é impossível a realização do reinado de Deus. Diante dessa situação, o desafio para os discípulos missionário implica na promoção de ações em favor da vida plena, especialmente onde a vida é mais vulnerável.

2.3.5 A falta de um acompanhamento adequado aos católicos

Um dos grandes desafios que Aparecida colocou para os leigos foi a missão no mundo secular, inseridos na sociedade e exercendo as funções peculiares deles. No entanto, Aparecida constata “o escasso acompanhamento dado aos fiéis leigos em suas tarefas de serviço à sociedade, particularmente quando assumem responsabilidades nas diversas estruturas de ordem temporal” (DAp 100 c). Esta mesma carência ocorre na vida religiosa das comunidades que não são atendidas regularmente pelo ministro ordenado, ficando, portanto impedidas de participar regularmente na celebração eucarística (DAp 100 e). O número reduzido de presbíteros e a sua má distribuição foram apontados como responsáveis pela dificuldade de acompanhamento dos fiéis, inclusive, muitos católicos não são assistidos durante a vida e nem sequer recebem assistência da Igreja na hora da morte (DAp 100 e).

Alguns presbíteros estão desmotivados diante do vasto trabalho pastoral de suas comunidades, o que significa que não há pessoas na comunidade capacitados e disponíveis para atuar como lideranças frente aos trabalhos pastorais. Por outro lado, muitas comunidades não possuem um sacerdote para organizar a Igreja pastoralmente (DAp 185). A parca assistência oferecida pela Igreja dificulta para o fiel a compreensão de sua identidade cristã frente aos desafios impostos pelo mundo e mesmo o sentimento de pertença. Se a Igreja não acompanha suficientemente a vida dos cristãos, tão pouco terá leigos preparados para assumirem as diversas atividades pastorais, ou terá leigos comprometidos no processo de renovação eclesial, para colocar a Igreja em estado permanente de missão. Começa, então, um

círculo vicioso que vai enfraquecendo a instituição, as pastorais, e a fé dos batizados vai se degenerando, tornando-se cada vez mais difícil encontrar membro disposto a assumir algum trabalho pastoral. Dessa forma, a Conferência reconhece que os leigos necessitam de um acompanhamento para cumprir com responsabilidade a missão pessoal, dando testemunho de Cristo e dos valores do reino (DAp 312). Mas é necessário, de modo especial, atender os setores mais vulneráveis da sociedade com ações concretas e corajosas atitudes de profetismo. É conhecida a incidência de pessoas infectadas com o vírus HIV, situação que infelizmente destrói a vida, interpelando a Igreja a que “promova o acompanhamento compreensivo, misericordioso e a defesa dos direitos das pessoas infectadas” (DAp 421).

Numa sociedade que rompe com as instituições e relativiza os valores sociais, é necessário voltar-se para a família, oferecendo um acompanhamento para a paternidade e a maternidade responsáveis (DAp 437 g). E, seguindo a prática de Jesus, que acolhia os excluídos da sociedade, abrir as portas da Igreja para “socorrer com compaixão e solidariedade as meninas e adolescentes grávidas, as mães “solteiras”, “os lares incompletos”” (DAp 437 m), agindo como Jesus agiu diante das pessoas que se encontravam excluídas da sociedade.

2.3.6 O problema da linguagem

As rápidas mudanças ocorridas no mundo atual estão desafiando a Igreja com uma nova linguagem, própria de seu tempo, e forçando-a a adotar uma linguagem atual e mais adaptada ao novo contexto social. Isso significa que a Igreja deve ficar de sentinela aos sinais dos tempos, e adotar uma linguagem contextualizada para responder com sabedoria às perguntas que estão sendo feitas. O ser humano, educado sob a influência da nova cultura, e, habituado às novidades no cotidiano, se encanta por tudo aquilo que surge diferente do tradicional e opta por aquilo que melhor satisfaça seus desejos. Isso parece mais evidente quando a mensagem é direcionada para jovens e adolescentes. Eles estão mais suscetíveis à nova cultura, e absorvem com mais facilidade quando a mensagem é transmitida na linguagem cultural contextualizada. Para a mensagem ser atraente, é necessário evangelizar com nova linguagem e atitude. Infelizmente nossa linguagem, na evangelização, na catequese e na pastoral, é pouco significativa para a cultura atual, e não consegue atingir as pessoas, de modo particular, aos jovens. Muitas vezes a linguagem utilizada desconsidera as mudanças que as sociedades sofreram em razão da influência da pós-modernidade (DAp 100 d).

A linguagem, para se tornar compreensível, deve levar em conta as particularidades

culturais, e as circunstâncias nas quais estão inseridas as pessoas, pois, a linguagem não se resume apenas a transmissão de conceitos tradicionais, antes, porém, adaptada ao contexto social, transforma-se em meio para a reflexão e a descoberta de novos conhecimentos. “Não se vê uma presença importante da Igreja na geração de cultura, de modo especial no mundo universitário e nos meios de comunicação” (DAp 100 d). Para atingir as pessoas e a sociedade, é preciso dialogar com a cultura, encontrando nela os caminhos que possibilitem a compreensão e transmissão da fé. Isto implica uma formação profissional e o desenvolvimento da pesquisa teológica para que a fé consiga se expressar em linguagem compreensível no contexto atual (DAp 341). A linguagem é o principal elemento de ligação e aproximação da religião com a cultura e é por meio dela que o Evangelho alcança o ser humano na sua realidade, porém, na evangelização, há uma grande dificuldade para entender a nova cultura e aceitá-la.

O desafio que a linguagem representa para Igreja atual repousa com maior intensidade na população da cidade, pois o ser humano urbanizado acolhe com mais facilidade as mudanças e os novos paradigmas. A cidade é o lugar ideal para o desenvolvimento das novas culturas que se impõem sorrateiramente com uma nova linguagem e uma nova simbologia (DAp 510). Ignorar as mudanças significa entrincheirar-se em guetos distanciando-se da maioria, permanecendo estagnado no tempo sem contribuição para a história. Para evitar o risco de um fechamento em conceitos ultrapassados, “o anúncio do Evangelho não pode prescindir da cultura atual. Esta deve ser conhecida, avaliada e, em certo sentido, assumida pela Igreja, com uma linguagem compreendida por nossos contemporâneos” (DAp 480). Caso a mensagem não seja transmitida com linguagem compreensível, a evangelização deixa de produzir as transformações desejadas na sociedade. Dessa forma, é imperioso descobrir a linguagem mais adaptada que atenda as crianças, jovens, adultos, estudantes, universitários e cientistas, pois a linguagem tem influência notável na evangelização e só produz resultados se for compreensível. Uma evangelização autenticamente libertadora tende a transformar o meio e as relações entre as pessoas, criando nova sociedade, mais fraterna e participativa. Entretanto, o problema capital, ou o maior desafio para inserir-se no meio, “consiste em encontrar o discurso, a linguagem que estabeleça a comunicação entre a mensagem do Evangelho e o homem situado no espaço cultural contemporâneo” (ÁVILA, 1993, p. 345).

2.3.7 A presença e o uso da mídia

Em nosso tempo, não podemos pensar no ser humano, desconsiderando a importância

que os meios de comunicação social exercem sobre ele. Com presença constante na vida das pessoas, eles oferecem enorme contribuição ao desenvolvimento do conhecimento, à aproximação entre os povos e à expansão da globalização. Tornaram-se instrumentos necessários para dialogar com o mundo e com a cultura. Aproximam pessoas e revelam, quase em tempo real, fatos ocorridos em qualquer lugar do planeta. O mundo não se tornaria globalizado sem a contribuição dos meios de comunicação social. Eles são responsáveis pelas profundas mudanças ocorridas no mundo atual “com sua capacidade de criar uma rede de comunicações de alcance mundial, tanto pública como privada, para interagir em tempo real, ou seja, com simultaneidade, não obstante as distâncias geográficas” (DAp 34).

Formadores de uma nova cultura são admirados e considerados ferramentas úteis na sociedade moderna, porém, no reverso, são motivos de preocupação e incertezas. Enquanto formadores de opinião, influenciam no pensar e no agir do ser humano e da sociedade, apresentando à população novas imagens, atrativas e cheias de fantasia (DAp 38). São superestruturas do poder econômico e facilmente se corrompem em benefício de uns poucos grupos econômicos mundiais, subestimando as economias locais. Usando novas tecnologias, vinculam informações manipuladas e subvertem a preferência do consumidor por meio de propaganda comercial bem elaborada. (BRIGHENTI, 2004, p. 75).

Conduzidos pelo poder econômico, os meios de comunicação distorcem a imagem e a dignidade humana, contribuindo para a formação do sujeito narcisista, distante do homem criado à imagem de Deus. Os meios de comunicação de massa trabalham com a imagem, enfatizando o sentido estético das pessoas e das coisas, transmitindo um falso conceito de felicidade, uma visão equivocada da realidade, impondo uma nova linguagem como autêntica cultura (DAp 45). Também contribuem para a exaltação do corpo como criaturas perfeitas, verdadeiros “modelos” ou “super-homens”, que são expostos na mídia e reduzidos a produtos de consumo. Infelizmente, as pessoas que se submetem à exploração publicitária por parte dos meios de comunicação social são tratadas como objeto de lucro (DAp 48).

Bem desenvolvidos tecnicamente, os meios de comunicação social têm a capacidade de influenciar o agir do ser humano, e são eles que determinam o comportamento da sociedade na divulgação das novidades, ditando comportamento, modas e tendências que vão se incorporando rapidamente aos costumes das pessoas, e que são descartados com a mesma rapidez com que chegaram. Os jovens, por serem mais flexíveis às mudanças, são os mais prejudicados, “são vítimas da influência negativa da cultura pós-moderna, especialmente dos meios de comunicação” (DAp 319).

É função dos meios de comunicação social exaltar o padrão de consumo da classe

dominante, associando a isto a ideia de liberdade e independência, criando nas pessoas comuns o desejo de consumo, mesmo que, para a maioria das pessoas, comprar não passe de um sonho. No mundo globalizado, a mídia domestica as massas, induzindo o consumo por meio de ardiloso artifício de propaganda ideológica. Os meios de comunicação social têm hoje extraordinária importância no processo de globalização e na revolução tecnológica, de modo que o mundo atual está formatado como uma grande cultura midiática (DAp 484). Com liberdade de ação, os meios de comunicação conduzem a sociedade com pouco conteúdo e muita informação.

Estamos nos afogando com enxurradas de informações despejadas de forma fragmentada pelos mais variados e sofisticados meios de comunicação. Isso parece, no mínimo, contraditório: tanto informação e tão pouco conhecimento. Tanta informação e tão pouca capacidade de refletir e ordenar milhões de dados. Vimos surgir o que especialistas chamam de “infoentretenimento”: uma mistura de informação e entretenimento que produz espetáculo, dificultando o ordenamento de tantos dados. As formas de entretenimento invadem a notícia e a informação, e uma cultura tipo “infoentretenimento” se torna cada vez mais popular (PATIAS, 2008, p. 373).

Não podemos negar a influência social dos meios de comunicação. Certamente, todas essas mudanças que aconteceram no mundo e continuam de forma vertiginosa na atualidade, são frutos da influência dos meios de comunicação social.

Desafiada a evangelizar no contexto em que os meios de comunicação são a principal ferramenta de relacionamento, a Igreja precisa “conhecer e valorizar esta nova cultura da comunicação” (DAp 486 a), fazendo dela instrumento de evangelização para chegar aos povos e culturas, o que significa atuar na modernidade com ferramentas adequadas, acessíveis por todos, que chega a muitos lugares, e atingem milhões de pessoas simultaneamente. Por estas razões, é imperativo assumir com responsabilidade a “imprensa, rádio e TV, cinema digital, sites de Internet, fóruns e tantos outros sistemas para introduzir neles o mistério de Cristo” (DAp 486 e). Entretanto, embora os meios de comunicação possuam uma eficácia inquestionável para evangelizar a nova cultura, eles jamais deveriam substituir as relações pessoais e a vida comunitária (DAp 489), o que significa que a missão pode e deve avançar por todos os meios disponíveis para tornar a Igreja mais presente no mundo. A Igreja Católica possui meios de comunicação que podem auxiliar na tarefa missionária. De acordo com Aparecida, o que deve ser feito é aperfeiçoar seu uso, fazendo-os mais atuantes e ativos, seja para a transmissão da fé, seja para a Igreja dialogar com a sociedade (DAp 497 b), pois numa sociedade formatada pela cultura midiática, os meios de comunicação social representam eficiência na propagação da mensagem.

2.4 Conclusão do capítulo

As situações apresentadas na primeira parte deste capítulo apontam para a realidade de nossos povos no Continente Latino americano e Caribenho. Aparecida fez uma leitura do lugar concreto em que as pessoas vivem. A estas situações, a meta da missão será o combate dos sinais contrários ao reinado de Deus, e a destruição de tudo aquilo que impede a plenitude da vida. Trata-se de ações concretas de discípulos missionários, nas situações do contexto. Dessa forma, são as realidades negativas que interpelam a Igreja, forçando-a entrar decididamente em estado permanente de missão, percorrendo o caminho que vai de encontro as situações do contexto. Isso implica que, para responder concretamente aos desafios que emergem na sociedade, a Igreja deve repensar o modelo de pastoral atual, para se tornar mais presente no contexto social, onde as pessoas vivem de fato.

O *locus* social e a realidade das pessoas, em função das suas necessidades, são fatores determinantes do agir pastoral para uma Igreja missionária. “A ação pastoral se articula, enquanto respostas a perguntas postas pela realidade, a partir das necessidades de evangelização” (BRIGHENTI, 2006, p. 43). No caso dos povos da América Latina e do Caribe, as necessidades são bem reais e são constatadas em todas as esferas da vida humana. Os desafios do mundo, envolvendo a vida e a dignidade da pessoa humana, conduzem a Igreja para uma prática pastoral promotora da libertação integral das pessoas e do mundo. Conforme ensinamento de BRIGHENTI (2006, p. 61), mais que uma ação eclesial, a teologia pastoral “é uma práxis transformadora dos cristãos e das pessoas em geral”, e que se propõe a ocupar-se das pessoas “homem e mulher -, em seu contexto sociocultural, para que se realize como ser humano, em uma comunidade inserida no emaranhado das relações sociais” (BRIGHENTI, 2006, p. 156s). Isso implica ir de encontro aos desafios, assumindo as realidades das pessoas, para promover a dignidade e a plenitude da vida. Diante dos sinais de uma mudança de época, “a resposta a clamores da humanidade envolve reformular a missão” (IRARRÁZAVAL, 2010, p. 248).

Por outro lado, conforme assinalados na segunda parte deste capítulo, tratamos do conjunto de desafios eclesiais envolvendo todas as dimensões da Igreja, em que, a situação atual exige assumir algumas ações eclesiais, pastorais e pessoais, para reverter a situação e colocar a Igreja em estado permanente de missão. Trata-se de uma incursão para o interior da própria Igreja, trabalhando os desafios eclesiais e pastorais que impedem a Igreja de ser missionária. Tais desafios se manifestam com mais intensidade na queda significativa do número de católicos que, percentualmente, diminui a cada estatística, e na vivência cristã

daqueles que tradicionalmente se dizem católicos, porém, suas práticas religiosas, demonstram claramente a inexistência de vínculo com a comunidade e, falta-lhes ainda, autêntico testemunho de fé. Trata-se de práticas cristãs do modelo de “cristandade”, completamente equivocados para os dias atuais, que dificultam a vivência da fé e não contribuem para a Igreja em estado permanente de missão. Da mesma forma, é preciso refletir sobre a linguagem utilizada na evangelização e o uso dos meios de comunicação social, para que a mensagem do Evangelho seja atualizada e compreensível na cultura atual, e assim, com mais qualidade e rapidez, possam atingir simultaneamente mais pessoas.

3. TEOLOGIA DA MISSÃO

3.1 Introdução

Na primeira parte colocamos as situações do contexto onde vivem nossos povos e os desafios da Igreja, segundo as percepções de Aparecida. Entre as luzes e sombras no caminho da Igreja, encontra-se o desejo irrefutável do Pai que oferece, em Cristo Jesus, a vida plena para todos. A alegria de ser discípulo missionário de Jesus, no clima relativista que nos circunda, significa um desafio na vida de todos os cristãos. Dessa forma, um dos maiores legados que Aparecida deixou à Igreja da América Latina e do Caribe foi a iluminação teológica, oferecendo fundamentos consistentes para convocar, dinamizar e justificar a missão da Igreja e dos discípulos missionários.

A revelação bíblica não deixa quaisquer dúvidas de que o principal agente da missão é Deus. Ele é o criador, libertador e salvador que, por mãos fortes, conduziu seu povo à terra prometida, e, por meio do seu Filho, Jesus Cristo, nos deu a vida em plenitude, fazendo brilhar em nossa humanidade o esplendor de sua glória. Portanto, missão é um atributo divino em prol da salvação da humanidade, enquanto a Igreja peregrina nesse mundo na condição de instrumento de salvação, por onde se realiza a vontade de Deus. As ações realizadas por Deus no mundo, em favor da criação, redenção e salvação, tornam patentes que Deus trabalha em favor da libertação e salvação de seu povo. Assim Deus falou a Moisés na montanha do Horeb: “Eu vi a aflição do meu povo que está no Egito e ouvi o seu clamor por causa da dureza de seus opressores. Sim, eu conheço os seus sofrimentos e desci para libertá-los das mãos dos egípcios” (Ex 3, 7-8). Esta narrativa bíblica revela quem é nosso Deus. Ele é um Deus missionário, sensível ao sofrimento do povo, que age em favor dos oprimidos. Por isso, ao sentir o sofrimento do povo, desceu para libertá-lo. Por outro lado, mostra que Deus não trabalha sozinho. Em seu movimento de libertação, suscita agentes do povo para fazer deles instrumentos da missão. Aqueles que se tornam participantes da missão são guiados e amparados pela Trindade.

3.2 Teologia da missão no Documento de Aparecida

O documento de Aparecida apresenta um fio teológico perpassando todo o Documento, bem mais implícito do que explícito. “Todo ele gira em torno de Jesus Cristo, fonte da vida para toda a humanidade da experiência fundante do cristão discípulo

missionário. A teologia se concentrou na cristologia e dela decorreu a eclesiologia” (LIBANIO, J. B. Reb, 67, fasc., 268, p. 830). Em grande parte, está subjacente, mas sem perder de vista que no centro está a pessoa de Jesus Cristo e foi desenvolvida em sintonia com a tradição teológica do Vaticano II e das Conferências Episcopais da América Latina e Caribe. O documento estrutura-se sobre os três modelos missionários que nortearam a missão depois do Vaticano II, presentes nos Documentos *Ad Gentes, Evangelii Nuntiandi e Redemptoris Missio*, com maior destaque para a missão trinitária, que se fundamenta na *missio Dei*.

Para Aparecida, o enfoque de uma Igreja missionária, em estado permanente de missão, decorre primordialmente da sua natureza missionária, e tem a sua origem na Trindade, especificamente na missão do Pai (*missio Dei*), que se comunica com a humanidade pela encarnação do Filho, na pessoa de Jesus, cuja vinda foi preparada pelo Espírito que guiou Jesus na sua missão. Este mesmo Espírito fez nascer a Igreja em Pentecostes e foi derramado sobre os discípulos para que a missão de Deus continuasse na história da humanidade. Aparecida destaca a ação do Espírito Santo, porém, sem mencioná-lo como protagonista da missão. É o Espírito Santo o grande animador da Igreja, que promove a comunhão e a unidade dos cristãos, de presença e ação santificadora, que antecipa o missionário em terras de missão semeando o germe do Reino de Deus, e contagiando as pessoas para escutarem a mensagem de Jesus Cristo. É o Espírito Santo que leva nosso barco mar adentro impulsionado pelas forças do seu sopro potente.

3.2.1 Uma teologia trinitária

A Trindade é o ponto de partida da missão, ela se constitui fonte de onde deriva a atividade missionária da Igreja e dos discípulos de Jesus. Deus Trino é o Autor e o Articulador da missão que se realiza através do Pai enviando o Filho que, encarnado na pessoa de Jesus, nos deu a conhecer a vida íntima de Deus revelando o mistério da comunhão trinitária. Deus encarnado na pessoa de Jesus executa a missão do Pai impulsionado pela ação do Espírito Santo como guia e animador. Jesus, logo após ser batizado por João Batista, foi para o deserto conduzido pelo Espírito Santo para preparar com austeridade a missão que recebera do Pai. E depois de um longo período de jejum e oração, assumiu com determinação e fidelidade os desafios da missão levando-a até as últimas consequências. Em todo seu ministério terreno, Jesus foi guiado pelo Espírito Santo, e após a ressurreição comunicou o Espírito Santo aos seus (DAp 149), tornando-os aptos e colaboradores da *missio Dei*, de modo que a comunidade dos discípulos foi infundida pelo Espírito, para viver em estado permanente

de missão até que o Reino de Deus atinja a plenitude.

Mais tarde, logo após a ascensão do Jesus histórico, o Espírito se manifesta na comunidade fazendo que ela experimentasse de imediato a força que irrompe do Espírito. A comunidade não tem dúvidas, assume a missão conduzida pelo mesmo Espírito que estava com Jesus, e segue operando as obras que Jesus realizava. No Espírito a missão ganha profundidade e extensão, porque “O Espírito na Igreja forja missionários decididos e valentes como Pedro (cf. At 4,13) e Paulo (cf. At 13,9), indica os lugares que devem ser evangelizados e escolhe aqueles que devem fazê-lo (cf. At 13,2)” (DAp 150). Sem cessar, novos discípulos missionários, em virtude do Batismo e da Confirmação, vão sendo incorporados, para participar da comunhão trinitária na Igreja e, “através do sacerdócio comum do Povo de Deus, somos chamados a viver e a transmitir a comunhão com a Trindade, pois a evangelização é um chamado à participação da comunhão trinitária” (DAp 157). Os discípulos participam da missão Trinitária em comunhão com Deus e com todos os membros da Igreja. A primeira motivação de uma vocação missionária é para a comunhão com Deus Pai (1 Jo 1,30), com o Filho morto e ressuscitado, na comunhão do Espírito Santo (1 Cor 13,13). A comunhão trinitária é modelo e meta para a unidade de todo o gênero humano, de maneira que “A comunhão dos fiéis e das Igrejas locais do Povo de Deus se sustenta na comunhão com a Trindade” (DAp 155).

O modelo da comunidade trinitária atrai o ser humano para comunhão com Deus e com a comunidade, para vivenciar a fé na partilha, solidariedade e fraternidade. Jesus, o Enviado do Pai, veio ao mundo para testemunhar o amor que existe na Trindade imanente e no mistério da sua morte e ressurreição, nos fez partícipes desse amor. Essa é a novidade que a Igreja tem para revelar ao mundo, que Cristo, o Filho de Deus feito homem, veio ao mundo para nos fazer participantes da natureza divina. Participar da natureza divina significa viver em comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito Santo, no amor serviço. “A experiência de um Deus Uno e Trino, que é unidade e comunhão inseparável, permite-nos superar o egoísmo para nos encontrar plenamente no serviço para com o outro” (DAp 240). A experiência do amor-comunhão que se fundamenta na Trindade, revelado ao mundo por meio de Jesus Cristo, impulsiona o discípulo para uma espiritualidade missionária, em que a missão do discípulo nada mais é do que comunicar a experiência da comunhão e participação na vida trinitária.

A comunidade trinitária formada na mesma essência por três pessoas distintas, mas harmonizadas entre si pelo amor, estimula a comunidade terrena dos discípulos de Jesus à prática do amor inclusivo, mesmo diante das diferenças biológicas. “A antropologia cristã

ressalta a igual identidade entre homem e mulher em razão de terem sido criados à imagem e semelhança de Deus. O mistério da Trindade nos convida a viver uma comunidade de iguais na diferença” (DAp 451). Sabemos que a vida em comunidade, em função dos diferentes modos de pensar e agir dos membros, tem conflitos e dificuldades, porém, a unidade na diversidade da comunhão da Santíssima Trindade orienta a comunidade para a prática do amor na variedade dos dons que ela possui. As diferenças pessoais nada mais são do que instrumentos que abrem os horizontes da própria comunidade, ampliando seu raio de ação. “No Deus Trindade a diversidade de Pessoas não gera violência e conflito, mas é a mesma fonte de amor e da vida” (DAp 543). A diversidade na comunidade manifesta os dons, nos quais o Espírito de Deus realiza a missão.

Sendo a Trindade fonte do amor, então esse amor não tem fim, transborda e comunica-se com as pessoas que formam a Igreja comunhão, de tal forma que a Trindade Santa participa dos acontecimentos humanos na extensão comunitária da Igreja. “A dimensão comunitária é intrínseca ao mistério e à realidade da Igreja que deve refletir a Santíssima Trindade. Esta dimensão especial tem sido vivida de diversas maneiras ao longo dos séculos” (DAp 304). Na missão Trinitária origina-se a natureza missionária da Igreja, de tal forma que o impulso missionário é fruto da vida comunicado aos discípulos pela Trindade Santa. O princípio da missão é entendido como o movimento de Deus Pai para o mundo, enviando o Filho e o Espírito Santo para revelar o mistério da Trindade e resgatar a humanidade da decadência do pecado. A partir da compreensão que Deus entregou o Filho, e que o Filho entregou-se a si mesmo como missionário do Pai, e que por sua vez envia seus discípulos dizendo: “Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio” (Jo 20, 21), concluímos que a missão é obra de Deus transmitida à Igreja, para a salvação do mundo.

A Trindade é comunhão de amor que não se contém em si, transborda sobre a humanidade no amor misericordioso de Jesus. Através da encarnação de Jesus Cristo, o mistério da Trindade foi revelado e Nele, a humanidade foi chamada à comunhão no Espírito Santo, que continua no mundo animando e fortificando a Igreja. O modelo de comunhão trinitário se manifesta na comunidade dos discípulos de Jesus, assim que a vida da comunidade se deixa orientar pela ação do Espírito Santo, no exemplo de Maria que se coloca à disposição para executar a missão que lhe fora dada (RASCHIETTI, 2008, p. 250).

3.2.2 Uma teologia cristocêntrica

Percebemos a cristologia ao longo de todo o Documento, porque toda atividade

missionária vincula-se à missão de Jesus Cristo, assim como o próprio discípulo missionário está vinculado na pessoa Dele. Ele é a mensagem que será anunciada. “O Documento formulou a fé em Jesus, Filho eterno do Pai, que veio até nós para ensinar-nos o caminho, a verdade e a vida” (LIBANIO, Reb 67, Fasc. 268, p. 832). O centro da cristologia está no Jesus histórico, na humanidade de Jesus conforme apresentado nos Evangelhos. Os Evangelhos apresentam um Jesus que prega e vive em função do Reino de Deus, de tal forma que o reinado de Deus foi a obra mais importante na vida e missão de Jesus, por ele viveu e por ele morreu. E Jesus nunca deixou de acreditar nas transformações sociais, políticas e religiosas que o reinado de Deus demandava. Jesus apresenta ao mundo um Deus totalmente antropocêntrico, um Deus para a humanidade que se preocupa com o bem-estar da sua criatura. A humanidade de Jesus é a referência para homens e mulheres encontrarem a plenitude de Deus. Deus é como Jesus.

Jesus Cristo, o Filho de Deus, é a mensagem que será anunciada pelos discípulos missionários. A partir do estilo de Jesus como paradigma da missão, descobrimos porque a Igreja é chamada e de que forma deve continuar o ministério terreno de Jesus. Desse modo, o documento explicita sinteticamente como entender a pessoa de Jesus Cristo.

Jesus é o Filho de Deus, a Palavra feito carne (cf. Jo 1,14), verdadeiro Deus e verdadeiro homem, prova do amor de Deus aos homens. Sua vida é uma entrega radical de si mesmo a favor de todas as pessoas, consumada definitivamente em sua morte e ressurreição. Por ser o Cordeiro de Deus, Ele é o Salvador. Sua paixão, morte e ressurreição possibilitam a superação do pecado e a vida nova para toda a humanidade. N'Ele, o Pai se faz presente, porque quem conhece o Filho conhece o Pai (cf. Jo 14,7). (DAp 102)

Jesus Cristo, missionário por excelência do Pai, verdadeiro homem e verdadeiro Deus, enviado ao mundo, tornou-se semelhante aos homens. Com palavras e ações e com a morte e ressurreição, Jesus inaugura no meio de nós o Reino de vida do Pai, para que todo ser humano alcance da mesma forma, a plenitude Nele. Em sua vida terrena entregou-se totalmente na missão para cumprir a vontade do Pai e para que todos pudessem viver a plenitude da vida. Ele é modelo missionário de perseverança e de fidelidade na missão, pois ainda que tenha encontrado muitos desafios no seu ministério terreno, foi fiel ao seu Pai e a sua vontade. (DAp 143). Por isso, “bendizemos ao Pai pelo dom de seu Filho Jesus Cristo rosto humano de Deus e rosto divino do homem” (DAp 107; 392). Nele, Deus se revelou em plenitude à humanidade, e apresentou o protótipo do ser humano perfeito e, em seu mistério pascal, recriou o homem para desfrutar de novos céus e de uma nova terra (DAp 28). Jesus é o centro do projeto de salvação que Deus tem para a humanidade. A Cidade Santa, a nova Jerusalém oferecida como o lugar ideal para a vida humana, onde não haverá morte nem luto, nem

pranto, nem dor, já está se realizando em Jesus Cristo (DAp 515).

Aparecida percebeu e expôs para a Igreja que Jesus Cristo se revela no mundo através de várias faces, de maneira que pode ser encontrado e reconhecido em diferentes lugares. Sabemos que Jesus está presente em meio a uma comunidade viva na fé e no amor fraterno (DAp 256), no mundo da insignificância nos rostos dos pobres, aflitos e enfermos (cf. Mt 25,37-40), que nos desafiam e clamam por nosso compromisso (DAp 257). É ele que nos revela a comunhão trinitária e o amor de Deus para dar sentido a uma vida que não encontra sentido. Contrapondo-se ao desespero humano de um mundo sem Deus, Ele nos oferece a ressurreição e a vida eterna. E para vencer as tentações da idolatria dos bens terrenos, Jesus oferece a vida em Deus como valor soberano (DAp 109). Para responder ao subjetivismo hedonista, característica da cultura moderna, Jesus propõe a plenitude da vida. Diante do individualismo, Jesus convoca à comunhão (DAp 110).

Em seu contexto histórico, Jesus foi um grande libertador, especialmente dos mais fracos, categoria onde se encontravam os pobres. Hoje, para contrapor os efeitos da globalização, que considera os pobres “sobrantes” e “descartáveis sociais”, Jesus se faz presente para defender os direitos dos fracos e a vida digna de todo ser humano (DAp 112). Nele está a esperança da vitória definitiva da humanidade. “Jesus Cristo é a plenitude que eleva a condição humana à condição divina para sua glória: “Eu vim para dar vida aos homens e para que a tenham em abundância” (Jo 10,10)” (DAp 355). Do mesmo modo, para a natureza ameaçada, Jesus tem a resposta, “convoca-nos a cuidar da terra para que ela ofereça abrigo e sustento a todos os homens (cf. Gn 1,29; 2,15)” (DAp 113).

Na função de referencial do ser humano, “Jesus Cristo é a resposta total, superabundante e satisfatória às perguntas humanas sobre a verdade, o sentido da vida e da realidade, a felicidade, a justiça e a beleza” (DAp 380). Ele é a mensagem que Deus Pai oferece à humanidade, homem como nós e Deus conosco, nos é dado como Caminho, Verdade e Vida. E habitando entre os homens, anuncia um novo modelo de sociedade fundamentado no amor, assim, renova as esperanças dos excluídos e instaura o Reino de seu Pai. Entretanto, não foi aceito pela elite social, que tratou logo de abortar a proposta e por esta razão mataram Jesus de Nazaré. Mas o projeto do Pai não morreu na cruz, porque o crucificado tornou-se o ressuscitado para mostrar que a vida vence a morte, e, por sua vez, o ressuscitado envia seus discípulos para continuar a missão até os confins do mundo.

O projeto que Deus tem para a humanidade foi então transmitido para a comunidade que recebeu a missão, e deve cumpri-la seguindo os passos de Jesus e adotando suas atitudes. O modelo de Jesus a ser seguido pela Igreja nos foi apresentado por Paulo falando à

comunidade de Filipos e Corinto. Ele, sendo o Senhor, fez-se servo e obediente até a morte de cruz (cf. Fl 2,8); sendo rico, escolheu ser pobre por nós (cf. 2 Cor 8,9), ensinando-nos o caminho de nossa vocação de discípulos e missionários (DAp 30). A práxis missionária de Jesus é modelo perfeito para a missão da Igreja. Os discípulos missionários de Jesus, fiéis ao seguimento, observam o mundo com os olhos de Deus. Nesse sentido a missão assume importante responsabilidade na dimensão social para socorrer os pobres do mundo. “Os cristãos, como discípulos e missionários, são chamados a contemplar nos rostos sofredores de nossos irmãos, o rosto de Cristo que nos chama a servi-lo neles: “Os rostos sofredores dos pobres são rostos sofredores de Cristo”” (DAp 393). Com essa atitude de serviço e doação aos menos favorecidos da sociedade, a Igreja torna real a presença de Cristo no mundo, identificando-se com Ele e participando de seu destino (DAp 140).

A cristologia de Aparecida caracteriza-se na alegria de ser discípulo missionário de Jesus para anunciar o Evangelho. Desse modo, antes da missão, o passo inicial de um discípulo missionário é o encontro com Jesus Cristo que chama: “Segue-me” (Mc 1,14; Mt 9,9). Mesmo porque, afirma Aparecida, “não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva” (DAp 12). No seguimento o discípulo faz a experiência da intimidade com Jesus, conhecendo, aprendendo e recebendo a vida que o Senhor, o Bom Pastor, lhe comunica para ser colocado a serviço da vida (DAp 353). Quando o discípulo se dirige ao encontro de Jesus manifestando a intenção de ficar com Ele, implicitamente está levando consigo o desejo de uma vida nova. A experiência do encontro com Cristo provoca a conversão e o discípulo inicia um caminho de transformação. Nesse processo de comunhão com Cristo, o discípulo é forjado no cadinho do amor para ficar parecido com o Mestre. “Amem-se uns aos outros, como eu os amei” (Jo 15,12), é o mandamento que Jesus deu para governar a nova sociedade. “Este amor, com a medida de Jesus, com total dom de si, além de ser o diferencial de cada cristão, não pode deixar de ser a característica de sua Igreja” (DAp 138). Se o amor é a regra de convivência da sociedade, muito mais deve estar manifesto dentro da Igreja vivido por todos os membros, de modo que todas as ações da Igreja devem ter como princípio e como fim o amor. O amor identifica o discípulo com o Mestre.

Configurados no Mestre e bebendo da fonte do amor, o discípulo com mais intimidade passa a conhecer Jesus, descobre a própria missão e passa a segui-lo. “seguir-lo é uma graça, e transmitir este tesouro aos demais é uma tarefa que o Senhor, ao nos chamar e nos eleger, nos confiou” (DAp 18). A intimidade da comunhão cria a fraternidade, e Jesus faz dos discípulos

seus familiares, partilhando com eles a mesma vida que recebeu do Pai, e a íntima relação de amor estabelecida entre Jesus e seus discípulos tem, como objetivo, a multiplicação dos frutos do amor.

Jesus se dá a conhecer pela Palavra, nela se revela e convida à comunhão, de modo que o caminho do discipulado compreende em primeiro lugar uma atitude de escuta. Dificilmente alguém se decide pela comunhão com Cristo, ignorando sua Pessoa, suas obras e seus ensinamentos. A Palavra de Deus precisa ser proclamada oportuna e inoportunamente, para que todos tomem conhecimento que só em Cristo encontramos a Vida, e Vida em abundância (Jo 10, 10). Em qualquer comunidade, em todos os momentos celebrativos, em todas as oportunidades em que grupos ou movimentos se reúnem, a Palavra de Deus deve ser proclamada. “Faz-se, pois, necessário propor aos fiéis a Palavra de Deus como *dom do Pai* para o encontro com Jesus Cristo vivo, caminho de autêntica conversão e de renovada comunhão e solidariedade” (DAp 248). A Palavra de Deus é uma convocação da comunidade. Jesus fala chamando os discípulos para realizar algo importante e lhes dá uma missão muito específica, manda anunciar o Evangelho a todas as nações. “Por isto, todo discípulo é missionário, pois Jesus o faz partícipe de sua missão ao mesmo tempo em que o vincula a Ele como amigo e irmão” (DAp 144). Nisso se resume toda a vida cristã: o encontro, a conversão, o discipulado, a comunhão e a missão de anunciar o Evangelho.

3.2.3 Uma teologia pneumatológica

Na Igreja nascente a missão desenvolveu-se e ganhou extensão sob o impulso do Espírito Santo. Guiada pelo Espírito, a Igreja enviada por Cristo cruzou fronteiras e foi para outros continentes a fim de levar a Boa Nova de Jesus, e continua na história salvando e revelando os sinais do Reino para o mundo. “Portanto, o Senhor continua derramando hoje sua Vida pelo trabalho da Igreja que, com “a força do Espírito Santo enviado desde o céu (1 Pe 1,12), continua a missão que Jesus Cristo recebeu de seu Pai (cf. Jo 20,21)” (DAp 151). Nele a Igreja ganha vida, de modo que “o mesmo e único Espírito guia e fortalece a Igreja no anúncio da Palavra, na celebração da fé e no serviço da caridade” (DAp 151). E para que as palavras do Pai, transmitidas por Jesus, não caiam no esquecimento, o Espírito age na Igreja para recordar as palavras de Cristo, do mesmo modo que ocorrera no princípio com os discípulos de Jesus que receberam formação no Espírito Santo, conforme atesta o livro dos Atos dos Apóstolos (At 1,2) (DAp152).

A graça santificante do Espírito Santo, entregue como um verdadeiro dom da Igreja

suscita constantemente novos movimentos e comunidades, nos quais os fiéis encontram a possibilidade de crescer na fé, tornando-se verdadeiros discípulos missionários (DAp 311). E não para por aí, o Espírito imprime qualidade nos anunciadores para tornar a missão mais dinâmica e destemida, de modo que, diante dos desafios do contexto atual, que tentam neutralizar a função da Igreja no mundo, toca-nos “escutar com atenção e discernir o que o Espírito está dizendo às Igrejas através dos sinais dos tempos nos quais Deus se manifesta” (DAp 366).

O Documento de Aparecida deixou implícito que o Espírito Santo é o protagonista e animador da missão, confirmando a presença do Espírito na conciliação da comunhão do discípulo com o Pai, e com o Filho, tendo a Trindade como ponto de sustentação para a unidade das Igrejas e de todo o povo de Deus (DAp 155). A unidade da Igreja orienta-se pelo modelo de comunhão da Trindade, graças aos carismas do Espírito Santo (DAp 230). “Dessa forma a vida no Espírito não nos fecha em intimidade cômoda e fechada, mas sim nos torna pessoas generosas e criativas, felizes no anúncio e no serviço missionário” (RASCHIETTI, 2008, p. 246).

A missão de Deus no mundo acontece sob o impulso do Espírito Santo. É o Espírito que segue na frente como precursor da missão, antecipando a chegada do missionário, distribuindo dons e indicando os lugares que devem ser evangelizados nas diversas culturas. Cabe ao missionário deixar-se orientar e valorizar o que o Espírito Santo já semeou. Ele cumula a Igreja de dons para o fortalecimento da missão, de modo que, na história da Igreja encontramos pessoas que se entregaram totalmente na missão, como acontece na vida consagrada. “A vida consagrada é um dom do Pai, por meio do Espírito, à sua Igreja, e constitui um elemento decisivo para sua missão” (DAp 216). E o mesmo Espírito desperta continuamente novas formas de vida consagrada, e estas precisam ser percebidas e acolhidas pela comunidade para que se desenvolvam e cresçam dentro da Igreja local.

É o Espírito que unge e impulsiona a Igreja para a missão, impedindo de se instalar no comodismo. Seu dinamismo renova a Igreja constantemente, e desperta a comunidade para criação de novos meios atraindo os fiéis para a comunhão e celebração. E, quando necessário, novos movimentos surgem nas comunidades, frutos dos dons do Espírito Santo para a Igreja (DAp 311), e servem de atração para reunir os dons dispersos no mundo. Assim, estes movimentos são oportunidades para atrair as pessoas afastadas proporcionando que elas façam a experiência do encontro com Jesus Cristo, restaurando sua identidade cristã, e incitando-as na participação ativa na Igreja. Por meio dos movimentos, podemos perceber a ação santificadora do Espírito manifestando-se em diversas formas na Igreja (DAp 312)

Desde o evento Pentecostes, o Espírito Santo tornou-se o protagonista da missão, ensinando, recordando, guiando e animando a comunidade. O mesmo Espírito, que foi responsável pela animação missionária de Jesus, permaneceu ativo impulsionando a todos os membros da comunidade para a missão. A tarefa missionária é sempre das comunidades, assim como ocorreu em Pentecostes, mas todos os membros da comunidade são responsáveis pela evangelização de homens e mulheres em cada ambiente (Dap 171). Esta é a lógica da missão: começa por iniciativa divina, parte da Trindade em direção ao mundo envolvendo a Igreja e expandindo-se no mundo. “A “missão de Deus”, através de Jesus de Nazaré ungido pelo Espírito Santo, é a extensão da comunidade para fundar comunidades eclesiais” (SUESS, 2008, p. 159).

O modelo das primeiras comunidades é referência para atividade missionária da Igreja na contemporaneidade. O livro dos Atos dos Apóstolos retrata a ação do Espírito sobre a comunidade e como ela se deixou guiar pelo mesmo Espírito. Da mesma forma, a Igreja que se deixa guiar pelo Espírito Santo, cumpre a missão e justifica a razão de sua existência no mundo. E nós, discípulos missionários de Jesus, “não temos outra felicidade nem outra prioridade que não seja sermos instrumentos do Espírito de Deus na Igreja, para que Jesus Cristo seja encontrado, seguido, amado, adorado, anunciado e comunicado a todos, não obstante todas as dificuldades e resistências” (Dap 14). E nenhum batizado pode eximir-se da missão, porque “o Espírito colocou este germe do Reino em nosso Batismo e o faz crescer pela graça da conversão permanente graças à Palavra de Deus e aos sacramentos” (Dap 382).

A vida dos missionários de Jesus é toda ela permeada pela ação e graça do Espírito Santo, começando pelo encontro pessoal com Cristo. Este só acontece graças à ação invisível do Espírito Santo que se realiza por meio da fé recebida e pela vida partilhada com os demais membros da Igreja (Dap 246). Na comunidade nos reunimos para ouvir Jesus que fala por meio da Palavra lida na Sagrada Escritura que foi escrita por inspiração do Espírito Santo. A cooptação da Palavra de Deus com o Espírito que a inspirou fomenta a comunidade para a missão, despertando os membros para o discipulado. Juntos, o poder do Espírito e da Palavra envolve a comunidade e contagia as pessoas a ouvir atentamente as Palavras de Jesus Cristo, crendo n’Ele como Salvador, e reconhecendo-o como única Verdade que dá sentido na vida, fazendo que o ouvinte tome a iniciativa de seguir seus passos. E nas pegadas do Mestre o discípulo se deixa penetrar pela ação do Espírito, para fazer a experiência da comunhão com Cristo e descobrir o motivo do chamado para ficar com Ele (Dap 285). O chamado à comunhão com Cristo outro objetivo não tem, senão para ser enviado em missão na dinâmica do movimento do próprio Espírito.

A tarefa missionária que o discípulo realiza inspirada pelo Espírito tem como objetivo tornar Cristo conhecido, de maneira que a Boa Nova anunciada pelo missionário é a pessoa e as obras de salvação de Jesus Cristo. Portanto, o compromisso missionário de todos os discípulos é desvelar os sinais do Reino semeado pelo Espírito, de modo que o desejo mais profundo dos discípulos missionários é que a influência de Cristo chegue até aos confins da terra, onde o Espírito já se faz presente e podemos percebê-lo mediante sinais (DAp 374) presentes nas culturas, na sociedade e na própria Igreja. O missionário não inventa a missão, mas segue no movimento do Espírito, pois a graça de Cristo pode alcançar a todos os que Ele redimiu pelo sopro do Espírito Santo e outros meios conhecidos de Deus (DAp 236). Embora haja desafios tentando paralisar a missão para que o reino da vida não se torne realidade, nada pode evitar a presença de Deus no mundo. O Espírito atua inclusive dentro de situações irregulares e garante a realização do processo que transmite a fé (DAp 204).

De fato, a missão se dá na intra-histórica permeada pelas circunstâncias do contexto sociocultural que a humanidade está passando naquele momento, o que implica que a Igreja, em fidelidade ao Espírito Santo que a conduz, deve escutá-lo, e perceber a “necessidade de uma renovação eclesial, que envolve reformas espirituais, pastorais e também institucionais” (DAp 367). Desse modo, diante dos desafios do contexto atual, que tentam neutralizar a função da Igreja no mundo, toca-nos “escutar com atenção e discernir o que o Espírito está dizendo às Igrejas através dos sinais dos tempos nos quais Deus se manifesta” (DAp 366).

3.2.4 Uma teologia eclesiológica

O Vaticano II fundamentou a missão no âmago da Trindade, declarando que “A Igreja peregrina é missionária por natureza, porque toma sua origem da missão do Filho e do Espírito Santo, segundo o desígnio do Pai” (AG 2). Isso implica que a vocação missionária da Igreja encontra sua origem na vida transbordante da Trindade, comunicada pela graça do Pai. Este é o fundamento teológico da missão. A partir do fundamento teológico, Aparecida apresenta a finalidade da missão. A Igreja, no exercício de sua sublime tarefa missionária, “anuncia ao mundo que Jesus Cristo, o Filho de Deus feito homem, a Palavra e a Vida, veio ao mundo para nos fazer “partícipes da natureza divina” (2 Pe 1,4), e para que participemos de sua própria vida” (DAp 348). Para entrar na dinâmica missionária da Trindade e ser colaboradora na *missio Dei*, torna-se imperativo que a Igreja esteja em estado permanente de missão. Em estado de missão, a Igreja se coloca inteiramente a serviço do projeto de Deus, e ajuda a conduzir a humanidade rumo a “Cidade Santa, a nova Jerusalém”, orientando e

alertando, por meio da “proclamação e vivência da Palavra, da celebração da Liturgia, da comunhão fraterna e do serviço” (DAp 516). São as demandas missionárias, que definem os rumos das prioridades eclesiais.

Aparecida recorre à dimensão missionária da Igreja, para diminuir a distância que separa a realidade das pessoas que vivem em estado de pobreza, injustiça, exploração e exclusão, do ideal que seria a plenitude de vida a todos. Diante da realidade social dos povos no Continente da América Latina e Caribe, cabe a Igreja “como missão própria e específica comunicar a vida de Jesus Cristo a todas as pessoas, anunciando a Palavra, administrando os sacramentos e praticando a caridade” (DAp 386). Inserida num Continente marcado por desigualdades sociais e da persistência da pobreza, Aparecida explicita que a Igreja da América Latina e do Caribe é “morada de seus povos” e “casa dos pobres de Deus” (DAp 8; 524). Sua missão primordial é pregar a Boa Nova da salvação, de modo que os ouvintes possam descobrir, através do anúncio, as razões necessárias para superação da dicotomia entre a fé e a vida, melhorando os relacionamentos nos contextos socioculturais (DAp 331). A missão não é um fardo imposto na vida do cristão, mas é consequência do compromisso assumido no dia do batismo e faz de cada batizado partícipe da obra redentora de Deus Trino. Por isso “a providência de Deus nos confiou o precioso patrimônio de pertencer à Igreja pelo dom do batismo que nos tem feito membros do Corpo de Cristo” (DAp 127). Como membros de Cristo, partilhamos com ele a sua missão.

3.2.5. Uma teologia eucarística

O Papa Bento XVI no discurso inaugural da Conferência destacou a necessidade da participação na Missa dominical, afirmando que a celebração da Eucaristia é o centro da vida cristã. De acordo com afirmação do Papa, é da Eucaristia que brotará a civilização do amor que transformará a América latina e o Caribe, no Continente do amor (DAp 128). São muitos os lugares possíveis para um discípulo encontrar-se com Jesus, mas a Eucaristia é o lugar privilegiado. A participação neste Sacramento nos coloca na intimidade com Jesus, em comunhão com Deus e com o próximo (DAp 251). A Eucaristia é a fonte inesgotável do impulso missionário, pois é a fonte de onde se origina o projeto de missão do cristianismo, de modo que, alimentado pelo Pão Eucarístico, na força do Espírito Santo o discípulo renova a sua identidade e assume o compromisso na missão de Jesus, prolongando sua presença no mundo. Fortalecido e impulsionado para a missão, o discípulo missionário retorna para o mundo decidido a transformar a vida de seus semelhantes, conforme os desígnios de Deus.

Desse modo, “Devemos nos ater à “coerência eucarística”, isto é, ser conscientes de que não podem receber a sagrada comunhão e ao mesmo tempo agir com atos ou palavras contra os mandamentos” (DAp 436). A sagrada comunhão é alimento para a prática da missão.

O projeto missionário que Deus Pai apresenta para o mundo tem por objetivo reconduzir a humanidade à plenitude da vida, de forma que todos se reconheçam como filhos de Deus Pai. Ele manifestou no passado o desejo de oferecer sua glória ao ser humano, e, sem descansar, continua presente na história seduzindo e atraindo a humanidade incansavelmente ao seu convívio. “É Deus Pai que nos atrai por meio da entrega eucarística de seu Filho (cf. Jo 6,44), dom de amor com o qual saiu ao encontro de seus filhos, para que, renovados pela força do Espírito, possamos chamá-lo de Pai” (DAp 241). Cristo, o Filho, entregue generosamente pelo Pai, é o dom que se entregou pela nossa salvação. Dom que, depois da Páscoa, os discípulos fazem memória para tornar sempre viva e fecunda a salvação pascal.

O cristão é diariamente desafiado a fazer opções. Seguir no caminho proposto por Jesus nem sempre é fácil. Muitas vezes, os desafios questionam a fé e colocam a dimensão religiosa em crise. É preciso ser forte para perseverar, apesar das fraquezas da carne, como, aliás, é próprio da natureza humana. Como manter nossa fé inabalável e resistir às tentações do mundo? Aparecida responde: “A Eucaristia é o centro vital do universo, capaz de saciar a fome de vida e de felicidade: “Aquele que come de mim, viverá” (Jo 6,57). Nesse banquete feliz participamos da vida eterna e, assim, nossa existência cotidiana se converte em uma Missa prolongada” (DAp 354). Nesse sentido, a Eucaristia representa o ponto mais alto da vida cristã, de onde a cristã e o cristão partem para a vida do cotidiano, agora, alimentados espiritualmente para vencer os desafios da missão. Na semana seguinte, o discípulo missionário retorna para celebrar com a comunidade, e, novamente, participa da celebração Eucarística, alimentando sua fé e renovando o desejo de ser missionário, tornando-se cada vez mais consciente e maduro. Por esta razão é que insiste Aparecida, “sem uma participação ativa na celebração eucarística dominical e nas festas de preceito não existirá um discípulo missionário maduro” (DAp 252). A Eucaristia é ação de graça por excelência, por isso, bendizemos a Deus pela sua entrega generosa na Eucaristia, pão de vida eterna. Ponto de encontro íntimo do homem com Deus e necessário para sustentabilidade da Igreja peregrina em missão. Centro de onde procede a força para a comunidade produzir os frutos do reino, e fonte de toda atividade missionária (DAp 363).

3.3 A teologia da missão em três obras atuais de missiologia

O norte da missão para a Igreja da América Latina e do Caribe encontra-se clarividente no documento de Aparecida. O documento apresenta satisfatoriamente todos os fundamentos teológicos da missão, para que os discípulos missionários cumpram de maneira plena, o mandato missionário de Jesus. No entanto, para atingir o propósito dessa pesquisa, em conjunto com o orientador, definimos que, além da teologia presente no documento de Aparecida, deveríamos aprofundar a pesquisa, concentrando em algumas obras correspondente a teologia da missão, publicadas no campo da missiologia. São muitos os teólogos missiólogos que tratam do assunto, porém nos concentraremos, em três obras publicadas recentemente, contemplando três contextos mundiais diferentes, nos quais as obras foram produzidas. Estaremos abordando a obra “Missão Transformadora”, do teólogo sul africano David J. Bosch. Esta obra foi publicada originalmente em 1991, sendo atualmente um dos livros mais conhecidos no campo da teologia da missão. Vamos explorar, também, a obra “*La Iglesia en la encrucijada de la misión*”, do teólogo espanhol Eloy Bueno de la Fuente. A obra de la Fuente foi publicada em 1999 e trata da missão considerando o contexto atual em que está ocorrendo uma mudança de paradigma. Inicialmente, o autor destaca alguns aspectos fundamentais que mudaram o pensamento da missão eclesial nos últimos anos. No entanto, a maior contribuição da sua obra nesta pesquisa são as perspectivas para o futuro da missão, onde o autor entende que já adentramos em um novo paradigma, e que este novo paradigma, é quem vai construir o futuro da Igreja Católica e de todas as igrejas cristãs. E, por último, estaremos nos debruçando sobre a obra “*Teología para a misión hoy*” publicada recentemente (2009) pelos teólogos americanos Stephen B. Bevans e Roger P. Schroeder. Esta obra responde como o próprio título sugere, a uma teologia da missão para hoje.

A contribuição desses autores nos ajudará a entender melhor a estrutura, a teologia e os encaminhamentos teóricos e práticos de Aparecida, uma vez que, suas obras nos permitem estabelecer um contraponto teológico com a reflexão do documento, visto que os autores demonstram sensibilidade para a realidade da América Latina. Sem esgotar a temática examinada pelos autores, limitamo-nos para esta pesquisa, em seis modelos de missão, frequentemente presente e sublinhado na abordagem de Aparecida.

A partir do advento do Concílio, com a publicação do Decreto *Ad gentes*, a Igreja adota um novo modelo na atividade missionária, assume a missão como obra do Deus Pai, e convida todos os batizados, a tomar parte dela, segundo a índole missionária de cada um. Depois do Vaticano II, num período relativamente curto que compreende basicamente três

décadas, foram promulgados três documentos missionários, construídos sob as bases dos novos fundamentos do Concílio, que deram um novo impulso na missão da Igreja. Do próprio Vaticano II, surgiu o Decreto *Ad gentes* que apresenta uma realidade mais ampla e profunda da Igreja, e define a atividade missionária como parte integrante da sua natureza. Na perspectiva do *Ad gentes*, a missão tem sua origem na Trindade. Deus é o principal missionário e a Igreja foi eleita para participar na vida salvadora da comunidade divina. Em 1975, o Papa Paulo VI promulgou a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, resultado da reflexão do Sínodo dos bispos, reunidos em Roma em 1974, com o tema: “A evangelização no mundo contemporâneo”. *Evangelii Nuntiandi* é considerada por muitos, ainda hoje, um dos documentos mais importantes da Igreja, depois do Vaticano II. Com suas declarações inovadoras sobre evangelização da cultura, a natureza libertadora da evangelização, religiosidade popular e comunidades eclesiais de base, a Exortação Apostólica marcou um novo impulso no movimento missionário católico. Missão com fundamento na *Evangelii Nuntiandi* tem, como alvo, o serviço ao Reino de Deus. O terceiro modelo de missão fundamenta-se na Encíclica *Redemptoris missio*, do Papa João Paulo II, publicada por ocasião dos 25 anos de AG e dos 15 anos de EN. Por que da missão? É a pergunta do Sumo Pontífice. Respondendo, o Papa afirma que esta missão é para proclamar a verdade da novidade de vida que se encontra em Jesus Cristo. Aparecida contempla, de modo geral, os três modelos missionários acima, porém, com maior ênfase no modelo *missio Dei*.

3.3.1 Missão segundo o modelo da *missio Dei*.

Para entender melhor o conceito da *Missio Dei* é necessário acompanhar a evolução do pensamento missionário desenvolvido na teologia protestante, notadamente a partir do início do século XX. O primeiro passo da reflexão, que mais tarde definiria um novo modelo de missão nas igrejas, aconteceu na Conferência Missionária de Edimburgo (1910). Nessa Conferência a reflexão versou sobre a falta de entusiasmo missionário nas igrejas do Ocidente sinalizando para as mudanças que se consolidaram anos mais tarde. A Conferência de Tambaram (1938) fez a opção de não fazer mais a distinção entre países cristãos e não cristãos, rompendo com a linha divisória que separava o mundo entre “cristianismo” e “paganismo”. A partir dessa nova abordagem na teologia da missão, Europa e América do Norte passaram a fazer parte dos campos de missão, principalmente Europa, onde a teologia antropocêntrica do protestantismo liberal mostrava-se insatisfatória para vencer aos desafios das ideologias totalitárias que surgiam depois da Primeira Guerra Mundial. A repercussão

dessa mudança foi expressiva. “Pela primeira vez, o reconhecimento de que a igreja e a missão constituem uma unidade indissolúvel começou a penetrar de tal maneira que não mais podia ser ignorado” (BOSCH, 2002, p. 444). O passo mais decisivo na construção do novo paradigma missionário que iria deslocar a igreja do centro da missão, para fazer dela enviada para a missão, aconteceu na reunião de Willingen (1952). Nessa reunião “reconheceu-se que a igreja não poderia ser nem o ponto de partida nem o alvo da missão. A obra salvífica de Deus precede tanto a Igreja quanto a missão” (BOSCH, 2002, p. 444). Foi daí que surgiu o conceito da “*missio Dei*” reconhecendo que a missão é de Deus, ele é o dono, ele quer e faz a missão, a Igreja só participa como enviada. E sendo a missão de Deus maior que a Igreja, é a *missio Dei* que institui as missões da igreja (BOSCH, 2002, p. 444). Desse modo, um novo conceito da missão havia se formado nas igrejas protestantes, tanto que a Conferência missionária realizada mais tarde em Gana (1958) declarou já na abertura: “A missão mundial cristã é de Cristo, não é nossa” (BOSCH, 2002, p. 445), e ampliou o conceito afirmando publicamente que “a igreja é missão”; “que a base doméstica está em toda a parte”; “missão em parceria” (BOSCH, 2002, p. 445).

Quando falamos a palavra missão, na Igreja, referimo-nos ao termo na sua raiz latina, que do latim “*mittere*” significa enviar. Bosch diz que o termo, no sentido de enviar agentes eclesiais na época do colonialismo, foi usado pela primeira vez por Inácio de Loyola. Naquele contexto, missão expressava as atividades designadas ao agente missionário enviado para as colônias, cujo objetivo era a conversão dos povos conquistados, num projeto expansionista da Europa, tanto territorial como da fé cristã. No conceito da *missio Dei*, missão é uma decisão original que se encontra na fonte trinitária por iniciativa do próprio Deus. Ele é o senhorio da missão. Nesse conceito a Igreja não tem uma missão, ela é apenas instrumento para a missão, que é de Deus. Bosch diz que “não é a Igreja que deve cumprir uma missão de salvação no mundo; é a missão do Filho e do Espírito por meio do Pai mediante o Pai que inclui a Igreja” (BOSCH, 2002, p. 467). A Igreja, constituída para ser sinal e instrumento de salvação, é chamada a participar da ação missionária da Trindade. A vocação da Igreja consiste em ser coparticipante da missão de Deus, porém, ciente de que a missão de Deus é maior que a própria Igreja, pois a missão de Deus abarca tanto a Igreja quanto o mundo.

Missão se define pela relação de Deus com o mundo, e para a Igreja, “participar da missão é participar do movimento de amor de Deus para com as pessoas, visto que Deus é uma fonte de amor que envia” (BOSCH, 2002, p. 467). Na “*missio Dei*” participa a Igreja com todos os seus membros, Deus se manifesta no mundo através das ações concretas da Igreja, curando, libertando e salvando em ação conjunta, de forma plural e dinâmica. No

modelo missionário da *missio Dei*, a Igreja vê o mundo com os olhos de Deus, e sua tarefa é perscrutar os sinais, ouvindo, anunciando, denunciando, defendendo e executando as obras do Reino de Deus, para que o Reino seja realidade, presente e futura. Os verdadeiros anunciadores, aqueles que foram chamados e incluídos na *missio Dei*, participam das ações de Deus na história, transformam o mundo e manifestam os sinais do reino.

A *missio* de Deus é sempre um chamado à decisão, e exige uma resposta crente e amorosa tanto da Igreja, como de seus membros que são conduzidos pela graça da pia batismal a fazer parte desse projeto que abarca por inteiro o agir de Deus no mundo, convocando a participação de todos, para que ninguém fique de fora. Vivendo o tríplice múnus batismal, todo batizado participa da “*missio Dei*” por meio de ações concretas, contribuindo para que o mundo seja salvo. “A nossa tarefa no mundo é o voltar-se de Deus para o mundo em relação à criação, conservação, redenção e consumação” (BOSCH, 2002, p. 469). Dessa forma, Deus se faz presente nas realidades do mundo, revelando-se como um Deus missionário, agindo até o final dos tempos por meio da Igreja. “Compreende-se a missão, desse modo, como o movimento de Deus em direção ao mundo; a igreja é vista como um instrumento para essa missão” (BOSCH, 2002, p. 468). Em missão, a Igreja é sinal e instrumento da ação de Deus. Santa e pecadora, subsiste em função da graça santificante de Deus.

Uma missão que se aproxima dos pobres e de outros sofredores para comunicar a plenitude da vida que Cristo oferece, tem na Trindade Santa o seu fundamento teológico. Esta é a missão segundo o modelo missionário da *missio Dei* que se funda no Deus Trindade, cujo modelo de comunhão é para comunicar a vida. Desse modo, a comunidade dos discípulos missionários não pode ser uma comunidade fechada, alheia às situações circundantes e preocupada apenas com as particularidades internas. Deus é fonte inesgotável de amor que irrompe sem cessar comunicando-se com o mundo, em atitude de relação. A comunidade trinitária é comunhão que não se contém em si, assume as realidades do mundo e doa-se gratuitamente. Nesse gesto de Autocomunicar-se, Deus se tornou missionário em relação de amor com o mundo. E no movimento para dentro do mundo, Deus convida os discípulos missionários para participarem da *missio Dei*.

Eloy Bueno de la Fuente fala da *missio Dei* a partir do Decreto *Ad Gentes*, inicialmente comentando o número 6 (seis), pois, na sua concepção, essa passagem foi submetido a duras críticas. Segundo afirmação desse autor, o texto desse parágrafo é ambíguo, pois foi inserida propositalmente a percepção teológica da missão, segundo o entendimento das escolas de Múnster e Lovaina. O texto fala que a atividade missionária

destina-se tanto a pregação do Evangelho, como implantação de igrejas. No entanto, é conhecido que este documento conciliar representa a transição da missiologia católica. Já no início situa a missão da Igreja dentro do desígnio e da revelação de Deus trinitário. Outro ponto importante que caracteriza tal transição é a passagem das “missões” para a “missão”. A partir da publicação do Decreto *Ad gentes*, a missão assumiu a proeminência das missões. Fica claro também que são as circunstâncias e as condições históricas e sociais que determinam a necessidade da missão. Isso significa que a Igreja não pode ficar indiferente às necessidades do mundo, nem contra o mundo, mas é enviada para dentro do mundo e sua função é salvá-lo. Ela existe em favor do mundo (FUENTE, 1999, p. 143).

Bevans e Schroeder, referindo-se ao enunciado 6 do *Ad gentes*, não tecem nenhum tipo de crítica ao fato do documento fazer uma síntese entre a compreensão da missão das escolas de Münster e Lovaina. Esclarecem apenas que a evangelização e a implantação de igrejas devem ser compreendidas dentro de um contexto mais amplo e profundo que define a Igreja como missionária por natureza. A Igreja é missionária porque ela própria resulta do amor transbordante de Deus, que se expressa na missão do Filho e na missão do Espírito Santo (AG 2). A missão de Deus é fundamento teológico que garante a natureza missionária da Igreja. “A Igreja está em missão porque a graça foi animada pela *missio Dei*, a mesmíssima missão de Deus na criação, redenção e satisfação continua” (BEVANS; SCHROEDER, 2009, p. 494, tradução nossa). O povo de Deus peregrino é a comunidade em missão, eleito em função do “projeto de Deus (...), e ao mesmo tempo comprometido em compartilhar as consequências e implicações da aliança de Deus para com toda a humanidade” (BEVANS; SCHROEDER, 2009, p. 510, tradução nossa).

3.3.2 Missão a serviço do reinado de Deus

Segundo Aparecida, a missão com objetivo de aproximar as pessoas de Jesus Cristo encontra, hoje, um vasto campo de atividade para os discípulos missionários em todo o Continente da América e do Caribe. Focando na realidade que as pessoas vivem, manifesta-se o principal desafio para os discípulos missionários e para uma Igreja em estado de missão. Trata-se da imensa pobreza, exclusão e marginalização das pessoas, impedindo a vida plena de todos. Nesse contexto, a proposta de uma missão continental tem como objetivo transformar a realidade e a imediata instauração do Reino de Deus. “O prazo se cumpriu. O Reino de Deus está chegando. Convertam-se e creiam no Evangelho” (Mc 1,15). Assim, relembando as palavras do Mestre que inicia sua missão anunciando a iminência da chegada

do Reino de Deus a seus conterrâneos, Aparecida convoca todos os discípulos missionários a entrarem na dinâmica do Reino de Deus.

Jesus, o Galileu, missionário do Pai, assumiu, como compromisso de vida, a missão de anunciar a Boa Nova do Reino de Deus. “Pode se até dizer que, para Jesus, o reinado de Deus é o ponto de partida e contexto para a missão” (BOSCH, 2002, p. 52); Sua encarnação, seus gestos e palavras, a escolha e o envio dos Doze, sua morte e Ressurreição e a sua presença contínua com os seus, tudo está relacionado com o Reino que Ele proclamava. Assim Marcos inicia seu Evangelho anunciando a “Boa Nova” afirmando que “Reino de Deus” está próximo. Mateus também enfatiza bem o Reino de Deus como tema central da mensagem de Jesus mostrando a face misericordiosa de Deus. Mateus diz que Jesus ia por toda parte, de aldeia em aldeia, num ministério itinerante, anunciando o Evangelho do Reino, ensinando, curando, com compaixão (Mt 9, 35). Não só pregando, mas ensinando. Não só pregando e ensinando, mas também curando e atendendo as necessidades físicas e mentais dos carentes.

Para Bevans e Schroeder, a chave para a compreensão do Reino é a noção de salvação que Jesus oferecia a cada pessoa que encontrava. Para elas, a única condição exigida era que a pessoa concordasse plenamente ao amor de Deus colocando-se a caminho para uma total mudança interior... uma conversão radical, uma transformação profunda de mente e de coração (EN 10). Salvação, segundo o ministério de Jesus, significa libertação integral que abarca tanto a dimensão interna e espiritual proporcionando sua abertura para o Absoluto, que é Deus, como a cura externa e física que significa a libertação de tudo o que oprime o ser humano. Surge então uma definição para a missão que se fundamenta na missão de Jesus em relação ao Reino que ele anuncia. “Missão, em outras palavras, significa ser Igreja, porque ser Igreja significa compartilhar a missão de Jesus, que constituiu em pregar, servir e testemunhar com todo seu coração o reinado de Deus” (BEVANS; SCHROEDER, 2009, p. 522, tradução nossa). Como discípulos missionários de Jesus, nosso compromisso se volta para a construção do Reino de Deus. Este deve se tornar realidade onde definitivamente as pessoas vivem, independente se participam da nossa Igreja.

Em definitivo, as pessoas não são chamadas para a Igreja, mas para o Reino de Deus; o reinado de Deus é uma realidade maior que a Igreja ou o conhecimento explícito de Cristo e da fé em Cristo, e é pela graça desse reinado que as pessoas encontram sua plenitude, sendo ou não membros da Igreja (BEVANS; SCHROEDER, 2009, p. 544, tradução nossa)

Com essa afirmação, entendemos que a razão motivacional da missão não é a Igreja, mas o Reino de Deus. A Igreja é apenas servidora do Reino de Deus enquanto convoca e

anima seus membros para a missão de lutar pela libertação das estruturas injustas (BEVANS; SCHROEDER, 2009, p. 537).

3.3.3 Testemunho: relação da fé com a vida

Igreja em estado de missão significa que a Igreja peregrina caminha no mundo, comprometida com todas as dimensões relacionadas à vida humana, desenvolvendo suas atividades rumo à promoção do *estatus* de vida plena para todos. Na América Latina e Caribe, a realidade social dos povos denuncia a existência de uma prática cristã que separa a fé da vida. A verdadeira fé carrega suas obras ligadas a si, e fé sem obras é morta em si mesmo, é o que afirma São Tiago: “Tu tens fé e eu tenho obras. Mostra-me a tua fé à parte das obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras” (Tg 2,18). De tal sorte que as boas obras praticadas são produtos da própria fé, e até comprovam a fé. Por isso as boas obras precisam ser praticadas no cotidiano da vida, por meio de ações concretas de caridade, e com significado de vida plena para todos.

Ser discípulo missionário significa estar comprometido na missão de Jesus, cuja mensagem evangelizadora soa com palavras, ações e testemunho. A mensagem transformadora não brota só do Evangelho, mas, sobretudo, o que dá credibilidade às Palavras do Evangelho são as boas ações praticadas pelo mensageiro. Alguém pode duvidar de suas palavras, mas acreditará sempre nas suas obras. Na opção do discipulado de Jesus, está implícito o compromisso missionário de manter um estilo de vida coerente com a mensagem do Evangelho que se pretende anunciar, de modo que o testemunho de vida do discípulo missionário será a principal ferramenta para anunciar o Reino de Deus.

Bosch enfatiza a dimensão do testemunho, quando aborda o modelo de missão como evangelização. Com afirmações diretas e sem deixar margens para suposições, ensina que o testemunho da comunidade, ou do agente missionário, é tão importante quanto a mensagem anunciada. Em outras palavras podemos arriscar modestamente dizer que, se a missão é a comunicação da experiência da fé, então missão significa anúncio e serviço. “Não é possível supor que a dimensão evangelística da igreja esteja incluída em tudo que a igreja diz e faz; necessita-se torná-la explícita” (BOSCH, 2002, p. 495). Porém, o evangelismo não acontece de qualquer jeito: “*O evangelismo só pode acontecer quando a comunidade que evangeliza – igreja – é uma manifestação radiante da fé cristã e exhibe um estilo de vida atraente*” (BOSCH, 2002, p. 495 – itálico no original). Com esta afirmação Bosch quer dizer que o verdadeiro evangelismo exige testemunho da comunidade que anuncia, pois “O meio é

mensagem – se a igreja deseja divulgar ao mundo uma mensagem de esperança e amor, de fé, justiça e paz, algo disso deve tornar-se visível, audível e tangível na própria igreja” (BOSCH, 2002, p. 495).

Para de la Fuente, a *práxis* cristã é o conceito chave no processo de salvação, pois só ela é capaz de mudar a realidade. “Só a *práxis* garante a verdade da doutrina. Só na *práxis*, portanto se pode falar da verdadeira salvação cristã” (FUENTE, 1999, p. 244, tradução nossa). Esta afirmação é de fundamental importância na reflexão missionária atual, em que a meta da missão aponta para o compromisso da salvação integral do ser humano. Nesse sentido o autor vai ao cerne da questão, ressalta a desigualdade social, notadamente a existência da pobreza em países declarados cristãos, o silêncio e a ausência da Igreja nos momentos cruciais da humanidade, tais como: Auschwitz, Hiroshima, Ruanda, África do Sul, e nas periferias das grandes cidades do terceiro mundo. Da omissão do passado e diante dos desafios atuais, a missão integral exige testemunho cristão ativo com força para interferir e transformar os caminhos da humanidade. “A Igreja em sua missão se vê obrigada a sair do exílio da teoria, e deixar-se interpelar pela situação real da humanidade” (FUENTE, 1999, p. 249, tradução nossa). A ação cristã da *práxis* é o principal testemunho que dará visibilidade e credibilidade ao projeto de Deus. Nela se evidencia a relação da fé com a vida, em que a Igreja confirma efetivamente que participa no destino da humanidade, colaborando na construção da história de salvação. Em relação ao julgamento de Eloy Bueno sobre a ausência da Igreja nos momentos cruciais da humanidade, tenho a convicção que devemos respeitar a sua honrosa opinião, porém, modestamente acolho com reserva as conclusões do autor, entendendo que existem várias opiniões e conclusões diferentes sobre a questão.

Bevans e Schroeder abrem a reflexão sobre o testemunho citando a *Evangelii Nuntiandi*, onde Paulo VI proclama: “o primeiro meio de evangelização consiste no testemunho de vida autêntico cristão” (EN 41), completando que “é a base, o centro e o cume da evangelização (DA 10)”. O modelo da missão de Jesus teve como características principais as palavras e os atos, porém, em Jesus, a coerência dos atos, em relação às palavras proclamadas, transmitia um poderoso testemunho de seus ensinamentos. E de acordo com o envio missionário apresentado em Mateus, solicitando o repasse de todo o ensinamento de Jesus a outros discípulos (Mt 28,19-20), Bevans e Schroeder insistem que, mais que uma doutrina concreta, os ensinamentos de Jesus se resumem num modo de vida. E sutilmente perguntam ao leitor: “Acaso o problema maior da Igreja hoje não seja que o testemunho não está à altura de seus ensinamentos; nem sempre pratica o que prega” (BEVANS; SCHROEDER, 2009, p. 592, tradução nossa).

Testemunho é ação concreta percebida na pessoa do “cristão concreto, na comunidade cristã local, na Igreja institucional e ou na comunidade cristã que dá testemunho comunitário” (BEVANS; SCHROEDER, 2009, p. 593, tradução nossa). Segundo os autores, o testemunho mais elementar do cristão, é “o testemunho concreto das pessoas crentes que vivem suas vidas à luz da fé” (BEVANS; SCHROEDER, 2009, p. 593, tradução nossa). Em alguns casos, o testemunho apresenta características extraordinárias, citando como exemplo Charles de Foucauld, Albert Schweitzer e Madre Teresa, mas pode perfeitamente surgir de alguém que vive com integridade a vida ordinária (BEVANS; SCHROEDER, 2009, p. 593, tradução nossa). O testemunho é um dos meios mais eficientes da evangelização e imperativo da missão, sendo que, em muitos casos é o único meio possível para o missionário (RM 42). Porém uma comunidade local precisa testemunhar sempre com gestos e ações aquilo que anuncia com palavras. “Hoje em dia, o testemunho que oferece a comunidade local deve caracterizar-se por estar no mundo sem ser do mundo, como uma comunidade de estrangeiros residentes, uma comunidade alternativa que, entretanto, ama o mundo e está profundamente comprometida com ele” (BEVANS; SCHROEDER, 2009, p. 595, tradução nossa).

3.3.4 Missão a serviço dos pobres: promoção da dignidade humana

A quem essencialmente interessa a missão da Igreja e ações missionárias de milhares de discípulos missionários de Jesus Cristo, no Continente latino americano e caribenho? Interessa, evidentemente, às pessoas e ao mundo em que elas vivem. A missão continental em todo o Continente, com a participação de uma Igreja em estado permanente de missão, destina-se exclusivamente às pessoas, e a cada um em particular, promovendo a dignidade humana, para que nossos povos Nele tenham vida, e vida em abundância. Com tantos desafios que surgem diariamente, será preciso avançar de uma condição de cristão cultural, para agentes de pastoral de transformação. No entanto, para dar esse salto de qualidade, são necessárias pessoas instruídas na pesquisa teológica e pastoral, que tenham consciência da missão e tornem-se missionários pelas vias da *diaconia* e da compaixão.

Eloy Bueno é muito enfático ao tratar da missão com relação à pobreza e afirma que tal contexto está transformando o pensamento da Igreja, a teologia e a práxis da missão. “A atenção ao contexto obriga a destacar a situação de pobreza e injustiça como elemento metodológico irrenunciável por toda a teologia que pretenda ser significativa e enraizada em comunidades eclesiais concretas” (FUENTE, 1999, p. 239, tradução nossa). Desse modo, “libertação”, “promoção humana”, “denúncia profética”, “luta contra a injustiça”,

“erradicação da pobreza”, “direitos humanos” e “defesa da dignidade dos marginalizados”, são expressões que soam na Igreja transformando-se em instâncias para um estágio novo da missão envolvendo todos os discípulos missionários. “A Igreja, em sua missão, se vê obrigada a sair do exílio e da teologia para deixar-se interpelar pela situação real da humanidade. Em sua missão, a Igreja penetra no núcleo do destino da história humana que aspira a ser efetivamente história de salvação” (FUENTE, 1999, p. 249, tradução nossa). Se a meta da missão é a salvação da humanidade, e, se a Igreja existe para promover a salvação, deve fazê-la a partir da própria experiência humana. Fora deste fundamento, não haverá missão e nem esperança.

Bevans e Schroeder tratam da questão dos pobres sob o tema da justiça e destacam que o cuidado com os pobres e marginalizados da sociedade sempre fez parte do horizonte da missão da Igreja. Porém, a partir do século XX, devido à nova compreensão da dignidade humana, a Igreja percebeu que não basta simplesmente assistir aos pobres e marginalizados por meio das obras de caridade. Era preciso promover ações no sentido de erradicar as causas de sofrimento e exclusão. Desse modo, além das obras de misericórdia, a Igreja passa a atuar de forma mais significativa em prol do desenvolvimento humano e da luta pela libertação. “Hoje em dia está claro que todas as igrejas são chamadas a falar a e em favor dos pobres e marginalizados, a dotá-los de poder para falar com sua própria voz, e a estar com eles em opção de solidariedade e práxis. O reinado de Deus e a justiça social não devem separar-se” (BEVANS; SCHROEDER, 2009, p. 621, tradução nossa). Missão em favor da justiça aos pobres e marginalizados, em primeiro lugar, é anunciar a Boa Nova na óptica de um Deus da justiça, que é missionário para instaurar no mundo uma sociedade justa e inclusiva. Segundo, a missão tem o objetivo de ajudar os pobres e marginalizados, para que eles descubram sua própria voz e, a partir de sua cultura, tradição e humanidade, possa atingir a libertação total.

3.3.5 Missão Inculturada

A inculturação tem como referencial a encarnação de Jesus Cristo Filho de Deus, ao assumir a natureza humana. O grande ensinamento que extraímos na trajetória do Verbo que se fez carne é que Deus, por meio de seu Filho, entra na vida humana sem apagar as características, antes, porém, a completa e diviniza. O termo inculturação nasceu na segunda metade do século XX e surgiu para expressar um novo modelo de missão, em que o Evangelho é anunciado como princípio que anima, guia e transforma de dentro da própria cultura, produzindo uma nova criação. É nesse sentido que Aparecida tratando de nossos

povos em relação à evangelização, aponta para uma evangelização inculturada, mostrando suas conveniências tanto para a Igreja como para cada cristão em particular.

Bosch trata da inculturação como um dos modelos de missão da Igreja, destacando a relação que a fé mantém com a cultura. “A fé cristã jamais existe senão como “traduzida” para dentro de uma cultura” (BOSCH, 2002 p. 535). Bosch relembra que esta foi uma das principais características da Igreja primitiva, quando saiu da cultura judaica e penetrou no contexto siríaco, grego, romano, copta, armênio, etíope, maronita, etc. possibilitando assim que todos os povos se percebessem em casa na prática de uma fé inculturada. Porém, a partir da liberdade de Constantino, a Igreja passou a ser portadora de uma cultura (BOSCH, 2002 p. 535).

Outro ensinamento importante extraído da obra de Bosch é que a inculturação tem seu referencial na encarnação, mesmo que inconscientemente. E relembra que todas as tradições teológicas com frequência citam o modelo da *kenosis* de Jesus, como referencial da dimensão kenótica e encarnacional da inculturação. “Nesse paradigma, não se trata tanto de a Igreja ser expandida, mas de ela nascer de novo em cada novo contexto e cultura” (BOSCH, 2002 p. 542). A Igreja é universal, vive em comunicação com as demais igrejas. Desse modo, nenhuma delas pode acreditar que possui a única legítima verdade do Evangelho. Por outro lado, “a Igreja precisa ser um lugar em que é possível sentir-se em casa; se, porém, apenas nós nos sentimos em casa em nossa Igreja específica e todas as outras pessoas são excluídas, ou mal acolhidas, ou se sentem completamente alienadas, então algo deu errado” (BOSCH, 2002, p. 545). Toda a Igreja local está inserida globalmente na Igreja Una e Santa, sendo necessário a Igreja local combinar seu agir local, com a macroperspectiva da Igreja na dimensão universal. Isso implica que “nossas Igrejas e comunidades de culto também precisam ser desprovincializadas” (BOSCH, 2002, p. 546).

Eloy Bueno define inculturação no âmbito teológico como “a inserção progressiva da fé cristã em uma cultura; é a semeadura da semente evangélica para que germine, se desenvolva e frutifique a partir do *húmus* cultural segundo o gênio do povo que a recebe, integra e assimila” (FUENTE, 1999, p. 178, tradução nossa). Inculturação conjuga dois movimentos para um mesmo resultado: “a presença da Igreja junto a um povo e a transformação dos valores culturais” (FUENTE, 1999, p. 178, tradução nossa). É a transformação dos valores culturais de um povo pela íntima integração no cristianismo que confere a identidade da inculturação. Na inculturação, o cristianismo deixa de ser uma religião estrangeira, enquanto os cristãos radicados numa cultura não ocidental deixam de ser estrangeiro na Igreja (FUENTE, 1999, p. 178, tradução nossa). Cada povo tem seus elementos

culturais que se expressam através da linguagem e dos símbolos. A liturgia cristã se torna um elemento de integração do povo celebrante, através dos símbolos e sinais sensíveis, para que a assembleia melhor se aproprie do sagrado. “Evangelização inculturada ajudará os povos a integrar os valores evangélicos em sua linguagem com seus símbolos” (FUENTE, 1999, p. 179, tradução nossa). Nesse sentido, a missão atual procurará desenvolver uma evangelização que ajude os povos a integrar os valores evangélicos com a linguagem e os símbolos do próprio povo. Isso faz com que a inculturação da liturgia seja um imperativo missionário para os dias de hoje.

Bevans e Schroeder afirmam a necessidade da inculturação no processo da missão como diálogo profético. Fundamentam a importância de uma missão inculturada, citando figuras importantes da história da Igreja que anunciaram a Boa Nova do Evangelho respeitando o contexto da evangelização. Entre eles destacam-se, Pedro e Paulo, Justino Mártir, Orígenes, Mateo Ricci, Bartolomeu de Las Casas, Charles de Foucauld e outros. Entretanto, em se tratando de missão inculturada, não podemos esquecer-nos de mencionar Cirilo e Metódio, personagens centrais da Carta Encíclica *Slavorum Apostoli*, de João Paulo II (1985). Os irmãos Cirilo e Metódio no século IX foram enviados em missão para anunciar o Evangelho para aos povos eslavos. Junto aos povos eslavos, a primeira atitude dos missionários, foi a criação de um alfabeto para traduzir as Escrituras na língua eslava. O mesmo fez Martín Lutero e outros reformadores no século XVI traduzindo as Escrituras na língua vernácula. “Por muitas razões, entretanto, a necessidade de uma apresentação e interpretação verdadeiramente inculturada do Evangelho se voltou mais evidente que nunca no último quarto do século XX, e continua sendo um elemento integral da missão hoje” (BEVANS; SCHROEDER, 2008, p. 647 tradução nossa).

Outra questão relevante para defender uma missão inculturada é o fato que a teologia se nutre também das experiências humanas, além das Escrituras e da Tradição. E no fundo, Escrituras e Tradição são produtos das experiências humanas de Israel e das primeiras comunidades (BEVANS; SCHROEDER, 2008, p. 647, tradução nossa). E “os cristãos somente podem ler as Escrituras e interpretar a tradição a partir de um lugar concreto” (BEVANS; SCHROEDER, 2008, p. 647, tradução nossa). A encarnação e a forma como Deus se revela através de uma cultura na história, indica “que a contextualização ou inculturação é um imperativo teológico e missiológico” (BEVANS; SCHROEDER, 2008, p. 648, tradução nossa). Qual a práxis da missão do discípulo missionário, diante da atual cultura que desafia a Igreja e rompe com a religião?

A principal tarefa da pessoa que deseja inculturar o Evangelho é colocar-se em diálogo com o contexto em que se prega o Evangelho ou se interpreta a vida cristã, e escutar e discernir como conectar a melhor maneira possível os aspectos imutáveis da fé cristã com os aspectos novos e desafiadores de uma particular experiência, cultural, situação social ou mudança social em um determinado lugar ou em relação com um povo concreto. (BEVANS; SCHROEDER, 2008, p. 649, tradução nossa)

Missão como inculturação é um processo longo e paciente. “Somente depois de anos de escuta, aprendizado e deixar-se evangelizar pelo contexto em que vive como estrangeiros e hóspedes, podem permitir-se adiantar propostas com relação à inculturação ou sugerir críticas acerca do contexto” (BEVANS; SCHROEDER, 2008, p. 651, tradução nossa). O missionário precisa, ainda, estar apto a reconhecer as sementes do Verbo já presentes na cultura, reconhecendo também que as pessoas são criaturas concretas e seres radicalmente culturais.

3.3.6 Diálogo ecumênico e inter-religioso

Uma das grandes mudanças ocorridas na Igreja Católica por meio do Vaticano foi o reconhecimento de que estamos diante de um pluralismo religioso, e que não podemos ignorar que Deus age também fora do catolicismo. A partir do momento que se reconhece a ação do Espírito Santo também fora da Igreja Católica, inclusive espalhando as sementes nas religiões não cristãs, começa um novo estilo de relações entre a Igreja Católica e as outras igrejas, surgindo propostas que se encaminham para o diálogo ecumênico e inter-religioso. Mesmo porque, para a humanidade, não é bom que as religiões ou as diversas denominações religiosas cristãs permaneçam no mundo como entidades rivais. Devemos considerar que o inimigo comum de todas as religiões são os principados e potestades da modernidade. Podemos identificá-los nas mazelas da cultura atual, distante e hostil à fé cristã, inimiga também de outras religiões; classificada em Aparecida como a cultura do consumo, globalizada, do indivíduo narcisista, da alta referência do indivíduo, da indiferença, e de outros adjetivos negativos, contrários à plenitude da vida.

É bom lembrar que diálogo ecumênico e diálogo inter-religioso são duas ações distintas e separadas e não podem ser confundidas sob o risco de atrapalhar as conquistas já alcançadas no ecumenismo. Diálogo ecumênico, ou simplesmente ecumenismo, ocorre dentro do cristianismo, reúne igrejas da fé cristã num processo em prol da unidade das igrejas. É na verdade, um movimento das igrejas cristãs na busca fraterna da superação das divisões, onde várias igrejas se reúnem para o diálogo e cooperação comum, sem que nenhuma delas perca as características particulares. Trata-se da unidade na diversidade. Diálogo inter-religioso

significa o diálogo do cristianismo com religiões não cristãs. Não podemos ignorar que atualmente, apesar de vivermos num país majoritariamente cristão, constantemente nos deparamos com adeptos de outras religiões do mundo. Do mesmo modo que as pessoas estão em mobilidade, as religiões não permanecem estanques ou limitadas a um determinado contexto geográfico, elas se movem na medida em que as pessoas se movimentam. Sabemos também que a salvação não é exclusiva da fé católica, pois Deus opera continuamente através de outros meios, e assim chega a todos os lugares e alcança todas as pessoas. Partindo da Trindade como fundamento da comunhão eclesial, diante dos desafios que emergem da cultura globalizada, a opção pelo diálogo ecumênico é uma exigência do contexto hoje.

Para Eloy Bueno o diálogo ecumênico e inter-religioso assume grande relevância no contexto da missão atual. A obra do autor, que estamos analisando, trata o assunto por diferentes formas de percepção, demonstrando de forma clara e precisa como a questão do diálogo ganha destaque no futuro da missão. Na sua obra, há um subtítulo chamado de “a missão na comunhão das igrejas”, onde sem titubear o autor declara: “A Igreja pluricultural, e em certo sentido policêntrica, já é uma realidade. E de modo cada vez mais palpável será em nosso futuro” (FUENTE, 1999, p. 166, tradução nossa). No seu modo de entender, o pluralismo religioso tem um sentido positivo para o catolicismo, pois se abre agora a possibilidade para o “catolicismo experimentar a graça como libertação e encontrar-se com a vida real dos povos. É a porta do futuro” (FUENTE, 1999, p. 167, tradução nossa), podendo proporcionar uma riqueza variada de serviços no mundo. “Um as igrejas geram variedades de ministérios, outras, sensibilidade para a justiça, outras, capacidade teológica, outras, espiritualidade, outras tentos de enculturação...” (FUENTE, 1999, p. 189, tradução nossa).

Eloy Bueno aplica o mesmo princípio do diálogo ecumênico para a missão no contexto das religiões. O encontro com as religiões “será provavelmente o que mais decisivamente contribuirá a determinar a configuração missionária da Igreja no futuro” (FUENTE, 1999, p. 269, tradução nossa). E alarga os horizontes da revelação apontando para outras religiões. “A leitura da revelação bíblica faz ver que a história da salvação não avança só através das vias “oficialmente cristãs”, pois o compromisso de Deus com a história dos homens se tem mostrado também antes da encarnação de Cristo” (FUENTE, 1999, p. 71, tradução nossa). Desse modo, é preciso que a Igreja perceba a presença de Deus além de suas fronteiras institucionais. Entretanto, reconhecer a presença de Deus fora da instituição cristã, ou admitir a salvação por caminhos só a Deus conhecidos, não implica que a missão seja uma atividade obsoleta. Fundamentando-se na Constituição dogmática *Lumen Gentium* que expressa o pensamento católico em relação às outras religiões, Eloy Bueno afirma:

“Esta Igreja peregrina é necessária para a salvação”. A razão é de caráter cristológico: “Porque somente Cristo é o mediador e o caminho de salvação, presente a nós em seu Corpo que é a Igreja”. Assim fica situado a missão da Igreja dentro do Mistério de Deus e como sinal e sacramento de luz dos povos que é Cristo, como servidora da epifania do plano de salvação: para que este alcance a sua plenitude escatológica e para que todos os homens alcancem a finalidade a que estão orientados (FUENTE, 1999, p. 278, tradução nossa).

E conclui a reflexão sobre diálogo ecumênico e inter-religioso, reiterando a necessidade de um novo estilo de missão que contemple a atitude de diálogo e abertura para colaboração com todas as religiões. E afirma que o diálogo é uma exigência para uma Igreja em missão hoje.

Bevans e Schroeder não tratam especificamente do diálogo ecumênico na obra analisada, entretanto, um dos últimos temas da reflexão sobre missão, como diálogo profético, aborda um tema chamado de “reconciliação como diálogo profético”. Nesse tema, os autores falam da reconciliação como um paradigma emergente da missão. Eis a afirmação dos autores:

A possibilidade de reconciliação é uma, se não a mais urgente maneira de expressar o sentido do Evangelho hoje. Em meio a uma violência sem precedente, de dor insuportável e de cicatrizes inapagáveis na memória dos povos, a Igreja como ministra de Deus para a reconciliação proclama que em Cristo e em sua comunidade, a cura é possível (BEVANS; SCHROEDER, 2009, p. 653, tradução nossa).

Segundo os autores, trata-se da reconciliação em diversos níveis, onde a Igreja deve estar comprometida em cada um deles, de acordo com a sua capacidade. Embora não citado, poderíamos considerar a reconciliação das igrejas cristãs, como oportunidade para sanar os ranços da história, pois esta atitude assume total relevância na missão do contexto atual, até como testemunho cristão. “A reconciliação, em suma, é uma maneira de fazer missão muito especialmente no contexto de nossos dias, mantendo-se fiel, entretanto, as constantes históricas da missão” (BEVANS; SCHROEDER, 2009, p. 660, tradução nossa). Quanto ao diálogo inter-religioso, os autores são bem incisivos. “Diálogo é, de fato, a única opção no mundo globalizado e policêntrico de hoje; tem e deve incluir um momento de anúncio – de cada participante para com seu interlocutor” (BEVANS; SCHROEDER, 2009, p. 635, tradução nossa). E afirmam que o diálogo com outras religiões é uma oportunidade para descobrirmos a plenitude de nossa fé. Enquanto diálogo, “exige escutar com atenção, habilidade comunicativa, empatia, estudo, respeito. Enquanto profético demanda sinceridade, convicção, valor e fé” (BEVANS; SCHROEDER, 2009, p. 643, tradução nossa).

3.4 Conclusão do capítulo

Segundo o teólogo Libânio, a teologia do documento de Aparecida fundamenta-se no tema central da Conferência, ou seja, na pessoa de Jesus Cristo. Sobre a cristologia, Libânio diz que ela é descendente, no estilo joanino alexandrina, centrada na pessoa de Jesus, Verbo divino que se encarnou na história. “O documento formulou a fé em Jesus, Filho eterno do Pai, que veio até nós para ensinar-nos o caminho, a verdade e a vida” (LIBÂNIO, 2007, p. 832). Em Cristo, portanto, encontramos o modelo exato da missão a ser seguido pelos discípulos missionários, na missão de hoje.

Do ponto de vista teológico, o documento deixa uma proposta nitidamente espiritual, fundamentada na espiritualidade trinitária. A Trindade é apresentada como referencial missionário para a Igreja e para os discípulos. É na Trindade que se origina a missão. O Pai é o Senhor da missão, o Filho é o missionário enviado do Pai e o Espírito Santo é o guia e protagonista da missão. A Trindade é também o modelo de comunhão, ponto de partida e ponto de chegada da missão. A Missão é participação na comunhão da Trindade. Destaca-se também o protagonismo do Espírito Santo, que antecede a missão dos discípulos missionários. Foi ele o guia da missão de Jesus, e continua na Igreja animando e orientando para a missão. Aparecida retoma o enunciado do *Ad gentes* (2), confirmando a natureza missionária da Igreja, e fundamenta a missão, como participação na missão trinitária. Para os discípulos missionários, Aparecida sugere a proximidade da Eucaristia, lugar privilegiado de encontro com Cristo e fonte inesgotável da missão.

Segundo a missiologia, o futuro da missão encontra-se numa Igreja inserida no mundo, mais aberta e comprometida com as suas realidades e menos proselitista, eclesiocêntrica e exclusivista. Desse modo, o modelo da *missio Dei* coaduna-se perfeitamente com os encaminhamentos para uma Igreja em estado de missão, destacando a comunhão dos fiéis entre si e com os fiéis de outras igrejas, o testemunho como prova da relação fé e vida, e o serviço em favor dos pobres. Inserida no mundo significa dizer que a Igreja de fato está comprometida com as questões mais relevantes da humanidade, particularmente com a desigualdade social, pobreza, injustiça, falta de sentido pelo transcendente, buscando com todas as forças a promoção da dignidade humana e a construção do Reino de Deus. Significa também inculturação do Evangelho, para que a mensagem seja mais bem acolhida e assimilada pelos ouvintes. Por outro lado devemos reconhecer a presença do pluralismo religioso e a presença de Deus operante nas outras religiões.

4 PERSPECTIVAS PARA A MISSÃO

4.1 Introdução

Aparecida apresenta o iluminar teológico centrado na pessoa de Jesus Cristo, fonte de vida para toda a humanidade. O tema escolhido para a Conferência, “discípulos e missionários de Jesus Cristo para que, Nele, nossos povos tenham vida”, serviu de guia para a construção de um grande projeto missionário, para a Igreja da América Latina e do Caribe. A partir do tema escolhido, desde o início a Conferência foi sinalizando que a situação de vida dos povos desafia discípulos missionários de Jesus Cristo, para um novo impulso missionário e convida aqueles que vivem na comunidade, para colocar a Igreja em estado permanente de missão. Em resposta aos desafios e solidária com a realidade dos povos, a Igreja se propõe, com a participação dos fiéis, a contribuir na transformação do cenário atual, promovendo a plenitude da vida a todos. Esta é a razão por que foi dada ênfase nas situações que não condizem com o projeto de Deus, pois elas desafiam a Igreja na sua essência missionária, convidando-a, para um estado permanente de missão.

Conforme deixamos claro desde o início desta pesquisa, é fato notório que o mundo vem já há algumas décadas, passando por uma mudança de época e vivendo novas experiências históricas, com reflexos na Igreja que sente internamente os efeitos do fenômeno e ao mesmo tempo é desafiada pelos efeitos que o fenômeno produz na sociedade. “A cultura moderna avançada, a Pós-Modernidade subjetivista, a sociedade do conhecimento avançam, intrépidas, interpelando a Igreja” (LIBÂNIO, 2010, p. 42). Diante do impacto da nova realidade, a sociedade perdeu alguns princípios estruturais que serviram de referências na estabilidade das instituições, e os fundamentos que a Igreja possuía como certos, e que responderam em outras épocas da história, passaram a ser questionadas. Desse modo, para cumprir a missão, e atuar no mundo como a grande inspiradora da humanidade, tornou-se imperativo buscar novos métodos e caminhos na ação evangelizadora, a fim de responder as perguntas atuais e as buscas espirituais do ser humano.

4.2 A experiência do discipulado

O projeto missionário que emerge de Aparecida, tem como característica básica, ser discípulo de Jesus comprometido na missão, para que outras pessoas também se tornem discípulos Dele. Nisso se evidencia a necessidade primordial do encontro pessoal com Cristo.

Em referência à Carta Encíclica “*Deus Caritas est*” de Bento XVI, a Conferência, em duas oportunidades, faz questão de frisar: “Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas através do encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva” (DAp 12; 243). O encontro com Cristo é um fato capital na missão hoje. A experiência de ficar com ele é necessária para a formação do discípulo missionário. ““Discípulos e missionários”, não meros consumidores religiosos, nem alunos passivos, nem orantes em grupos fechados, mas seguidores entusiastas e testemunhas comprometidos da pessoa de Jesus” (MUÑOS, 2010, p. 100). É do encontro pessoal e da experiência de ficar com Ele, que brota o desejo de anunciar a Boa Nova. Somente aquele que fez a experiência, e esteve em comunhão com Cristo, é capaz de anunciá-lo verdadeiramente.

4.3 Discípulos e missionários ou discípulos missionários?

Para refletir sobre a identidade missionária dos seguidores de Jesus, a Conferência empregou os termos “discípulos e missionários” e “discípulos missionários”. O binômio “discípulos e missionários” aparece 65 vezes, indicando que há uma ordem de um antes e um depois, primeiro discípulo para ficar com Ele, para depois ser enviado em missão. Isso justifica a proposta de um itinerário seguindo um processo pedagógico em cinco etapas, com início no encontro, até chegar à missão. Já “discípulos missionários”, sem a conjunção, aparece 53 vezes, para mostrar que não são dois aspectos separados, mas trata-se das duas faces da mesma moeda: um verdadeiro discípulo é missionário e o verdadeiro missionário é discípulo. “O discípulo missionário é o sujeito geral e transversal da missão. Ele é o discípulo de Jesus Cristo e missionário enviado pela comunidade eclesial para dar testemunho do amor (DAp 386)” (RASCHIETTI, 2007, p. 932).

4.3.1 Chamados ao seguimento de Jesus

O evangelista Marcos, ao narrar a vocação dos primeiros discípulos, conta que Jesus instituiu os Doze assim: “Depois subiu à montanha, e chamou a si os que ele queria, e eles foram até ele. E constituiu Doze, para que ficassem com ele, para enviá-los a pregar” (Mc 3, 13-14). Há uma sutil diferença entre ficar, verbo utilizado por Marcos, e o verbo estar. “Ficar” significa fazer uma experiência para conhecer e aprender de Jesus. O ficar denota a intenção de se fazer discípulo, reconhecendo, na pessoa de Jesus, o Verdadeiro Mestre e Senhor,

concordando com o seu projeto de vida, para viver seu destino e assumir sua missão. Na experiência de ficar com Jesus, encontra-se a fundamentação para a vocação missionária do discípulo. Nesse contexto, o discípulo é preparado para assumir seu estilo de vida e, conseqüentemente, seguir na dinâmica missionária do Mestre (DAp 131). O verbo “estar”, por outro lado, significa apenas companhia ou espectador, não implica necessariamente compromisso (RASCHIETTI, 2007, p. 934).

Como chegar até o Mestre? O que fazer para se tornar discípulo? O documento responde apontando para os primeiros discípulos, e conta que eles “se sentiram atraídos pela sabedoria das palavras de Jesus, pela bondade de seu trato e pelo poder de seus milagres. E, pelo assombro inusitado que a pessoa de Jesus despertava, acolheram o dom da fé e vieram a ser discípulos de Jesus” (DAp 21). A vinculação do discípulo com o Mestre é apresentada por Jesus na parábola da videira e os ramos (Jo 15,1-8). Nela Jesus apresenta o modelo de vínculo que espera dos discípulos. O desejo do Mestre é estabelecer com os discípulos uma relação de vida, para produzir frutos de amor em abundância, pois a razão existencial dos ramos são os frutos. Os ramos, se não produzem, de nada servem, a não ser para serem jogados fora e queimados no fogo. É por isso que Jesus vincula o discípulo e faz dele partícipe da sua vida.

Segue-me (Mt 9,9) foi o convite de Jesus quando viu Levi, filho de Alfeu, sentado no posto de arrecadação. Ele imediatamente deixou tudo e seguiu Jesus. Da mesma forma, chamando o discípulo pelo nome, ainda hoje, “Jesus convida a nos encontrar com Ele e a que nos vinculemos estreitamente a Ele porque é a fonte da vida” (DAp 131). Da nossa parte, como sinal de resposta crente e amorosa, “somos chamados a intensificar nossa resposta de fé e a anunciar que Cristo redimiu todos os pecados e males da humanidade” (DAp 134). Isso implica entrar na dinâmica missionária de Deus, assumir seu projeto, lutar contra a exclusão social e, sobretudo, promover a dignidade humana, seguindo as práticas de Jesus, rompendo com os preconceitos sociais para acolher e aceitar o diferente, curando, perdoadando e libertando (DAp 135). Isso significa que os discípulos são chamados a fundar alicerces, para que a plenitude da vida torne-se realidade de todos.

4.3.2 Experiência pessoal da fé

A experiência pessoal da fé nasce, indubitavelmente, do encontro pessoal com Jesus de Nazaré. “Mestre, onde moras? Venham e vocês verão. Então eles foram... E começaram a viver com Ele”, (Jo 1,38-39). A simples presença de Jesus foi suficiente para atrair discípulos a si, despertando neles, a vocação para o discipulado. “Essa foi a maravilhosa experiência

daqueles primeiros discípulos que, encontrando Jesus, ficaram fascinados, e cheios de assombro frente à excepcionalidade de quem lhes falava, diante da maneira como os tratava, coincidindo com a fome e sede de vida que havia em seus corações” (DAp 244). A resposta de Jesus à pergunta “Mestre, onde moras?”, despertou, em João e André, o desejo de viver uma experiência com ele, para mais tarde ser comunicada aos demais. “Somente o discípulo que se deixa tocar pelo Amor e se apaixona poderá comunicar aos outros aquela paixão experimentada, vivida, sentida na primeira pessoa” (TOMICHA, 2010, p. 269).

O caminho percorrido pelos discípulos de João Batista para o encontro com Jesus Cristo demonstra que a experiência do encontro não é um fato meramente histórico e acidental, mas trata-se de um acontecimento espiritual que deu aos discípulos uma nova perspectiva de vida. “O acontecimento de Cristo é, portanto, o início desse sujeito novo que surge na história e a quem chamamos discípulo” (DAp 243). Servem-nos de inspiração o encontro de Jesus com Nicodemos (Jo 3,1-21), a Samaritana (Jo 4,1-12), o cego de nascença (Jo 9, 1-41), Zaqueu (Lc 19,1-10). “Todos eles, graças a este encontro, foram iluminados e recriados porque se abriram à experiência da misericórdia do Pai que se oferece por sua Palavra de verdade e vida” (DAp 249). Hoje, novos discípulos se identificam com Jesus, a partir do encontro que se dá no batismo. “Em virtude do batismo ou da própria vocação batismal, todos os fiéis são chamados a serem discípulos e missionários de Jesus Cristo” (DAp 10; 160; 186). O batismo é, portanto, o ponto de encontro com Cristo, fundamento e início de uma vocação missionária para todos os batizados.

4.3.3 A comunhão com Deus e com os irmãos na Igreja

A primeira comunhão do discípulo missionário se dá entre ele e Jesus, que o chamou. Ao que tudo indica, Jesus chama alguém para ficar perto de si, a fim de deixar-se conhecer na intimidade, para falar diretamente a seu coração e para fazer comunhão com ele. O chamado de Jesus tem um propósito maior para o discípulo: introduzi-lo na comunhão trinitária, fazendo-o partícipe da comunhão com o Pai (1 Jo 1,30), e com o seu Filho morto e ressuscitado, na comunhão no Espírito Santo (1 Cor 13,13). De modo que, em todos os tempos, a comunidade de fé experimentou e viveu em comunhão com a Trindade. “A comunhão dos fiéis e das Igrejas locais do Povo de Deus se sustenta na comunhão com a Trindade” (DAp 155), nutrindo-se “com o Pão da Palavra de Deus e com o Pão do Corpo de Cristo” (DAp 158).

Ser discípulo missionário é participar da comunhão trinitária em comunhão com a Igreja local. Não há discípulo missionário desconectado de uma comunidade de fé, afirma Aparecida, pois “a vocação ao discipulado missionário é *con-vocação* à comunhão em sua Igreja” (DAp 156). O batismo vincula o discípulo na comunidade e, por meio dele, “somos chamados a ser discípulos missionários de Jesus Cristo e entramos na comunhão trinitária na Igreja” (DAp 153). A Igreja fortalece a experiência cristã, e age como vínculo unificador entre comunhão e missão. “A comunhão é missionária e a missão é para a comunhão” (DAp 163), afirma Aparecida.

Na comunidade local todos os membros são convidados a viver a santidade, a comunhão e a missão. Segundo Aparecida, existem lugares próprios para a experiência de comunhão, começando pela diocese (DAp 165, 169). A comunhão na diocese tem como animador o bispo que, além de promover a comunhão interna entre os fiéis da diocese, deve atuar como promotor de comunhão junto a outras Igrejas diocesanas (DAp 181). Depois das dioceses, a comunhão deve prevalecer nas paróquias, pois as paróquias foram consideradas células vivas da Igreja; portanto, são também lugares privilegiados, onde os fiéis participam da comunhão eclesial, além de que, as paróquias são convocadas a serem escolas de comunhão, e refletir a Santíssima Trindade, porque a Igreja é comunhão (DAp 170; 304). E, dentro do espaço paroquial, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que são pequenas células fiéis ao seguimento de Jesus, asseguram a comunhão eclesial (DAp 179). Um lugar muito especial para todo o ser humano, a família, também é considerada escola de comunhão (DAp 302), onde homens e mulheres são convocados a viver em comunhão entre si, com Deus e com toda a criação (DAp 470). Desse modo, Aparecida inclui todos os espaços eclesiais, como lugar próprio de comunhão.

4.4 Diretrizes para uma Igreja em estado de missão

A convocação de Aparecida, para uma Igreja em estado permanente de missão, tem como objetivo, a vida plena para todos. Confrontando as palavras do teólogo Brighenti (BRIGHENTI, 2007, p. 25), com a constatação de Aparecida, temos que: “De nada serve ficar nos gloriando de sermos o Continente mais católico do mundo” se, “as condições de vida de muitos abandonados, excluídos e ignorados em sua miséria e sua dor, contradizem este projeto do Pai e desafiam os cristãos a um maior compromisso a favor da cultura da vida” (DAp 358). Urge, portanto, a necessidade de todos e de cada um, assumir com responsabilidade a missão que lhe cabe por mandato de Cristo.

4.4.1 De todos e de cada um

Em sentido largo, missão é responsabilidade de todos. “Proclamar e implementar a Boa Nova compete ao conjunto do Povo de Deus – e não somente a quem tem o rótulo de missionário” (IRARRAZAVAL, 2010, p. 254). Em Aparecida, o compromisso missionário ganhou amplitude, tanto que, às vezes, Aparecida refere-se ao compromisso missionário como responsabilidade individual do discípulo missionário em particular, e, por outras vezes, esse compromisso é de responsabilidade da comunidade. Existe o compromisso missionário de toda a comunidade em relação aos afastados da Igreja (DAp 226 d). Quanto a eles, toda a comunidade eclesial é responsável pela situação em que se encontram no mundo, de modo que o compromisso missionário impele a comunidade ao encontro dessas pessoas, para convidá-las a se envolverem com ela. Essa tarefa pode se tornar mais profícua, quando a própria comunidade tem o poder do reencantamento. Isso acontece quando a comunidade é de fato um “poderoso centro de irradiação da vida em Cristo”, onde cada cristão é um discípulo missionário (DAp 362).

O compromisso missionário da Igreja em relação aos pobres, amplamente trabalhado nas Conferências anteriores, onde foi assumida a “opção preferencial pelos pobres”, recebeu ênfase em Aparecida. A condição de sofrimento e constante luta pela vida dos pobres exige nosso compromisso (DAp 257). No âmbito paroquial mais próximo da realidade dos pobres, cada paróquia deve assumir o seu compromisso social, sendo solidária ao sofrimento das pessoas que vivem em condição de pobreza escondida. Para que estas pessoas alcancem a plenitude da vida que Cristo oferece, é necessário que a evangelização se manifeste com sinais concretos de solidariedade (DAp 176). Isso implica conjugar a relação entre fé e vida, e fazer que o projeto do Pai se concretize para muitos abandonados, excluídos e ignorados em sua miséria e dor. Para transformar essa condição, se faz necessário o maior compromisso dos cristãos em favor da vida, intervindo inclusive nos assuntos sociais (DAp 358; 400).

O compromisso do discípulo missionário exige também assumir a diversidade cultural, como imperativo do momento (DAp 59; 480). Assumir a cultura implica passar pela inculturação da fé a fim de unir mais a fé à vida, enriquecendo a Igreja com novas expressões e valores culturais para que o Mistério de Cristo seja mais bem celebrado e percebido (DAp 479). Evangelizar a cultura, além de ser um compromisso com a realidade, nasce do amor apaixonado por Cristo (DAp 491). A convocação é para promover a plenitude da vida em qualquer contexto. É a dignidade humana que está em jogo, e a missão da Igreja se realiza entre as culturas buscando humanizar o ser humano.

Do mesmo modo, a Igreja deve assumir os meios de comunicação social e colocar a serviço do Evangelho para que a Boa Nova possa atingir a milhões de pessoas. Esta poderosa ferramenta desenvolvida e aperfeiçoada pelo ser humano é a versão moderna do púlpito de onde se fala a multidões (DAp 485). Nesse sentido deve ser incentivada a pastoral da comunicação para evangelização da cultura, utilizando os meios de comunicação disponíveis que a Igreja tem contato.(ou: contado) “Temos rádios, televisão, cinema, jornais, internet, páginas de web e a RIIAL que nos enchem de esperança” (DAp 99 f). Contamos também com a internet, considerada pelo Concílio Vaticano II como uma das “maravilhosas invenções da tecnologia”. Atualmente a internet tornou-se um potencial para o anúncio da mensagem evangélica (DAp 487).

Aparecida recomenda que, em nosso compromisso missionário, devemos assumir a família como um dos eixos transversais de toda a ação evangelizadora da Igreja, de modo que todas as dioceses disponham de uma pastoral familiar intensa e vigorosa (DAp 435). Sabemos dos embaraços que afligem o núcleo intra-familiar, onde muitas famílias vivem em situação de pobreza e violência, com consequências mais graves as crianças e adolescentes, algumas violentadas sexualmente ou submetidas ao trabalho infantil, transformadas em crianças de rua, portadoras de HIV, outras órfãos, em certos casos exercendo a função de soldados a serviço de milícias revolucionárias, outras expostas à pornografia e à prostituição forçada. Nesse contexto, os mais afetados são os menores, sobretudo na primeira infância (0 a 6 anos), aos quais Aparecida recomenda um cuidado especial.

Igreja em estado permanente de missão não pode permanecer indiferente diante da realidade que assola a família, ameaçando a vida em todas as etapas e causando sofrimento a pessoas inocentes. Aparecida pede atenção especial para a etapa da adolescência (DAp 442), e referindo-se aos jovens aponta a preocupante situação que afeta significativamente a vida deles. De origem humilde, trazem as sequelas da pobreza que conduz para o mundo da exclusão, e na condição de vítima das crises pelas quais passa a família padecem de conflitos emocionais (DAp 444). Além dos problemas intra-familiares, os jovens são afetados por uma educação de baixa qualidade que os deixa em desvantagem na hora de concorrer às oportunidades de trabalho (DAp 445).

A Igreja sente-se comprometida com todas as pessoas idosas, cuidando da sua dignidade humana e também as ajudando a viver o seguimento de Cristo (DAp 450). Da mesma forma compromete-se com a situação das mulheres, submetidas à exclusão e violência em todas as etapas da vida. Entre elas estão mais vulneráveis as mulheres pobres, indígenas e afro-americanas (DAp 454). E, por derradeiro, há o compromisso com a Amazônia em todos

os aspectos que envolvem a vida humana e a ecologia, numa região constantemente ameaçada (DAp 475).

Quanto ao compromisso missionário dos discípulos, existe um vasto e diversificado campo de atuação que compreende todas as dimensões da vida humana. Isso implica um compromisso maior do cristão na vida pública, acompanhando de perto as atividades políticas para evitar que sejam aprovadas leis injustas contra a sociedade (DAp 79). Diante das situações que contradizem o reino da vida, o discípulo missionário deve ser a luz que ilumina os espaços da vida social, e assume o compromisso de transformar as estruturas políticas, econômicas e culturais, cultivando os compromissos evangélicos, para que a vida alcance a plenitude (DAp 501).

4.4.2 Com Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida

A Conferência de Aparecida com seu sugestivo tema: discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida. “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6), sugere desde o início que se trata de uma missão para encontrar em Cristo, Caminho, Verdade e Vida, as respostas necessárias para que nossos povos tenham vida, e vida em abundância (Jo 10,10). Aparecida percebe que, para atender as expectativas dos povos e transformar as realidades da América Latina e do Caribe, precisa da participação de toda a Igreja, formada de discípulos missionários, para que o destino dos povos seja orientado em Cristo, para que encontrem, nele, a vida e a esperança. Colocar a esperança em Cristo porque “Ele é o único Libertador e Salvador que, com sua morte e ressurreição, rompeu as cadeias opressivas do pecado e da morte, revelando o amor misericordioso do Pai e a vocação, dignidade e destino da pessoa humana” (DAp 7).

A plenitude da vida só pode ser encontrada em Cristo, sendo assim, a missão tem como meta fazer que todas as pessoas se tornem seguidoras íntimas dele. “Quem aceita a Cristo: Caminho, Verdade e Vida, em sua totalidade, têm garantida a paz e a felicidade, nesta e na outra vida!” (DAp 246). Aparecida, com sabedoria, nos ensina como se aproximar do Mestre e aderir a seu projeto. “A admiração pela pessoa de Jesus, seu chamado e seu olhar de amor, despertam uma resposta consciente e livre desde o mais íntimo do coração do discípulo, uma adesão de toda sua pessoa ao saber que Cristo o chama por seu nome (cf. Jo 10,3)” (DAp 136). Estes foram os passos dos primeiros seguidores de Jesus: atraídos pelo Mestre, foram para ficar com Ele, fizeram a experiência, e depois foram enviados em missão. Na missão não se limitaram a repetir os ensinamentos recebidos de Jesus, foram além, tornaram-se

testemunhas do próprio Jesus, transmitindo a Paixão, Morte Ressurreição, testemunhando com a própria vida aquilo que viram e sentiram. Com a força do Espírito Santo o discípulo identifica-se com Jesus-Caminho, Verdade e Vida, entregando-se ao plano de amor para que outros tenham vida n'Ele (DAp 137).

A real situação das pessoas exige da Igreja, “comunicar a vida de Jesus Cristo” (DAp 386). É a situação aflita das pessoas que desafia a Igreja a ser missionária, para anunciar a Boa Nova de Cristo e convidá-las para “crer n'Ele como seu Salvador, a reconhecê-lo como quem dá o pleno significado a suas vidas e a seguir seus passos” (DAp 279). Cristo é o Caminho que nos leva ao encontro do Pai. Seguir seu chamado implica ouvir com atenção as palavras de Verdade que nos ensina, comprometendo-se na edificação do Reino e na vida plena que ele oferece a todos.

4.4.3 Na força do Espírito Santo

Jesus ao ser batizado nas águas do Rio Jordão inicia seu ministério, sendo conduzido pelo Espírito Santo para o deserto a fim de preparar-se para a missão. No seu ministério terreno Jesus foi acompanhado pelo Espírito, era ele quem guiava Jesus na missão, e acompanhou-o durante toda sua vida. Após a ressurreição, quando Jesus retorna ao Pai, o Espírito é enviado para animar a missão dos discípulos (DAp 149). A partir de Pentecostes, a Igreja faz a experiência da presença do Espírito que se manifesta em diversos carismas e dons. No início da Igreja, e hoje também, o Espírito é o guia da missão, suscita dons, faz novos e decididos missionários, direciona a missão para lugares que ele quer e escolhe os missionários para fazê-lo (DAp 150).

Enquanto marcada e selada com o Espírito Santo e fogo, a Igreja continua a obra do Messias, abrindo as portas de salvação para aqueles que creem. É o mesmo e único Espírito quem guia e fortalece a Igreja no anúncio da Palavra, na celebração da fé e no serviço da caridade. “Uma Igreja em estado de missão é aquela que vive seu discipulado a partir da simplicidade, da humildade, do encontro, do diálogo, com a confiança plena no Espírito Santo, protagonista da missão, e verdadeiro guia na história dos povos e culturas” (TOMICHA, 2010, p. 270). Portanto, a Igreja continua hoje com a força do Espírito Santo, dando cumprimento na missão que Jesus recebeu do Pai, impulsionando a transformação da história (DAp 151). Os discípulos, desde o princípio, foram formados em Jesus no Espírito Santo. Ele é o Mestre interior que leva ao conhecimento da verdade formando discípulos missionários, razão para nos deixarmos guiar pelo Espírito e continuar anunciando a Boa

Nova aos pobres, curando os enfermos, consolando os tristes, libertando os cativos e anunciando a todos o ano da graça do Senhor (DAp 152).

4.4.4 Anunciando o Evangelho

O anúncio do Evangelho é tarefa primordial da Igreja, e motivo de honra para o discípulo missionário que se coloca a serviço do Reino, em resposta ao mandato de Jesus que disse: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16, 15). São Paulo, na sua experiência missionária, percebeu limpidamente a necessidade de anunciar explicitamente o Evangelho de Jesus. Seu amor a Cristo e à paixão pela missão fez dele um incansável evangelizador e o maior propagador da fé cristã em todos os tempos. Imbuído pelo Espírito, que foi o guia de sua missão, não se contém, e manifesta publicamente o desejo de anunciar o Evangelho. “Anunciar o Evangelho não é título de glória para mim; pelo contrário, é uma necessidade que me foi imposta. Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho!” (1 Cor 9, 16). O conteúdo do Evangelho que Paulo transmitiu às suas comunidades continua válido para os discípulos missionários no contexto atual. Paulo VI, na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, destaca a necessidade de tornar explícito o anúncio do Evangelho. “Não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados” (EN 22). Cristo é a mensagem que o Pai quer comunicar aos homens. Ele amou tanto nosso mundo que nos deu seu Filho. “Como discípulos de Jesus reconhecemos que Ele é o primeiro e maior evangelizador enviado por Deus (cf. Lc 4,44) e, ao mesmo tempo, o Evangelho de Deus (cf. Rm 1,3)” (DAp 103). Portanto, Cristo é a mensagem.

A mensagem do Pai é a Boa Nova para a humanidade. “Por isso, nós, como discípulos e missionários de Jesus, queremos e devemos proclamar o Evangelho, que é o próprio Cristo” (DAp 29). Especialmente nas circunstâncias atuais, de insegurança, medo e falta de sentido na vida, o Evangelho de Cristo precisa ser anunciado, para que nossos povos saibam que “Deus nos ama, que sua existência não é uma ameaça para o homem, que Ele está perto com o poder salvador e libertador de seu Reino, que Ele nos acompanha na tribulação, que alenta incessantemente nossa esperança em meio a todas as provas” (DAp 29). Aparecida persiste na necessidade do anúncio, destacando que todo discípulo é missionário, e tem, como tarefa, o compromisso de anunciar o Evangelho do Reino.

Todos os dias, Jesus suscita novos discípulos para anunciar a Boa Nova do Evangelho do Reino. Sendo assim, nossa resposta como discípulos, “exige que proclamemos a verdade

sobre o ser humano e sobre a dignidade de toda pessoa humana em todos os espaços públicos e privados do mundo de hoje e a partir de todas as instâncias da vida e da missão da Igreja” (DAp 390). Com esta afirmativa, Aparecida não deixa dúvidas, quer uma Igreja missionária, inserida em todos os espaços da vida humana. Na força do Evangelho, “a Igreja procura transformar os critérios de juízo, os valores determinantes, os pontos de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade que estão em contraste com a Palavra de Deus e o desígnio de salvação” (DAp 31). Para os cristãos, o Evangelho é o referencial do diálogo entre ciência e fé, em defesa da dignidade humana.

4.4.5 A serviço da vida em plenitude

Com muita sabedoria Aparecida declarou textualmente: “A vida se acrescenta dando-a e se enfraquece no isolamento e na comodidade” (DAp 360). Missão é, antes de tudo, despojar-se de si mesmo, para gerar vida em outras pessoas, o que significa abertura interior para poder comunicar a vida aos demais. Esta verdade do cristianismo fundamenta-se no Deus Trindade, que se põe em movimento, para comunicar-se com o mundo, estabelecendo uma íntima relação de amor com a humanidade. Deus é amor, disse São João (1 Jo 4,16), e sendo amor é relação, é missão. Seguindo a dinâmica missionária de Deus (*missio Dei*), a Igreja participa para anunciar que Jesus Cristo veio ao mundo para nos fazer participantes da natureza divina, participando da própria vida na Trindade. “Sua missão é manifestar o imenso amor do Pai, o qual quer que sejamos seus filhos” (DAp 348).

O Reino da vida pertence ao Pai, foi inaugurado na terra pelo seu Filho, Jesus Cristo, verdadeiro homem e verdadeiro Deus, com palavras e ações, morte e ressurreição. No mistério pascal, o enviado de Deus doa-se plenamente, e, como gesto sublime de submissão, entrega sua vida nas mãos do Pai, como sinal de salvação para todos nós. Pelo Mistério Pascal o Pai recebe a vida do Filho e sela uma nova aliança formando um novo povo (DAp 143). No senhorio do ressuscitado encontra-se a autoridade de Jesus para chamar discípulos e enviá-los a anunciar o Evangelho do Reino a todas as nações, para que todos recebam a plenitude da vida. No entanto, todo missionário deve estar ciente que, “esse anúncio de vida plena é oferecido a um povo que tem a vida ameaçada, que sobrevive, que sofre injustiças e marginalização” (CODINA, 2010, p. 242).

Anunciar o Reino da vida, que Jesus oferece, consiste “em compartilhar a experiência do acontecimento do encontro com Cristo, testemunhá-lo e anunciá-lo de pessoa a pessoa, de comunidade a comunidade e da Igreja a todos os confins do mundo” (DAp 145). Aparecida

faz questão de destacar que discipulado e missão são como os dois lados de uma mesma moeda. Quando o discípulo se apaixonou por Cristo, torna-se missionário e não deixa de anunciar que só Ele salva. Na realidade o discípulo comunica a própria experiência de ficar com Cristo. A conexão do binômio discípulo-missionário é inseparável, refere-se à caminhada no seguimento de Jesus, onde a vocação é para a missão. O discípulo chamado ao seguimento de Jesus é enviado imediatamente aos outros, tem como tarefa essencial da evangelização anunciar o reino da vida aos pobres, lutar pela promoção humana integral e pela autêntica libertação cristã (DAp 146).

Sabemos que a plenitude da vida abarca o ser humano nas suas necessidades materiais e espirituais. Missão a serviço da plenitude da vida amplia a tarefa missionária e vai de encontro a todas as dimensões humanas, envolve o anúncio explícito da pessoa de Jesus Cristo como único Salvador da humanidade, e, concomitantemente, implica no agir missionário para dentro das situações reais, para transformá-las segundo a proposta do Reino de Deus, por ele anunciado. Dessa forma, missão é o voltar-se da Igreja para as necessidades reais das pessoas, nos desafios do mundo. “A Igreja deve estar mais preocupada com vida do povo (o *oclós* bíblico) em todas as suas dimensões do que com a estrutura eclesial do Povo de Deus (o *laós* bíblico), mais preocupada com os direitos humanos que com os direitos, interesses e privilégios da Igreja” (CODINA, 2010, p. 242). Desse modo, com toda segurança, Aparecida afirma: “Diante das *estruturas de morte*, Jesus faz presente a vida plena” (DAp 112).

Jesus anuncia o Reino de Deus, com palavras, testemunhos e sinais concretos. “Por isso, cura os enfermos, expulsa os demônios e compromete os discípulos na promoção da dignidade humana e de relacionamentos sociais fundados na justiça” (DAp 112). De acordo com o arquétipo missionário de Jesus, concordamos com a afirmação de Codina. “Indubitavelmente, isto supõe que a missão não pode ter como centro o templo, mas a casa do povo, do mesmo modo que Jesus não se centrou no templo, mas se encaminhou para visitar as casas do povo em Nazaré, em Caná, em Cafarnaum, em Betânia” (CODINA, 2010, p. 245). Ao mesmo tempo em que o Reino de Deus transforma as realidades físicas e materiais na vida terrena, promovendo a vida plena, no já da história, Jesus realiza ainda a satisfação espiritual, com garantias para a eternidade. “Aquele que crê em mim tem a vida eterna” (Jo 6,47). Isso implica que, diante da falta de sentido, sentimento comum na modernidade, a missão dos discípulos missionários é para comunicar a vida nova em Cristo.

Aparecida traduz o sentimento religioso dos povos, pelo desejo de sair das sombras da morte, em busca da vida e felicidade que Cristo oferece. É uma busca pela saciedade

diretamente na fonte inesgotável da vida (DAp 350). Jesus é o manancial que não se esgota. Sua vida e missão foram dedicadas ao serviço da vida. “Jesus, o Bom Pastor, quer nos comunicar a sua vida e se colocar a serviço da vida” (DAp 353). Os Evangelhos narram, com fartura, inúmeros sinais de vida realizados por Jesus, junto a seus contemporâneos, e suas atitudes de acolhida não deixam dúvidas de que a plenitude de vida, que oferece, é total, e para todos. Ele “é a plenitude que eleva a condição humana à condição divina para sua glória” (DAp 355). Se o ponto de chegada da missão em Aparecida é a plenitude da vida para todos, e o documento insiste que a vida plena é a vida em Cristo, então a missão é para fazer que todos conheçam a Cristo e comecem uma vida nova com ele. “A vida nova de Jesus Cristo atinge o ser humano por inteiro e desenvolve em plenitude a existência humana em sua dimensão pessoal, familiar, social e cultural” (DAp 356). Abarca o ser humano em sua totalidade, “começa no batismo e chega a sua plenitude na ressurreição final” (DAp 357).

Há, no entanto, o desafio de promover a plenitude da vida, junto às situações que contradizem o projeto de Deus, exigindo dos discípulos missionários, ações concretas para comunicar a vida aos demais. Aparecida entende, “que a vida se alcança e amadurece à medida que se a entrega para dar vida aos outros. Isso é, definitivamente, a missão” (DAp 360). Isso implica sair do individualismo, deixar a segurança e partilhar a vida.

4.4.6. A partir da opção preferencial pelos pobres

A meta missionária que emerge de Aparecida é a promoção da plenitude da vida que Cristo nos trouxe. Isso implica colocar-se a serviço da sociedade, de modo especial aos pobres, aflitos e enfermos (DAp 257). Eles são os que mais exigem nosso compromisso, porque se encontram mais distantes da vida plena. Desse modo, Aparecida não hesitou em recuperar a opção das Conferências anteriores, para afirmar que os pobres continuam no núcleo central da missão. “Assumindo com nova força esta opção pelos pobres, manifestamos que todo processo evangelizador envolve a promoção humana e a autêntica libertação sem a qual não é possível uma ordem justa na sociedade” (DAp 399). Dirigindo-se aos discípulos missionários, Aparecida lembra: “missão evangelizadora abraça com o amor de Deus a todos e especialmente aos pobres e aos que sofrem” (DA 550). Por que são pobres, são os prediletos de Deus, eis que a sua condição de pobreza coloca-os mais distante da vida plena e contradiz o projeto de Deus. É preciso manifestar a presença de Deus em seu meio, o que exige voltar-se para eles e anunciar a Boa Nova de Cristo. “A evangelização dos pobres são Sinais evidentes da presença de Deus” (DA 383). A missão do discípulo é revelar a misericórdia de

Deus, onde, aparentemente, Deus não habita. “O discípulo missionário torna visível o amor misericordioso do Pai, especialmente para com os pobres e pecadores” (DA 147).

Evangelizar no contexto atual significa assumir a dignidade humana, trabalhando pela libertação integral do ser humano. Assim, o anúncio do Reino de Deus contempla plenamente a opção preferencial pelos pobres e excluídos. “Se pretendemos fechar os olhos diante dessas realidades, não somos defensores da vida do Reino e nos situamos no caminho da morte” (MUNÓZ, 2010, p. 103). A fé em Cristo faz surgir em cada cristão o sentimento de solidariedade e serviço em favor dos menos favorecidos. Mais que uma fé proclamada, ela deve ser tangível. “Ela há de se manifestar em opções e gestos visíveis, principalmente na defesa da vida e dos direitos dos mais vulneráveis e excluídos, e no permanente acompanhamento em seus esforços para serem sujeitos de mudança e de transformação de sua situação” (MUNÓZ, 2010, p. 104). Franzen foi mais enfático ainda: “Uma comunidade insensível às necessidades dos irmãos e à luta para vencer a injustiça é um contratestemunho e celebra indignamente a própria liturgia” (FRANZEN, 2008, p. 91).

Os pobres são também lugar de encontro com Cristo. “Da contemplação do rosto sofredor de Cristo neles e do encontro com Ele nos aflitos e marginalizados, cuja imensa dignidade Ele mesmo nos revela, surge nossa opção por eles.” (DAp 257). A realização da missão continental, de forma que as Igrejas se ponham em estado de missão, exige compromisso a serviço do reino da vida, com atividades focadas nas estruturas injustas e promotoras de iniquidades. Isso exige dos discípulos missionários algumas ações práticas no âmbito social, para refletir na vida real dos pobres, diminuindo, assim, a distância da vida plena. “Os discípulos missionários de Jesus Cristo devem iluminar com a luz do Evangelho todos os âmbitos da vida social. A opção preferencial pelos pobres, de raiz evangélica, exige atenção pastoral voltada aos construtores da sociedade” (DAp 501). Trata-se do verdadeiro exercício da fé. A fé em Cristo e o compromisso com o Evangelho do Reino conduz o cristão ao compromisso pela realidade dos pobres, a fim de transformá-la segundo os desígnios de Deus. Este é o entendimento que aflora da Conferência em relação à opção preferencial pelos pobres. “A fé comprometida inclui a opção preferencial pelos pobres, a promoção humana integral e a autêntica libertação cristã” (DAp 146).

Aparecida, ao reafirmar a opção pelos pobres (DAp 397 – 399), destaca os rostos que sofrem na América latina e Caribe, nomeando as comunidades indígenas e afro-americanas, mulheres excluídas, jovens, desempregados, migrantes, agricultores sem terra, crianças prostituídas e vítimas do aborto, milhões de pessoas e famílias que passam fome, dependentes de drogas, vítimas de violência, idosos e presidiários, pessoas com limitação física, vítimas de

enfermidades graves. E constata ainda que “Os excluídos não são somente “explorados”, mas “supérfluos” e “descartáveis”” (DAp 65). Trata-se de pessoas que vivem no mundo da insignificância e formam a grande massa de “sobrantes” da sociedade.

4.4.7 Nos âmbitos da pessoa, dos grupos e da sociedade

Missão nos âmbitos da pessoa, dos grupos e da sociedade é tarefa missionária específica, objetiva e concreta, desenvolvida pela Igreja, para atender as reais necessidades de algumas pessoas ou grupos que se encontram em situação de evidente marginalização e exclusão. Eles aparecem no documento no grupo dos pobres (DAp 65), mas, em função da peculiar situação desumana que vivem, carecem de uma atenção especial da missão. Entre os excluídos mais carentes, encontram-se os moradores de rua, e, segundo observa Aparecida,

Requerem cuidado especial, atenção e trabalho de promoção humana por parte da Igreja, de tal modo que enquanto lhes proporciona ajuda no necessário para a vida, que também sejam incluídos em projetos de participação e promoção nos quais eles próprios sejam sujeitos de sua reinserção social (DAp 407).

A situação de miserabilidade, em que essas pessoas vivem, exige alguma ação missionária concreta e imediata. A realidade clama por socorro urgente, pois amanhã pode ser tarde demais. Como falava o sociólogo Betinho (de saudosa memória), “quem tem fome tem pressa”, não há tempo a se perder. Em primeira instância, trata-se de uma ação de socorro para aliviar a dor e o sofrimento da pessoa. Porém, apesar de necessária, esta ação isolada não se basta, é preciso atingir a causa do problema que mantém o ser humano na rua. Nesse caso, é preciso convocar o poder competente, para que dê atenção a essa realidade, comum nas cidades. “Queremos chamar a atenção dos governos locais e nacionais para que elaborem políticas que favoreçam a atenção a estes seres humanos, assim como atendam as causas que produzem este flagelo que afeta milhões de pessoas em toda nossa América Latina e no Caribe” (DAp 408). Na qualidade de cidadãos, e impulsionados pelo compromisso missionário da Igreja em relação aos excluídos, temos por um lado o direito e o dever de cidadão, e, por outro lado, o compromisso pela dignidade humana, para exigir do Estado políticas públicas sérias, para restaurar a dignidade humana dessas pessoas. Afirma Aparecida, “é dever social do Estado criar uma política inclusiva das pessoas da rua” (DAp 410). Devemos pensar também que os moradores de rua são mais expostos à violência urbana e à perda do sentido da vida.

Outro grupo que vive na fragilidade, e suscita a caridade da Igreja, inclusive com

acompanhamento pastoral, são os migrantes. “Há milhões de pessoas que por diferentes motivos estão em constante mobilidade. Na América Latina e Caribe os migrantes, deslocados e refugiados, sobretudo por causas econômicas, políticas e de violência constituem um fato novo e dramático” (DAp 411). Para atender os migrantes, Aparecida orienta, particularmente, a estrutura eclesial diocesana. “Considera indispensável o desenvolvimento de uma mentalidade e uma espiritualidade a serviço pastoral dos irmãos em mobilidade, estabelecendo estruturas nacionais e diocesanas apropriadas que facilitem o encontro do estrangeiro com a Igreja local de acolhida” (DAp 412). Segundo Aparecida, para não deixar o migrante desamparado no destino, é necessário que haja um diálogo entre as Igrejas de saída com a Igreja de chegada, inclusive acompanhados pelo trabalho pastoral devidamente qualificado para valorizar e entender as expressões culturais e religiosas da pessoa em mobilidade (DAp 413). Isso requer também presbíteros conscientes da realidade. “É necessário que nos Seminários e Casas de formação se tome consciência sobre a realidade da mobilidade humana, para dar a esse fenômeno uma resposta pastoral” (DAp 413). A situação dos migrantes requer também a participação dos leigos, no sentido de compreensão e acolhida. Devemos pensar também que os migrantes não são problemas para a Igreja. Formados na comunidade de origem, como discípulos missionários, os migrantes são, na realidade, missionários além-fronteiras. “Os migrantes que partem de nossas comunidades podem oferecer uma valiosa contribuição missionária às comunidades que os acolhem” (DAp 415).

São vulneráveis também os enfermos. Este grupo tem primazia na Igreja, em função da opção pela vida. Tudo o que se relaciona com a vida encontra proteção da Igreja: “o nascer e o morrer, a criança e o idoso, o são e o enfermo” (DAp 417). A esse grupo de pessoas, Aparecida orienta a Pastoral da Saúde. “A Pastoral da Saúde é a resposta às grandes interrogações da vida, como são o sofrimento e a morte, à luz da morte e da ressurreição do Senhor” (DAp 418). Sendo assim, “deve-se, portanto, estimular nas Igrejas locais a Pastoral da Saúde que inclua diferentes campos de atenção” (DAp 421). A Pastoral da Saúde, conforme assevera Aparecida, é a resposta que a Igreja oferece nesse campo específico da missão, porém, sabendo que a solução definitiva não está ao alcance da instituição eclesial. Nesse sentido, a mobilização nacional com iniciativa da CNBB, da Campanha da Fraternidade 2012, refletindo sobre a questão da saúde pública, exigindo dos governos qualidade nos serviços de saúde do País, com o lema: Que a Saúde se Difunda sobre a Terra (cf. Eclo 38,8), e o tema: A Fraternidade e Saúde Pública, a Igreja retratou a realidade nos atendimentos de saúde, oferecidos pelo poder público à população. A Campanha da

Fraternidade 2012 refletiu, de forma límpida, o compromisso missionário da Igreja em defesa da vida, e manifesta a contribuição social da Igreja, em função da sua missão no mundo. Aparecida foi também enfática em defesa dos portadores do HIV. “A partir desta V Conferência pedimos aos governos o acesso gratuito e universal aos medicamentos para a Aids e a doses oportunas” (DAp 421).

Um dos grandes desafios sociais na atualidade, relacionado ao comportamento das pessoas, é o problema da droga. “Ataca igualmente a países ricos quanto pobres, a crianças, jovens, adultos e idosos, a homens e mulheres” (DAp 422). Diante desse desafio que destrói a humanidade, a Igreja precisa reagir com palavras e ações concretas. Afinal, é a vida humana que está sendo destruída. Segundo Aparecida, a Igreja deve agir em três direções: “prevenção, acompanhamento e apoio das políticas governamentais para reprimir esta pandemia” (DAp 422). Na prevenção, a Igreja tem a tarefa de ensinar os valores da vida, destacando a dignidade humana e a imagem de filhos de Deus. No acompanhamento, sem discriminação e preconceito, acolher o dependente e ajudar na sua recuperação. No apoio, agir profeticamente contra o poder que explora essa atividade, denunciando e exigindo a erradicação da droga. Dessa forma,

Na América Latina e no Caribe, a Igreja deve promover uma luta frontal contra o consumo e tráfico de drogas, insistindo no valor da ação preventiva e reeducativa, assim como apoiando os governos e entidades civis que trabalham neste sentido, exortando o estado em sua responsabilidade de combater o narcotráfico e prevenir o uso de todo tipo de droga (DAp 423).

Cientes de que a tarefa de combater o processo de produção, comercialização e consumo da droga é do Estado, a Igreja não fica indiferente a esse desafio, e assume concretamente o que lhe é possível fazer. “A Igreja Católica tem muitas obras que respondem a esta problemática a partir do nosso ser discípulos e missionários de Jesus, ainda que não de maneira suficiente diante da magnitude do problema” (DAp 426). Missão nesse contexto envolve todos os meios disponíveis na Igreja: estrutura, pessoas e espiritualidade missionária.

Por último, há um grupo especial de pessoas, necessitado da concretude pastoral de discípulos missionários, comprometidos na missão evangelizadora da Igreja. São as pessoas que se encontram detidas nas prisões. Segregadas da sociedade, e, vivendo em condições desumanas, estas pessoas não são preparadas para a reinserção social, mas são alunos de escolas que ensinam a arte da delinquência (DAp 427). Nesse contexto, onde a vida é diminuída e manipulada para o mal, a missão da Igreja deve acontecer por meio da pastoral penitenciária. Por isso Aparecida recomenda: “deve-se fortalecer a pastoral penitenciária, onde se inclua a tarefa evangelizadora e de promoção humana por parte dos capelães e do

voluntariado carcerário” (DAp 429). Em relação aos presos, a missão evangelizadora deve ser estendida também aos familiares, pois a situação do detento afeta diretamente seu núcleo familiar.

4.4.8. Valorizando a diversidade cultural

Na primeira sessão desta pesquisa, mostramos a cultura atual, como um dos desafios proeminentes da missão atual. Uma das razões preocupantes da cultura atual, percebida em Aparecida, é que esta se impõe, desprezando as culturas locais (DAp 46; 479). Esse fenômeno de alcance mundial fere a identidade dos povos, pois a cultura é o instrumento de relação de um povo. “Enquanto tal, a cultura é patrimônio comum dos povos e também da América Latina e do Caribe” (DAp 476). O Continente latino-americano e caribenho é formado de um pluralismo cultural coexistente, às vezes no mesmo país, e a Conferência olhou com empatia para as diferentes formas culturais, valorizando os elementos presentes em cada cultura, para que cada povo expresse e entenda a sua fé, a partir do próprio substrato cultural (DAp 477).

Diferente de promover uma evangelização, em que a mensagem é anunciada com invólucro cultural do missionário, Aparecida defende a inculturação da fé, preservando os elementos culturais de todos os povos, para que a fé inculturada venha a purificar a própria cultura. “Com a inculturação da fé, a Igreja se enriquece com novas expressões e valores, manifestando e celebrando cada vez melhor o mistério de Cristo, conseguindo unir mais a fé à vida e contribuindo, assim, para uma catolicidade mais plena, não só geográfica, mas também cultural” (DAp 479). Da maneira que Aparecida se refere às culturas locais, fica evidente a pretensão da Conferência, em defendê-las contra a nova cultura, sublinhada como a cultura da morte. “Neutralizar a cultura de morte com a cultura cristã da solidariedade é um imperativo que diz respeito a todos nós e que foi um objetivo constante do ensino social da Igreja” (DAp 480). Para que os valores culturais venham a se tornar um incremento na missão, é imprescindível o diálogo intercultural.

O diálogo intercultural é, pois, um processo que oferece a cada membro, sem nenhuma exceção, a faculdade e a possibilidade real de contribuir, a partir de si próprio, para a revitalização pessoal, comunitária e estrutural de uma Igreja, que deveria reter e repropor-se o próprio estilo de vida uniforme e monocultural em sua vida interna, nas relações interpessoais, na acolhida às novas gerações, na recepção de novos grupos culturais, nas expressões litúrgicas, nos projetos pastorais, etc. (TOMICHA, 2010, p. 264).

A diversidade cultural dos povos da América e do Caribe, tradicionalmente, são cabedais de

valores, disponível para ensinar a cultura atual, como vencer o individualismo e a falta de sentido da vida, duas enfermidades destrutivas da sociedade moderna.

4.4.9 Respeitando o pluralismo religioso

O projeto missionário que surgiu de Aparecida e foi entregue à Igreja, para promover a plenitude da vida a todos os povos, reconhece em nosso contexto a existência de um pluralismo religioso. Sendo assim, recomenda-se aos discípulos missionários a sutileza de avançar com cuidado no território do outro, porque o chão, que se pisa, é sagrado. Nenhum desafio é mais importante para o missionário que a dignidade do outro. Saber respeitar a escolha do outro é princípio da missão que orienta o missionário no contexto do pluralismo religioso atual. Nesse sentido, Aparecida aproxima-se do povo judeu, referindo-se a eles como “nossos “irmãos maiores” na fé de Abraão, Isaque e Jacó” (DAP 235). Reconhece que, entre o judaísmo e o cristianismo, há laços comuns, conduzindo para o mesmo Deus, Pai de todos. Aparecida afirma também que “Pelo sopro do Espírito Santo e outros meios conhecidos de Deus, a graça de Cristo pode alcançar a todos os que Ele redimiu, além da comunidade eclesial, porém de modos diferentes” (DAP 236). Diante do pluralismo religioso, surge a necessidade de aproximação e estabelecer com as outras religiões o diálogo inter-religioso. Para essa tarefa, “é necessário investir no conhecimento das religiões, no discernimento teológico-pastoral e na formação de agentes competentes para o diálogo inter-religioso, atendendo às diferentes visões religiosas presentes nas culturas de nosso continente” (DAP 238). O fato de nos aproximar de outras religiões não significa abandonar a missão, ao contrário, a missão inclui o anúncio explícito de Jesus Cristo e da Boa Nova do Reino, mas com cuidado, conforme sugere Aparecida. “O diálogo inter-religioso não significa que se deixe de anunciar a Boa Nova de Jesus Cristo aos povos não cristãos, mas com mansidão e respeito por suas convicções religiosas” (DAP 238). Através do diálogo inter-religioso, podemos fazer mais pela dignidade humana, ampliando, assim, o reino da vida para novos horizontes da humanidade.

4.4.10 Buscando a unidade entre as Igrejas

Em conformidade com as bases do ecumenismo, lançadas no Vaticano II, Aparecida convoca os discípulos missionários para a relação fraterna com os irmãos e irmãs de outras igrejas. Lembrando a vontade de Cristo, pronunciada em oração ao Pai, “para que todos sejam

um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti. E para que também eles estejam em nós, a fim de que o mundo acredite que tu me enviaste” (Jo 17,21), Aparecida afirma que “a falta de unidade representa um escândalo, um pecado e um atraso do cumprimento do desejo de Cristo” (DAp 227). Diante da sociedade que constrói o mundo sem Deus, ou vive na indiferença religiosa, a unidade entre as igrejas é um testemunho fidedigno de amor a Cristo. Dessa forma, “em vez de um proselitismo religioso, realiza-se uma convivência humana transcendente” (IRARRAZAVAL, 2010, p. 254). Assim, daremos primazia ao Reino de Deus em relação à Igreja.

Segundo Aparecida, o ecumenismo emerge do compromisso batismal, e se expressa no testemunho concreto de fraternidade (DAp 228). Pelo batismo, todos se tornam filhos do mesmo Pai, participantes da comunhão trinitária, e juntos, percorrem o mesmo caminho, animados pelo mesmo Espírito. Confirmamos, então, “que a unidade é, antes de tudo, um dom do Espírito Santo” (DAp 230). Esta percepção condiz com as perspectivas do Vaticano II, que fala da ação do Espírito Santo, agindo em função da unidade dos cristãos. Pela relevância das boas obras produzidas através da unidade dos cristãos, este é um campo missionário que precisa ser mais cultivado entre as igrejas. A Igreja católica tem se mostrada aberta para o movimento, porém “necessitamos de mais agentes de diálogo e melhor qualificados” (DAp 231). Aparecida verifica o surgimento de alguns obstáculos, comprometendo as conquistas já alcançadas, e impedindo a produção de mais frutos ecumênicos. Sendo assim, “incentivamos os ministros ordenados, os leigos e a vida consagrada a participarem de organismos ecumênicos com uma cuidadosa preparação e um esmerado seguimento dos pastores e realizarem ações conjuntas nos diversos campos da vida eclesial, pastoral e social” (DAp 232). Nesta nova etapa evangelizadora no Continente americano e caribenho, com o foco da missão direcionada para a vida, “queremos que o diálogo e a cooperação ecumênica se encaminhem para despertar novas formas de discipulado e missão em comunhão” (DAp 233). A unidade dos cristãos é fundamental para os cristãos responderem, efetivamente, o desejo de Cristo: “para que todos sejam um” (Jo 17,21). Unidade na diversidade. Unidade no fundamento e na meta de chegada, diversidade nas formas de expressão.

4.4.11 Na missão “*ad gentes*”

O termo missão tem a sua raiz latina na palavra “*missio*”, que significa envio. Missão é, portanto, o envio do discípulo missionário para além do caminho já trilhado, e significa um

deslocamento *ad extra*. Na *missio Dei*, significa o movimento de Deus em direção ao ser humano. Na missão da Igreja e, particularmente do discípulo missionário, significa a saída de si para alcançar os confins da terra. Essa é a essência e a dinâmica da missão, apontando para o universalismo, em movimento centrífugo de alteridade, executada pelo discípulo missionário configurado com Cristo e movido de compaixão pelo outro. A missão fundamentada em Aparecida parte do suposto que todos os homens devem ser salvos, e alcancem a plenitude da vida em Cristo. No entanto, a salvação oferecida a todos, desafia a Igreja para a missão *ad gentes*, exigindo, portanto, “nos formar como discípulos missionários sem fronteiras, dispostos a ir “à outra margem”, àquela na qual Cristo não é ainda reconhecido como Deus e Senhor, e a Igreja não está presente” (DAp 376). O batismo imprime caráter universal ao cristão, característica que atribui ao batizado responsabilidade pelas pessoas do mundo inteiro. Isso significa que o ser “católico” é ser universal, “assumindo *ad gentes* nossa solicitude pela missão universal da Igreja” (DAp 548). A missão *Ad gentes* pressupõe a paixão missionária do discípulo pelo irmão que está na outra margem. Essa paixão se converte na força motriz que interpela o discípulo a sair de si, para partilhar os dons recebidos por meio da graça divina.

No projeto missionário de Aparecida, encontra-se, bem explícito, o forte desejo pela missão *Ad gentes*, que está declarada textualmente nesses termos: “Nosso desejo é que esta V Conferência seja um estímulo para que muitos discípulos de nossas Igrejas vão e evangelizem na outra margem. A fé se fortalece quando é transmitida e é preciso que entremos em nosso continente em uma nova primavera da missão *ad gentes*” (DAp 379). Isso implica deixar nossa margem para ir ao encontro das pessoas, saindo da passividade sem esperar que as pessoas venham até nós. É o despojamento, a flexibilidade e a leveza, para nos tornar hóspede na casa do outro, e como peregrino ser acolhido pelo outro.

Igreja em estado permanente de missão significa assumir a dimensão universal da missão, comprometendo-se, de fato, com a história e a vida de todos os povos. Em nosso contexto, chegou a hora da Igreja latino-americana e caribenha dar seu contributo mais significativo na missão universal, rompendo com suas próprias fronteiras, para entrar em outras realidades e apresentar Cristo como Deus e Senhor (DAp 376). É verdade que somos Igreja pobre, mas isso não exclui o compromisso de dar a partir de nossa pobreza e retribuir hoje ao mundo o envio de muitos missionários para nosso Continente (DAp 379). Durante muitos séculos, a Igreja da América Latina e do Caribe receberam missionários estrangeiros. Tendo, porém, atingido sua maturidade cristã, hoje é possível inverter o processo, e enviar, ela, missionários para o mundo. Além do mais, é saudável para a Igreja universal o

intercâmbio missionário, pois o missionário estrangeiro tem algo diferente a oferecer, não fala aos semelhantes, por isso desperta atenção dos ouvintes.

4.4.12 Com foco na família

Aparecida destacou a família como “patrimônio da humanidade” (DAp 114; 302; 432), constituindo-se, assim, um dos mais valiosos tesouros dos povos latino-americanos. Por ser importante e necessário, o próprio Deus, ao se encarnar, escolheu uma família e lhe deu a dignidade de “Igreja Doméstica” (DAp 115). Por isso, Deus ama as famílias, apesar das feridas e divisões. “A presença invocada de Cristo através da oração em família nos ajuda a superar os problemas, a curar as feridas e abre caminhos de esperança. Muitos vazios de lar podem ser atenuados através de serviços prestados pela comunidade eclesial, família de famílias” (DAp 119).

Conhecemos as difíceis condições que a instituição familiar atravessa em função da nova cultura e globalização. Por um lado, sofre com a mobilidade humana que divide e fragiliza o núcleo familiar, por outro, sofre as consequências do relativismo que considera tudo descartável. Na sociedade de consumo, nada é duradouro, inclusive o casamento. “Em nossa condição de discípulos e missionários de Jesus Cristo somos chamados a trabalhar para que esta situação seja transformada e a família assuma seu ser e sua missão no âmbito da sociedade e da Igreja” (DAp 432). O relativismo dissolve a união entre homem e mulher, ferindo o sacramento do matrimônio, sinal da aliança da família com Deus e afastando-a da Igreja. Dessa forma, é responsabilidade da Igreja e de todos os discípulos missionários zelar e cuidar pela manutenção das famílias.

Visto que a família é o valor mais querido por nossos povos, cremos que se deve assumir a preocupação por ela como um dos eixos transversais de toda ação evangelizadora da Igreja. Em toda diocese se requer uma pastoral familiar intensa e vigorosa para proclamar o evangelho da família, promover a cultura da vida e trabalhar para que os direitos das famílias sejam reconhecidos e respeitados (DAp 435).

Pela importância social e eclesial, a família merece, e no atual contexto podemos afirmar e destacar que a família precisa de uma atenção especial da evangelização. Muitas famílias precisam ser evangelizadas, outras, acompanhadas e amparadas para não sucumbirem diante dos embates da vida.

4.5 A ação missionária

Ação missionária é a parte prática da Igreja, em estado permanente de missão. São as ações que identificam se a comunidade é, ou não, missionária. A missão da Igreja é para o mundo, e segundo Aparecida, “esta firme decisão missionária deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos de pastorais das dioceses, paróquias, comunidades religiosas, movimentos e de qualquer instituição da Igreja” (DAp 635). Todos na Igreja devem caminhar, comprometidos na missão.

4.5.1 Missão pessoal

Aparecida faz um convite personalizado para cada batizado tornar-se discípulo missionário, e oferecer a própria vida em favor dos outros. Afirma que, “a vida se acrescenta dando-a e se enfraquece no isolamento e na comodidade” (DAp 360), e acrescenta que a vida partilhada, com certeza, é missão. A missão do discípulo missionário é a oferta de uma vida plena para todos, por isso, o desejo de instaurar o reinado de Deus é responsabilidade de cada um dos batizados, que se realiza no cumprimento do mandato do Senhor que pede a seus discípulos “Proclamem que está chegando o Reino dos céus” (Mt 10,7). Trata-se de viver o cotidiano na condição de discípulo missionário, evangelizando, oportuna e inoportuna todos os lugares, especialmente, naqueles em que a vida está sendo mais ameaçada. Recorda Aparecida:

O fato de ser discípulos e missionários de Jesus Cristo para que nossos povos, n'Ele, tenham vida leva-nos a assumir evangelicamente e a partir da perspectiva do Reino as tarefas prioritárias que contribuem para a dignificação do ser humano e a trabalhar junto com os demais cidadãos e instituições para o bem do ser humano (DAp 384).

Discípulo missionário comprometido em favor da plenitude da vida não aceita as condições desumanas que afeta milhões de pessoas. As perspectivas do Reino e a dignidade humana não permitem ficar indiferente, mas desafiam a Igreja convocando discípulos missionários para a missão. Devemos considerar que lugares aparentemente inóspitos são novos campos missionários e pastorais que se abrem para a evangelização, desafiam discípulos missionários, para interferir e transformar as realidades contraditórias ao reino da vida, contrapondo com valores do Evangelho. “Nossa fidelidade ao Evangelho exige que proclamemos a verdade sobre o ser humano e sobre a dignidade de toda pessoa humana em todos os espaços públicos e privados do mundo de hoje e a partir de todas as instâncias da

vida e da missão da Igreja” (DAp 390). Dessa forma, participamos da missão contribuindo para que a influência de Jesus chegue até os confins da terra. “A missão tem como centro a existência de povos onde o Espírito de Cristo faz maravilhas” (IRARRAZAVAL, 2010, p. 254). Nesses contextos específicos, nossa participação “há de se manifestar em opções e gestos visíveis, principalmente na defesa da vida e dos direitos dos mais vulneráveis e excluídos, e no permanente acompanhamento em seus esforços por serem sujeitos de mudança e de transformação de sua situação” (DAp 394). Nisso se evidencia nossa fé em Cristo, e o verdadeiro compromisso pela busca da plenitude da vida para todos.

4.5.2 Famílias missionárias

A Conferência de Aparecida destacou que a família está entre as prioridades da missão da Igreja na América Latina e no Caribe. Enfatizou que a família deve ser “um dos eixos transversais de toda ação evangelizadora da Igreja” (DAp 435). O modelo missionário emergente de Aparecida, Igreja em estado permanente de missão, deseja despertar a consciência missionária das famílias, transformando a moradia familiar em Igreja doméstica, comprometida com a missão de anunciar o Evangelho, para a promoção da vida em todas as dimensões. Na comunidade eclesial, a família exerce uma função de destaque, pois é “a primeira e mais básica comunidade eclesial” (DAp 204). É na família que encontramos os primeiros transmissores da fé, estrutura básica na iniciação do discipulado. Além do mais, é na família que os principais valores da vida cristã estão depositados, para ser transmitida por meio da tradição de uma geração a outra.

Na dimensão religiosa e espiritual, “a família é chamada a introduzir os filhos no caminho da iniciação cristã” (DAp 302). Os pais, na função de mistagogos, participam diretamente da formação de discípulos missionários, oferecendo aos seus filhos um sentido cristão da existência. Família comprometida com o futuro de seus filhos transforma a intimidade do lar, em escola da fé, na qual os pais cumprem a função de primeiros catequistas para seus filhos, através do ensino religioso, e do testemunho cristão. “É, além disso, um dever dos pais, especialmente através de seu exemplo de vida, a educação dos filhos para o amor com dom de si mesmos e a ajuda que eles prestam para descobrir sua vocação de serviço, seja na vida laica como na vida consagrada” (DAp 303). A missão da família compreende a dimensão do anúncio, serviço e comunhão. O anúncio inclui a proclamação da mensagem de Jesus Caminho Verdade e Vida. Serviço é exigência em favor da fragilidade da vida humana. Do início ao fim da vida, há necessidade do cuidado pelo outro, respeitando a

dignidade da pessoa. Seguindo o modelo trinitário de comunhão, a família é o lugar privilegiado para vivenciar o amor, a partilha, a doação e compromisso de uns com os outros.

4.5.3 Pequenas comunidades missionárias

Entre os novos rumos para a Igreja, Aparecida aposta em um novo modelo de vivência comunitária, chamado de novas comunidades eclesiais (DAp 205). As novas comunidades diferente de outros movimentos religiosos, são nova forma de expressar a comunhão dos fiéis. Elas emergem da Conferência, como resposta às exigências da evangelização, e, junto com as Comunidades Eclesiais de Base, são alternativas reais para reavivar a fé do povo, abrindo espaço à participação dos membros afastados e indiferentes a Igreja de massa. Aparecida admite a existência de outras formas válidas de pequenas comunidades, e inclusive redes de comunidades, de movimentos, grupos de vida, de oração e de reflexão da palavra de Deus (DAp 180). Estas comunidades congregam homens e mulheres na experiência da fé, convívio, partilha e reflexão, e são portadoras de riqueza carismática, educativa e evangelizadora, motivo pelo qual precisa ser valorizada sua presença e o crescimento (DAp 99 e).

Com segurança, Aparecida anuncia: “Nas pequenas comunidades eclesiais, temos um meio privilegiado para chegar à Nova Evangelização e para chegar a que os batizados vivam como autênticos discípulos e missionários de Cristo” (DAp 307). A experiência de vida nas pequenas comunidades favorece no processo de discipulado, vez que, o convívio mais íntimo proporciona tratamento prioritário a todas as pessoas, conseqüentemente, cada membro recebe atenção individual do grupo. Também a convivência em grupos menores favorece o maior intercâmbio de vida entre os membros. Isso faz das pequenas comunidades “um ambiente propício para escutar a Palavra de Deus, para viver a fraternidade, para animar a oração, para aprofundar processos de formação na fé e para fortalecer o exigente compromisso de ser apóstolo na sociedade de hoje” (DAp 308). Em função das qualidades e benefícios apresentados pelas pequenas comunidades, parece óbvio que, diante da realidade religiosa das pessoas hoje, o caminho mais apropriado para reformulação paroquial no momento seja a descentralização das paróquias em pequenas comunidades.

4.5.4 Comunidades Eclesiais de Base missionárias

Considerando as dimensões geográficas de nossas paróquias, Aparecida aconselha a fracioná-las em unidades menores, organizadas com equipes próprias de animação e de

coordenação, a fim de aproximar mais a Igreja das pessoas e grupos da região. Recomenda também aos agentes missionários a criação de comunidades de famílias, para a partilha da fé e para busca de respostas aos problemas comuns (DAp 372). Entre as pequenas comunidades já existentes na Igreja e outras que deverão surgir na sequência, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) destacam-se pela experiência e pelos resultados já demonstrados. Criadas na América Latina e no Caribe, as Comunidades Eclesiais de Base tornaram-se escolas de formação cristã, desenvolvendo cristãos comprometidos na fé, verdadeiros discípulos missionários do Senhor e testemunhas de entrega generosa, inclusive marcada pelo martírio. A experiência de vida das Comunidades Eclesiais de Base aproxima-se muito do estilo de vida das primeiras comunidades cristãs. Em Medellín, as CEBs foram reconhecidas como célula inicial de estruturação eclesial e foco de fé e evangelização. Puebla percebeu que as comunidades eclesiais de base permitem ao povo chegar a um conhecimento maior da Palavra de Deus, ao compromisso social em nome do Evangelho, ao surgimento de novos serviços leigos e à educação da fé dos adultos (DAp 178).

A Palavra de Deus lida na Bíblia, bastante presente na vida das CEBs, tornou-se fonte de espiritualidade e orientação de seus pastores, servindo de guia para a comunidade seguir na comunhão eclesial. Outra característica marcante na vida e na experiência das Comunidades Eclesiais de Base é a opção preferencial pelos pobres, demonstrado através do compromisso evangelizador aos mais simples e afastados. Por outro lado, as CEBs são fonte e semente de vários serviços e ministérios a favor da vida na sociedade e na Igreja. Reinert observa vários benefícios nessas pequenas comunidades: “o sentimento de pertença, a partilha, o reconhecimento dos anseios, uma vida litúrgica mais celebrativa, o despertar da consciência crítica frente às injustiças sociais, a formação humana e teológica mais intensa” (REINERT, 2010, p. 90).

4.5.5 Paróquias missionárias

Aparecida entende que a estrutura paroquial pode se tornar centro de irradiação missionária sim. Nessa perspectiva, com toda segurança sugere que “todas as nossas paróquias se tornem missionárias” (DAp 173), tanto nas grandes cidades, como no mundo rural (DAp 173). Pelo menos duas razões motivam a transformação das paróquias: primeiro porque as paróquias são células vivas da Igreja, segundo porque é no ambiente paroquial que a vida cristã acontece de fato. Nele, a maioria dos fiéis faz a experiência concreta de Cristo e participa da comunhão eclesial (DAp 304). Experiência de Cristo e comunhão eclesial são

dois acontecimentos fundamentais, na formação do discípulo missionário de Jesus Cristo (DAp 170). No entanto, para que a paróquia se transforme em centro de irradiação missionária em seu próprio território, ela precisa passar por algumas transformações e ser também lugar de formação permanente (DAp 306). É preciso que toda a comunidade paroquial tenha consciência de que evangelização e missão são responsabilidades de todos os membros da comunidade (DAp 171). Aparecida sugere a reformulação de suas estruturas, tornando a paróquia rede de comunidades (DAp 172), portanto mais adaptadas ao contexto real das pessoas e mais flexíveis à cultura local, podendo, desse modo, atingir de perto as pessoas e tornar a ação evangelizadora mais dinâmica. Isso implica “fracionar” as paróquias em grupos menores.

De que forma a paróquia pode ser missionária? A paróquia pode ser uma comunidade missionária, direcionando a estrutura paroquial, que envolve as pastorais e movimentos, para o serviço da plenitude da vida. Pesa contra as paróquias, o comprometimento limitado na jurisdição territorial. Esse fato, além de restringir as ações pastorais ao seu limite geográfico, cria uma zona de conforto, em que os fiéis católicos vão se acomodando e engessando a fé. É preciso abandonar a estabilidade da jurisdição territorial, e assumir a missão em todas as dimensões. Como diz o hino da missão continental: A missão é local, Continental e Universal. Paróquia missionária é aquela que tem a capacidade de revelar sua autêntica experiência de fé, através do anúncio, diálogo, testemunho, comunhão e serviço. Desse modo, torna-se determinante para uma paróquia, descobrir caminhos para entrar nos condomínios, prédios e favelas, além de passar para outra margem para se tornar Igreja em missão *ad gentes*.

4.5.6 Dioceses missionárias

A nova situação missionária da Igreja, acenando para um estado permanente de missão, convoca a diocese para ser comunidade missionária. Nela subsiste a totalidade da Igreja, ainda que não seja toda a Igreja (DAp 166). Vivendo num contexto bem específico, a diocese é a Igreja peregrina que se renova constantemente para refazer o ardor missionário, e oferecer aos batizados as condições necessárias para uma vida em comunhão, de participação e solidariedade (DAp 167). A diocese deve ainda cuidar das pessoas que estão no seu território e que, por alguma razão, ainda não conhecem a Cristo e o reino da vida que ele oferece. Outro campo missionário para a diocese são os batizados afastados que não participam das comunidades. Para estes, a missão da diocese consiste em sair ao seu encontro, e, ao alcançá-los, reconduzi-los às comunidades cristãs, para que vivam em comunhão com os

demais irmãos (DAp 168).

O bispo presidente de uma diocese é responsável pela dimensão missionária de todas as comunidades, filiadas nela. “Ele deve estimular e conduzir uma ação pastoral orgânica e vigorosa, de maneira que a variedade de carismas, ministérios, serviços e organizações se orientem em um mesmo projeto missionário para comunicar vida no próprio território” (DAp 169). Missão é tarefa de todos, envolve paróquias, comunidades, associações e movimentos, porém, todas as iniciativas missionárias devem acontecer, em conformidade com o projeto orgânico da diocese. Desse modo, “cada uma é chamada a evangelizar de um modo harmônico e integrado no projeto pastoral da Diocese” (DAp 169). Isso significa que a missão, a partir do projeto pastoral da diocese, é um indicativo de unidade da Igreja, e representa também o autêntico testemunho de comunhão dos discípulos missionários.

4.5.7 Missão no plano pastoral nacional

A partir do enunciado do Evangelho de Marcos “Ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa-Nova a toda a criatura” (Mc 16,15), a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, lembrando que a Igreja existe para evangelizar, promulgou para toda a Igreja do Brasil as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora (Doc 94), aprovada na 49ª Assembleia dos Bispos. Iluminada pelas chamas da missão, acesas em Aparecida, o documento da CNBB foi elaborado para responder aos desafios emergentes no contexto da Igreja do Brasil que ameaçam a vida em todos os sentidos. Em suas reflexões, a Assembleia percebeu cinco urgências para serem trabalhadas pelas comunidades no Brasil. São elas: Igreja em estado permanente de missão; Igreja: casa da iniciação cristã; Igreja: lugar de animação bíblica da vida e da pastoral; Igreja: comunidade de comunidades; Igreja a serviço da vida plena para todos. Segundo a CNBB, as cinco urgências são necessárias para colocar a Igreja do Brasil no projeto missionário de Aparecida, cujas propostas da Assembleia Nacional deverão ser trabalhadas pelas comunidades concomitantemente integradas no mesmo processo, e não separadas, priorizando apenas alguma.

Para que a Igreja do Brasil seja uma Igreja em estado de missão, as diretrizes assinalam algumas pistas de ação que deverão ser trabalhadas pelas comunidades. Primeiro, insiste no testemunho como condição para o anúncio. “*A própria comunidade cristã precisa ser ela mesma anúncio, pois o mensageiro é também Mensagem*” (DGAE 76). Os mensageiros de Jesus são testemunhas do reino da vida, através de ações transformadoras no mundo, mas a concretude do testemunho não exclui a necessidade do anúncio explícito, pois a

plenitude da vida se realiza em Jesus Cristo. Ele é o Verdadeiro Salvador e Libertador, de tudo aquilo que oprime o ser humano. Segundo, identificar “quais são *os grupos humanos ou as categorias sociais que merecem atenção especial* e lhes dar prioridade no trabalho de evangelização” (DGAE 78). Em nosso contexto, é preciso olhar para os jovens, moradores das periferias, classe intelectual, artistas, políticos, formadores de opinião, trabalhadores com grande mobilidade, nômades etc. A mesma disposição missionária deve contemplar também “*os povos indígenas e os afro-brasileiros*” (DGAE 79). Com método de evangelização inculturada, erigir, junto a esses povos, os quatro pilares da evangelização: serviço, diálogo, testemunho e anúncio. A perspectiva da missão acontece em função do Reino de Deus. Assim Igreja em estado permanente de missão significa comunidade de discípulos missionários, comprometidos com a sociedade, culturas e com os irmãos que creem em Jesus Cristo como nós, e com outras religiões (DGAE 80). Surge, então, a necessidade do ecumenismo, fortalecendo a unidade com os cristãos de outras igrejas (DGAE 82). Da mesma forma o diálogo inter-religioso, com os seguidores de outras religiões, especialmente judeus e muçulmanos, em função da afinidade da fé no Deus Uno, mas também com as religiões afrodescendentes e indígenas, inclusive com os ateus (DGAE 83). Finalmente, Igreja em estado permanente de missão tem consciência da missão universal, e se abre para a missão *ad gentes*, para servir em outras regiões e além-fronteiras (DGAE 84).

A segunda urgência é fazer que a igreja transforme-se em casa da iniciação à vida cristã. O incentivo à iniciação cristã é uma atitude missionária necessária para uma Igreja, em estado de missão. “Trata-se, portanto, de desenvolver, em nossas comunidades, um processo de iniciação à vida cristã que conduza a um encontro pessoal, cada vez maior com Jesus Cristo, atitude que deve ser assumida em todo o continente latino-americano e, portanto, também no Brasil” (DGAE 40). Isso implica um perfil diferente do evangelizador, ele é a pessoa que introduz o iniciado na vida cristã, ou seja, introduz no mistério de Cristo, é o catequista que se transforma no introdutor.

No processo de iniciação cristã é necessário que a comunidade “conduza ao ‘encontro pessoal com Jesus Cristo’, no cultivo da amizade com Ele pela oração, no apreço pela celebração litúrgica, na experiência comunitária e no compromisso apostólico, mediante um permanente serviço aos demais” (DGAE 86). Isso implica dispensar atendimento personalizado a todas as pessoas (DGAE 87), respeitando em tudo, o direito de opção, inclusive, aceitar a Boa Nova que não pode ser imposta. “A pedagogia evangélica consiste na *persuasão do interlocutor pelo testemunho de vida e por uma argumentação sincera e rigorosa*, que estimula a busca da verdade” (DGAE 88). Outra questão importante para a

comunidade perceber durante a iniciação cristã é a valorização da relação interpessoal, dentro da comunidade. “As pessoas não buscam em primeiro lugar as doutrinas, mas *o encontro pessoal, o relacionamento solidário e fraterno, a acolhida*, vivência implícita do próprio Evangelho” (DGAE 89). A formação no processo da iniciação cristã é abrangente, inclui a vivência comunitária, celebrações, encontros, inserção nas atividades pastorais, capacitação e movimentos.

Depois do encontro, é preciso conhecer o Mestre. Ele se revela através das Escrituras, lidas na Igreja. Esta é a terceira urgência para a Igreja do Brasil. A Igreja passa a ser o lugar de animação bíblica da vida e da pastoral. Neste momento, o discípulo é convidado a um contato pessoal e comunitário com a Palavra de Deus. A Palavra é o lugar privilegiado do encontro com Cristo (DGAE 45), nela, o discípulo terá oportunidade de encontrar Jesus, conhecer sua mensagem e optar pelo Reino de Deus (DGAE 46). Desse modo, a Palavra é um elemento indispensável para o discípulo e, “não há, pois, discípulo missionário sem efetivo contato com a Palavra de Deus, um contato que atinge toda a vida e que é transmitido aos irmãos e irmãs” (DGAE 47). A Palavra de Deus capacita o discípulo para vencer os embates da vida que por diversas formas constantemente interpelam os discípulos.

Desse modo, “em todos os níveis da ação evangelizadora – paroquial, regional, diocesano–sejam criadas ou fortalecidas equipes de animação bíblica da pastoral, com a específica missão de propiciar meios de aproximação de cada pessoa à Palavra de Deus, para conhecê-la e interpretá-la corretamente” (DGAE 94). Dê-se prioridade para aquelas formas de animação “que reúnem *grupos de famílias, círculos bíblicos e pequenas comunidades*” (DGAE 95). Outra forma de aproximar a Sagrada Escritura do povo é o exercício da leitura orante, conhecido como *Lectio Divina* (DGAE 96). Este método, com seus quatro momentos, – leitura, meditação, oração, contemplação, - favorece o encontro com Cristo. Recomenda-se também “investir, com afínco, na animação bíblica da pastoral” (DGAE 97) e na formação de agentes e ministros da Palavra. A formação do ministro da Palavra contribui na melhoria da reflexão homilética e proporciona melhor interpretação da mensagem evangélica.

A quarta urgência da Igreja é ser uma comunidade fraterna, para que o discípulo faça a experiência comunitária, vivendo em comunhão com Cristo e com os demais discípulos do Senhor. O discípulo missionário vive a sua fé em comunidade. “A comunidade acolhe, forma e transforma, envia em missão, restaura, celebra, adverte e sustenta” (DGAE 56). Entre os lugares de vida comunitária, destacam-se as CEBs “que, alimentadas pela Palavra, pela fraternidade, pela oração e pela Eucaristia, são sinal, ainda hoje, de vitalidade da Igreja” (DGAE 60). Outra característica importante das CEBs é a sua presença junto aos mais

simples, solidária e comprometida em favor de suas causas. Dessa forma, a descentralização das paróquias, em unidades menores, pode favorecer muito o surgimento de pequenas comunidades em que os vínculos humanos e sociais são mais valorizados (DGAE 62).

A primeira exigência de uma Igreja em comunhão é o diálogo aberto e fraterno entre os membros da comunidade. A comunidade contempla uma rica diversidade de dons e carismas, às vezes, em tensões. “A variedade de vocações, carismas, espiritualidades e movimentos é uma riqueza e não motivo para competição, rejeição ou discriminação” (DGAE 98). Independente das dificuldades, “é urgente que a paróquia se torne, cada vez mais, *comunidade de comunidades vivas e dinâmicas* de discípulos missionários de Jesus Cristo” (DGAE 99). Isso implica a “*setorização em unidades territoriais menores*” (DGAE 101), valorizar as CEBs, pequenas comunidades, grupos de oração, reflexão e movimentos. É imprescindível também a efetiva participação de todos no destino da comunidade (DGAE 104). Cada um, com seu carisma, serviço ou ministério, contribui na edificação de uma Igreja comunidade de comunidades. As diretrizes apontam também para uma experiência de paróquias irmãs, partilhando experiências e recursos, levando em conta as necessidades da região.

A quinta urgência aponta para a meta da missão, e coloca a Igreja a serviço da vida plena para todos. A solidariedade e o compromisso com a vida são características que marcaram a Igreja ao longo da história e fizeram dela servidora do Deus da Vida. Nas pegadas do passado, a nova época solicita atitudes de amor e a valorização da vida em todas as suas dimensões (DGAE 67). A cultura da vida é o princípio que move a ação missionária do discípulo de Jesus Cristo, nela, testemunha verdadeiramente sua fé (DGAE 68). Comprometidos com a vida plena, discípulos missionários não aceitam as “situações de morte, sejam elas quais forem, envolvendo-se na preservação da vida. O discípulo missionário não se cala diante da vida impedida de nascer seja por decisão individual, seja pela legalização e despenalização do aborto” (DGAE 69). Da mesma forma, discípulo missionário, comprometido com a dignidade humana, não fica indiferente a “vida sem alimentação, casa, terra, trabalho, educação, saúde, lazer, liberdade, esperança e fé” (DGAE 69). Para os discípulos missionários, as mazelas do mundo são oportunidades para viver a fé, acreditando na possibilidade de um mundo sem males. Em contexto de morte, a melhor contribuição do discípulo missionário é o serviço testemunhal à vida. Esta “é a mais forte atitude de diálogo que o discípulo missionário pode e deve estabelecer com uma realidade que sente o peso da cultura da morte” (DGAE 72).

A defesa da vida abarca todas as fases da vida humana, e “começa pelo respeito à dignidade da pessoa humana” (DGAE 107). Isso implica defender a vida do ser humano, desde a concepção até a morte natural; respeitá-lo como pessoa na sua complexidade e liberdade; tratá-lo sem preconceito e discriminação. Cabe ainda, “*promover uma sociedade que respeite as diferenças*” (DGAE 107). Merece atenção especial a família (DGAE 108), e nela um olhar especial às crianças, adolescentes e jovens (DGAE 109). Para que toda pessoa tenha dignidade é fundamental que todos tenham trabalho digno. “*Urge lutar contra o desemprego e o subemprego*, criando ou apoiando alternativas de geração de renda, assim como a economia solidária, a agricultura familiar, a agroecologia, o consumo solidário, a segurança alimentar, as redes de trocas, o acesso ao crédito popular” (DGAE 110). Atenção também aos migrantes, populações indígenas e africanas. Lembrando que a plenitude da vida inclui a preservação da natureza e o cuidado com a ecologia humana (DGAE 114). É necessário que os cristãos, leigos e leigas, assumam com responsabilidade a participação na vida social e política, ajudando na elaboração de ações concretas, em benefício das pessoas (DGAE 115).

4.5.8 Missão continental

A Conferência de Aparecida foi um momento especialmente de graça para a Igreja. Em todo o seu percurso, foi guiada pelo Espírito Santo, como animador e orientador das comissões de trabalho. Discernido que a realidade dos povos não condiz com o projeto de Deus, a Conferência concluiu os trabalhos, convocando a Igreja para uma missão continental (DAp 551). No início houve perplexidade, muitos católicos não entenderam exatamente o que significava a expressão missão continental. Pairavam dúvidas sobre as reais intenções de Aparecida. No entanto, depois de conhecer melhor o conteúdo apresentado no documento, as comunidades perceberam que a missão continental não era uma incursão missionária no Continente, mas tratava-se de um projeto de animação missionário proposto à Igreja da América Latina e do Caribe, para tornar-se missionária em todos os ambientes e situações de vida. Hoje, praticamente todas as comunidades já ouviram falar, ou tem conhecimento, que a intenção da Conferência em toda sua extensão é reavivar a opção missionária, promovendo a renovação da comunidade eclesial em seu conjunto, incentivando todos os batizados a um processo de conversão a discípulos missionários, para testemunhar a fé e transformar as realidades do mundo, a partir de novos valores referenciais do Evangelho.

4.5.9 De uma pastoral de conservação para uma pastoral missionária

Igreja missionária, em estado permanente de missão, exige a reestruturação das diversas pastorais, transformando-as em pastorais de características missionárias evangelizadoras. Isso implica, primordialmente, na realização de uma missão *ad intra* (DAp 360-372), buscando, com todos os meios, promover a conversão pastoral de nossas igrejas, migrando de um modelo de pastoral de conservação para um modelo de pastoral decididamente missionária (DAp 370). A conversão pastoral é um imperativo necessário para o início de uma nova fase missionária da Igreja. Isso implica que, “os bispos, presbíteros, diáconos permanentes, consagrados e consagradas, leigos e leigas, são chamados a assumir uma atitude de permanente conversão pastoral” (DAp 366). A partir da conversão pastoral, podemos fazer da comunidade eclesial uma comunidade de discípulos missionários ao redor de Jesus Cristo (DAp 368). As situações e os desafios atuais exigem dos católicos, que a fé proclamada, fundamente-se no Mistério de Deus, que foi revelado por meio de Jesus Cristo. “Sem o caminho de conversão ao Mistério verificado nas atitudes pessoais e nas estruturas comunitárias da Igreja não será possível um testemunho cristão digno de fé” (TOMICHA, 2010, p. 260). Missão permanente significa continuar a revelação do Mistério divino no mundo, que se torna visível por meio das ações em favor da vida.

Conversão pastoral é tarefa de toda a comunidade, desconforta e exige sacrifícios de todos. No entanto, as mudanças são necessárias. “Jesus anuncia a Boa-Notícia como um chamado urgente à mudança. Aquele que não muda radicalmente não é apto ao Reino de Deus. Quem não sabe entender as mudanças nem enquadrinhar Deus nelas andar sempre como um errante sem rumo nem horizonte” (MERLOS, 2010, p. 212). Aparecida convida para missão, buscando a transformação das realidades, contrárias ao reino da vida. Desse modo, tornou-se imperativo para as pastorais encontrar um novo modelo de ação, mais dinâmico e missionário. Esta firme decisão missionária deve impregnar todos os planos de pastorais, de modo que a renovação missionária apresente algo novo, atraente e ativo, abandonando as estruturas caducas que já não favorecem mais a transmissão da fé (DAp 365). É preciso inserir-se no mundo, assumir as fábricas, supermercados, escolas, colégios, universidades, hospitais, instituições esportivas, culturais, locais de diversão e os meios de comunicação social.

Por diversas vezes, Aparecida fala da triste realidade dos pobres na América Latina e no Caribe, e, segundo constata, em nosso Continente, são muitas as pessoas feridas na sua dignidade humana. Desse modo, Aparecida convoca a Igreja para direcionar o trabalho

pastoral em função da promoção e dignidade humana, a todos os homens e a todo homem, como condição para atingir a plenitude da vida. Pois, a verdadeira promoção humana deve ser integral (DAp 399). Isso envolve a descoberta de caminhos eclesiais mais efetivos, levando a comunidade para as situações reais do mundo “Penso que o pós-Aparecida será fecundo se responder aos clamores humanos de hoje. Isto é, a *missão* não estará voltada para metas internas (aumentar a participação dos católicos etc.), mas tratar-se-á de uma *diaconia* generosa para a mudança de época” (IRARRAZAVAL, 2010, p. 248). Trata-se de olhar o mundo, ver a realidade, compadecer-se dos que sofrem e trabalhar para que tal realidade seja transformada.

Pastoral de conservação supõe atividade em função das pessoas evangelizadas que estão dentro da comunidade, trabalha internamente sem sair do recinto eclesial. A falta de contato com o mundo exterior torna a pastoral de conservação inapta para enfrentar os desafios que emergem da mudança epocal. Por isso, tornaram-se estruturas ultrapassadas diante das situações e desafios atuais. Na realidade, da forma como estão constituídas nas comunidades, as pastorais tradicionais são instrumentos a serviço da própria Igreja, uma vez que estão limitadas ao atendimento dos fiéis que, espontaneamente, procuram o espaço eclesial. Pastoral missionária, ao contrário, está na Igreja, mas a atuação concreta acontece a serviço do mundo. Para atender a demanda missionária da Igreja, em relação ao mundo, as pastorais precisam avançar para uma nova realidade. É necessário cruzar os limites que definem a paróquia, ganhar o mundo, agir com novos métodos e atitudes, sobretudo apresentar firme decisão missionária.

4.6 A formação dos discípulos missionários

A formação não é, *a priori*, uma necessidade urgente da Igreja para formar missionários especialistas e capacitados para executar um projeto missionário eventual. Aparecida, por diversas vezes, insiste na necessidade de formação, destacando que “todos os batizados são chamados a recomeçar a partir de Cristo” (DAp 549). O que foi proposto pela Conferência é a formação de discípulos missionários, verdadeiros seguidores de Jesus, dispostos a construir um caminho de espiritualidade missionário, começando a partir da experiência pessoal com Jesus Cristo. É a experiência do discipulado que vai oferecer a cada um dos batizados os fundamentos da missão, segundo a proposta missionária de Aparecida. Em nosso caso, colocar a Igreja em estado permanente de missão, para que nossos povos tenham vida.

4.6.1 A formação de todos os fiéis

O projeto para a Igreja da América Latina e Caribe de uma Missão Continental requer a participação incondicional de uma geração de católicos mais conscientes e mais comprometidos com a missão. E “para cumprir a missão com responsabilidade pessoal, os leigos necessitam de sólida formação doutrinal, pastoral, espiritual” (DAp 216). Formação é um processo dinâmico, gradual e progressivo, fundamental para o desenvolvimento pessoal e comunitário da fé (DAp 305). Dessa forma, a formação dos fiéis é a tarefa primordial da Igreja neste momento, independente da função que o batizado desenvolva na comunidade (DAp 276). Deve ser oferecida uma formação clara e mistagógica que ajude aos fiéis na caminhada ao encontro com Cristo, para começar um discipulado, e despertar em cada discípulo a necessidade de ser missionário a partir de um processo integral que “abrange diversas dimensões que deverão ser integradas harmonicamente ao longo de todo o processo de formação” (DAp 280). A Igreja deve oferecer os meios de formação necessários para tornar a comunidade missionária, por outro lado, os fiéis batizados, no maior número possível, devem buscar formação, a fim de passar de batizados tradicionais à condição de discípulos missionários. Formação no contexto atual exige a elaboração de um projeto bem estruturado e organizado para alcançar os objetivos propostos: “Na diocese o eixo central deverá ser um projeto orgânico de formação, aprovado pelo Bispo e elaborado com os organismos diocesanos competentes, levando em consideração todas as forças vivas da Igreja local” (DAp 281). De modo especial, tendo como alvo primordial a formação de leigos e leigas, capacitando-os para atuarem como discípulos missionários no mundo, em busca do diálogo e da transformação da sociedade (DAp 283). É necessário também promover uma formação espiritual voltada para a docilidade ao impulso do Espírito (DAp 284).

A proposta de formação integral dos fiéis, para que todos sejam discípulos missionários de Cristo, passa pela pastoral vocacional, solicitando mais atenção nos projetos de formação nos Seminários que deverá oferecer uma formação intelectual e espiritual, estendendo-se ao longo de toda a vida do presbítero, pois entende que a formação permanente é um dever, principalmente para os sacerdotes jovens (DAp 194; 200; 326). A formação permanente completa e prolonga a formação recebida no Seminário, e ajuda o jovem presbítero a compreender e viver o seu ministério como “dom de Deus”. Isso implica que as Dioceses e as Conferências Episcopais privilegiem a formação permanente e integral dos sacerdotes. Também é um compromisso dos bispos o zelo pelas religiosas que entregam suas vidas a Cristo e a sua Igreja, cuidando pela formação inicial e permanente. Da mesma forma,

os diáconos permanentes precisam receber uma adequada formação humana, espiritual, doutrinal e pastoral (Dap 207), capacitando-os para exercer o ministério por meio do testemunho do Cristo ressuscitado na comunidade.

Entretanto, não basta o empenho dos sacerdotes e das comunidades dos religiosos, na formação dos membros da comunidade. Os leigos também devem sentir-se corresponsáveis pela própria formação, de modo que participem nos cursos de formação, buscando capacitação para se tornar discípulos e sujeitos da missão (Dap 202). Nesse sentido, é necessária a contribuição de outros meios para a formação do corpo todo da Igreja, envolvendo os fiéis em todas as idades. Aparecida convocou também as escolas católicas a uma profunda renovação, e a oferecer sua contribuição nesse impulso missionário, colaborando no processo de “formação integral da pessoa, tendo seu fundamento em Cristo, com identidade eclesial e *cultural, e com excelência acadêmica*” (Dap 337). E propôs que nas instituições católicas a educação na fé seja integral e transversal em todo o currículo (Dap 338). E que todo o processo de formação contribua para a descoberta da própria vocação e fortaleça a disponibilidade para vivê-la na comunidade.

O documento de Aparecida oferece, com muita clareza, um método de formação que ajuda a preparar discípulos missionários, para fazerem parte de uma Igreja em estado permanente de missão. Na verdade, trata-se de um processo com cinco aspectos que Aparecida destacou, e considerou essencial na formação do discípulo missionário. Esses cinco aspectos aparecem ao longo do caminho e se complementam entre si (Dap 278). São eles: *O Encontro com Jesus Cristo, Conversão, Discipulado, Comunhão e a Missão* (grifo nosso).

4.6.2 Cinco aspectos fundamentais

A missão não pode ser improvisada ou feita de qualquer jeito. Os desafios atuais demandam discípulos missionários capacitados e com responsabilidade pessoal, a fim de que, no exercício da missão, tornem visíveis os valores do reino no mundo. E para que os leigos desenvolvam sua missão com qualidade e responsabilidade, eles precisam estar seguros de que são discípulos missionários de Cristo. Isso implica, de fato, entrar na dinâmica do discipulado e percorrer o caminho proposto pela Conferência.

O primeiro aspecto é “*o encontro com Jesus Cristo*” (Dap 278 a). Diferente da tradição judaica em que o discípulo escolhia o mestre, Jesus é um Mestre seletivo que rompe com a tradição, sem negligenciar as multidões, escolhendo Ele próprio seus discípulos. No caso do discipulado de Jesus, o fato que estabelece o vínculo definitivo do discípulo com o

Mestre é uma ação exclusiva de Jesus que chama, “segue-me” (Mc 1,14; Mt 9,9). A partir desse primeiro contato, se constitui uma relação de intimidade entre o discípulo e Mestre, onde se dá o *kerygma* para configurar a origem da vida cristã que se renova constantemente por meio da participação e missão na comunidade.

O segundo aspecto do processo de formação refere-se à “*conversão*” (DAp 278 b). A partir do encontro e da experiência de ficar com Ele, é natural que brote o desejo de conversão, e se dê início a um discipulado seguindo os passos, e a voz daquele que chamou para caminhar a seu lado. A conversão significa a resposta crente e amorosa que surge como obra do Espírito Santo, em que o discípulo missionário, rompendo com o seu estilo de vida anterior, dá uma virada, aceita a cruz de Cristo e toma consciência que para alcançar a vida é necessário perdê-la. Esta etapa do processo tem como contribuição os sacramentos do batismo e da reconciliação. Neles se atualiza a redenção de Cristo.

O terceiro aspecto apresenta “o *discipulado*” (DAp 378 c). Discipulado é uma etapa para ficar com Jesus e viver a experiência de discípulo que observa o Mestre, aprende dele e aceita seu projeto como ideal de vida. No processo do discipulado, a pessoa vai crescendo constantemente em conhecimento, amor e seguimento de Jesus. Também é a grande oportunidade para o discípulo mergulhar no Mistério da pessoa de Jesus, tomando seu exemplo de vida e encarnando a sua doutrina. Em nossos dias, como parte fundamental desse processo, surge a necessidade de uma catequese permanente associada a uma vida sacramental que fortaleça a conversão inicial, preservando a vida cristã e a missão dos discípulos missionários, diante dos desafios do mundo atual.

Como quarto aspecto desponta “a *comunhão*” (DAp 278 d). Comunhão é um elemento basilar, tanto que, fora da comunidade não pode existir vida cristã. A própria vocação ao discipulado é, por si, uma convocação à comunhão na Igreja, de modo que não há discipulado fora de uma comunidade de fé. Jesus chama para comunhão com Ele e com os demais discípulos seguidores. Como referencial de comunhão, temos o modelo de comunidade da Igreja nos primórdios do cristianismo. O livro dos Atos dos Apóstolos (At 2,42) nos ensina que, os primeiros cristãos se reuniam em comunidade, participavam da vida da Igreja, faziam a experiência do amor de Cristo na fraternidade e solidariedade entre eles. A comunhão dos discípulos é o resultado da ação movida pelo Espírito Santo, mas é também resultado da motivação da própria comunidade e de seus pastores.

O quinto aspecto desse processo é o destino de todo discípulo missionário de Cristo: “a *missão*” (DAp 278 e). A missão é, sem dúvidas, o resultado da experiência dos aspectos anteriores. Não é uma etapa posterior, mas serve para colocar em prática a experiência dos

aspectos anteriores. Nos passos anteriores, o discípulo teve a oportunidade de conhecer e amar o Mestre e Senhor por meio de íntima relação com Ele. Agora, surge, como necessidade, o desejo de ser enviado para anunciar que Jesus Cristo, morto e ressuscitado, é o único Salvador. E mais, na qualidade de discípulo em missão, quer explicitar amor de Cristo partilhando com as pessoas, transformando a experiência do discipulado em serviço e participando da construção do reino de Deus.

4.6.3 Quatro dimensões integradas de um processo

No processo de formação, a dimensão humana e comunitária, espiritual, intelectual, comunitária e pastoral-missionária, deverá ser integrada harmonicamente (DAp 280). No que se refere à *dimensão humana e comunitária*, a formação tem como propósito capacitar as pessoas, para assumirem com aptidão a própria história e, assim, viver com equilíbrio, fortaleza, serenidade e liberdade interior, diante do pluralismo que o mundo atual apresenta. A catolicidade da Igreja, por si mesma, sugere a existência de um ambiente favorável à convivência de seus membros, favorecendo os desejos das pessoas que procuram a comunidade para partilhar a vida. Diante do pluralismo religioso, urge a necessidade de comunidades mais acolhedoras e preparadas para a vida em comunhão. “Nossos fiéis procuram comunidades cristãs, onde sejam acolhidos fraternalmente e se sintam valorizados, visíveis e eclesialmente incluídos” (DAp 280 a). A vida em comunidade é sempre desafio para os membros, exige abandonar o individualismo e a superação de si próprio para viver o coletivo.

A *dimensão espiritual* introduz o ser humano na experiência com Deus, e desperta para o compromisso missionário. Quem participa da experiência com Deus, percebe que espiritualidade e missão são realidades que andam de mãos dadas. “Se missão é o agir cristão decorrente do mandato de Jesus, a espiritualidade é a raiz disso, o ponto motivador, porque de fato vivemos e agimos conduzidos pelo Espírito” (RASCHIETTI, 2008, p. 249). Guiados pelo Espírito, e na prática do múnus batismal, o cristão entra na dinâmica missionária de Jesus, para percorrer os mesmos caminhos trilhados pelo Mestre e Senhor, experimentando, no cotidiano da vida, momentos de alegria e tristezas, momentos de luz e de sombras, momentos dolorosos e difíceis, mas que no final se tornará em eterno momento de glória (DAp 280 b). “Um dos desafios mais urgentes para a missão cristã hoje é, provavelmente, a vivência de uma autêntica experiência de Deus que deve ser compartilhada com diversas experiências culturais e religiosas” (TOMICHA, p. 266, 2010). Espiritualidade missionária é o ponto de

chegada da espiritualidade cristã.

Dimensão intelectual potencializa o dinamismo da razão contribuindo para o entendimento da realidade, promovendo abertura para o Mistério. Uma formação que não exclui os elementos da fé contribui para razão discernir as questões sobre a realidade e a cultura, aumenta o conhecimento bíblico-teológico e capacita para os serviços da Igreja no mundo secular (DAp 280 c). Preocupada com a qualidade e a efetivação da ação evangelizadora no Brasil, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, através do documento 93, orienta os presbíteros para a importância da formação intelectual:

A situação atual, marcada simultaneamente por uma busca diversificada de expressões religiosas e por uma desconfiança nas capacidades da razão, e ainda por uma mentalidade técnico-científica que ignora as questões éticas e religiosas, exige um nível excelente de formação intelectual (CNBB, 2010, 312).

A orientação dirigida aos presbíteros serve de direção para todos os católicos que desejam passar de batizados tradicionais a discípulos missionários de Cristo. O contexto exige dos cristãos uma maior capacidade de pensar e articular as questões práticas, de modo que a Igreja, composta de discípulos missionários mais conscientes nos fundamentos da fé, e intelectualmente mais desenvolvidos, maior habilidade terá para interferir e transformar as realidades, e construir o Reino de Deus no mundo.

“A dimensão pastoral e missionária” tem por objetivo formar discípulos missionários para o serviço no mundo. Contribui na formação dos leigos para assumir com responsabilidade a construção do Reino de Deus, tornando o ambiente eclesial mais atraente para os distantes da comunidade e do Senhor. Um autêntico caminho cristão oferece itinerários diversificados de acordo com a maturidade cristã, idade e outras condições particulares de cada pessoa ou grupo preenche de alegria e esperança o coração de todos os membros da comunidade (DAp 280 d). Isso implica que a dimensão missionária deva ser a motivação de todas as pastorais. A dimensão pastoral e missionária tem como finalidade capacitar os batizados para o compromisso missionário, diante dos desafios contrários ao projeto de Deus.

4.6.4 Aspectos particulares

Os batizados, depois de percorrerem o caminho do discipulado, precisam entrar agora, na etapa da formação bíblico-teológica. Nessa etapa, terão a oportunidade de aprofundar o conhecimento da Palavra, conhecer os conteúdos da fé, e fazer a experiência da vida

comunitária. Trata-se de uma formação conjugada, entre a teoria e a prática, de cunho vivencial, recebido dentro da comunidade. Por isso, este processo tem conteúdo próprio, método específico e lugar de formação definido.

4.6.4.1. Sujeitos da formação

Os sujeitos a quem se destina a formação são os próprios sujeitos da missão, pois se trata de uma formação para a missão. A rigor, a formação é para todos os batizados, pois todos, na Igreja, devem estar preparados e comprometidos com o estado permanente de missão. Nesse sentido, constituem-se sujeitos da formação todos os fiéis batizados, aqueles que foram convidados a se tornarem discípulos missionários de Jesus Cristo. Segundo Aparecida, a formação do sujeito missionário deve ser “de acordo com a peculiar vocação e ministério para o qual tenha sido chamado” (DAp 282). Sabemos que todo cristão é missionário em função do batismo, e cada um vive sua vocação no mundo, conforme a diversidade de dons, segundo a graça que nos é dada (Rm 12, 6). Para uma Igreja verdadeiramente missionária, Aparecida sugere formação que atenda as características específicas de cada ministério. São sujeitos da formação:

O bispo é o princípio da unidade na diocese devido a seu tríplice ministério de ensinar, santificar e governar; os presbíteros cooperam com o ministério do bispo, no cuidado do povo de Deus que lhes foi confiado; os diáconos permanentes no serviço vivificante, humilde e perseverante como ajuda valiosa para os bispos e presbíteros; os consagrados e consagradas no seguimento radical do Mestre; os leigos e leigas cumprem sua responsabilidade evangelizadora colaborando na formação de comunidades cristãs e na construção do Reino de Deus no mundo (DAp 282).

Segundo exposto pela Conferência de Aparecida, a Igreja de Cristo é formada pela diversidade de ministérios, e cada ministério tem função específica na comunidade. Se todos somos discípulos, como afirma Aparecida, então, sem exceção, todos os membros da comunidade são sujeitos da formação.

4.6.4.2. Conteúdos da formação

Uma das características marcantes de nossa época é a quantidade de informação colocada a nossa disposição diariamente. Segundo o teólogo Libânio, vivemos a cultura da informação, pois

estamos diante de uma geração que aprende muito. Nunca as anteriores tiveram as mesmas facilidades de informação. A aceleração das publicações de todo tipo nos assombra... A inteligência e a memória navegam com a velocidade parecida com a da luz, de modo que nada se lhe adere. É a pura sensação. Adrenalina em vez de pensamento. Nesse momento, entra o que significa “aprender a conhecer”, “aprender a pensar”. Algo bem diferente de restringir-se a frequentar essas fontes borbulhantes de informações, embora isso faça parte do aprendizado atual. Exige-se outro tipo de registro mental (LIBÂNIO, 2001, p. 17-18).

Para os discípulos missionários, a formação, conforme as coordenadas apontadas no documento de Aparecida, tem um conteúdo específico. “É necessário formar os discípulos em uma espiritualidade da ação missionária que se baseia na docilidade ao impulso do Espírito, a sua potência de vida que mobiliza e transfigura todas as dimensões da existência” (DAp 284). O objetivo da formação é fornecer os fundamentos da fé, e capacitar os discípulos missionários para o exercício da missão junto aos desafios do mundo. Dessa forma, Aparecida vai além, e o mesmo enunciado que fala da necessidade de canalizar a espiritualidade para a missão, completa mostrando os frutos do Espírito, produzidos por meio do discípulo missionário. “O discípulo e missionário, movido pelo estímulo e ardor que provêm do Espírito, aprende a expressá-lo no trabalho, no diálogo, no serviço e na missão cotidiana” (DAp 284). Constata-se que a missão dos discípulos missionários não é nenhum fato extraordinário em sua vida, mas o próprio enunciado refere-se à missão, como uma atividade comum na vida do cristão, que pode ser praticada em qualquer contexto do cotidiano.

Para os futuros presbíteros, aqueles que recebem formação nos seminários, acompanhados de formadores, Aparecida recomenda a necessidade de “um projeto de formação que ofereça aos seminaristas um verdadeiro processo integral: humano, espiritual, intelectual e pastoral, centrado em Jesus Cristo, Bom Pastor” (DAp 319). Em meio a uma cultura que exalta o descartável e o provisório, a orientação é para uma “formação humana para a maturidade... e, educação para o amadurecimento da afetividade e da sexualidade” (Dap 321). O documento lembra também que o período de formação, no seminário, é próprio para o seminarista realizar o encontro com Cristo e se colocar no processo de iniciação espiritual. Nos centros de educação católicos, escolas da própria Igreja, Aparecida recomenda que seja ministrada “uma educação que ofereça às crianças, aos jovens e aos adultos o encontro com os valores culturais do próprio país, descobrindo ou integrando neles a dimensão religiosa e transcendente” (DAp 334).

4.6.4.3. Métodos da formação

Ante a necessidade de transformações em todas as dimensões da vida, que exigem atitudes concretas e ativas dos missionários, a formação não pode ser acidental. Para uma formação de qualidade, que ofereça um conteúdo sólido no fortalecimento da fé, e ajude os batizados na experiência cristã do Mistério divino, exige-se um método eficiente e seguro. Segundo Aparecida, este é “um desafio que devemos encarar com decisão, com coragem e criatividade, visto que em muitas partes a iniciação cristã tem sido pobre e fragmentada” (DAp 287). Para Aparecida, o objetivo da missão é colocar as pessoas em contato com Jesus Cristo, fazendo delas discípulas e seguidoras do Mestre. Trata-se de “colocar alguém em contato com Jesus Cristo e iniciá-lo no discipulado” (DAp 288). Esta é a razão por que Aparecida convoca os batizados a se tornarem discípulos missionários, e convida a comunidade a colocar a Igreja em estado permanente de missão.

O método de Aparecida sugere que as comunidades desenvolvam um processo de iniciação na vida cristã, contendo vários passos, até formar um verdadeiro discípulo missionário de Jesus Cristo, comprometido na missão da Igreja. O início desse processo é o *kerigma*. O anúncio deve ser explícito, bem proclamado e fundamentado na Palavra de Deus, para conduzir o iniciado ao encontro pessoal com Cristo Jesus. A partir do encontro pessoal com Cristo, não se justifica mais o iniciado permanecer na mesma condição de antes, é necessário mudar de vida. Surge então o segundo passo, que é a conversão do iniciado. Convertido, o terceiro passo é entrar no caminho do discipulado, se fazer discípulo, e permanecer com o Mestre, para conhecê-lo melhor, aprender e tornar-se íntimo do Mestre. Esta experiência se faz no interior de uma comunidade de fé, em comunhão com outros discípulos, participando com assiduidade na vida comunitária e nos sacramentos. Uma vez inserido na comunidade, será preparado para o serviço missionário da Igreja e receberá formação específica, para cumprir sua vocação missionária na Igreja e no mundo (DAp 289).

Outro aspecto que se destaca no método, refere-se às características do discípulo que atua na função de mistagogo do processo. O discípulo que introduz outra pessoa para o Mistério, precisa necessariamente ter Jesus Cristo como centro de sua vida. É necessário ainda “que tenha o espírito de oração, seja amante da Palavra, pratique a confissão frequente e participe da Eucaristia; que se insira cordialmente na comunidade eclesial e social, seja solidário no amor e um fervoroso missionário” (DAp 292).

Aparecida fala também em catequese permanente, que supere a formação catequética limitada e direcionada na preparação dos sacramentos. Isso implica na elaboração de um

“processo catequético orgânico e progressivo que se propague por toda a vida, desde a infância até a terceira idade” (DAp 298). Aparecida sugere também, uma formação catequética com mais conteúdo, que não “se limite a uma formação meramente doutrinal, mas seja uma verdadeira escola de formação integral” (DAp 299). Esta formação contempla várias dimensões da vida religiosa, tais como, a oração, a celebração litúrgica, a vida comunitária, e o serviço. O método abarca também a religiosidade popular, e valoriza a fé do povo simples praticante da piedade popular mariana, para entrar nas famílias e oferecer a elas um processo de iniciação cristã, despertando nelas o hábito da “oração familiar, à leitura orante da Palavra de Deus e ao desenvolvimento das virtudes evangélicas que as consolidem cada vez mais como Igrejas domésticas” (DAp 300).

4.6.4.4. Lugares da formação

Depois de fornecer o método do processo formativo do discipulado, Aparecida indica alguns lugares que são próprios para a formação de discípulos missionários. Surge, primordialmente, a família que Aparecida definiu como “patrimônio da humanidade”, destacando a importância dessa instituição para os povos latino-americanos. No processo de formação, “a família é chamada a introduzir os filhos no caminho da iniciação cristã. A família, pequena Igreja, deve ser junto com a Paróquia, o primeiro lugar para a iniciação cristã das crianças” (DAp 302). A família é um lugar privilegiado de formação cristã, nela a vida humana nasce e se desenvolve, recebendo valores e conhecimentos que são transmitidos, responsabilmente, dos pais para os filhos. A intimidade do lar pode tornar-se uma verdadeira escola da fé, ambiente sagrado da vida humana para os pais oferecerem o sentido cristão da existência. Por outro lado, é “um dever dos pais, especialmente através de seu exemplo de vida, a educação dos filhos para o amor como dom de si mesmos e a ajuda que eles prestam para descobrir sua vocação de serviço, seja na vida laica como na vida consagrada” (DAp 303). Para desempenhar a tarefa de formação cristã na família, os pais precisam da contribuição da pastoral familiar, a fim de fortalecer a fé para que sejam testemunhas firmes junto a seus filhos.

Outro lugar indicado para a formação é a paróquia. A paróquia se destaca no processo de formação, em função do valor que representa na dimensão comunitária das pessoas. É no espaço paroquial que se troca o individualismo pela experiência de vida com os outros. “A Igreja é comunhão” (DAp 304), afirma o documento. As paróquias são ambientes próprios para a experiência concreta de Cristo e da Igreja, condição indispensável para o caminho do

discipulado. “Sobretudo hoje, quando as crises da vida familiar afetam a tantas crianças e jovens, as Paróquias oferecem um espaço comunitário para se formar na fé e crescer comunitariamente” (DAp 304). Aparecida é incisiva e propõe como tarefa irrenunciável para as paróquias: “iniciar na vida cristã os adultos batizados e não suficientemente evangelizados; educar na fé as crianças batizadas em um processo que as leve a completar sua iniciação cristã; iniciar os não batizados que, havendo escutado o *kerigma*, querem abraçar a fé” (DAp 293). A paróquia pode oferecer formação através das “diversas celebrações e iniciativas, principalmente com a Eucaristia dominical, que é momento privilegiado do encontro das comunidades com o Senhor ressuscitado” (DAp 305). Entretanto, para que as paróquias se tornem lugares de formação permanente, é preciso que “se organizem nelas várias instâncias formativas que assegurem o acompanhamento e o amadurecimento de todos os agentes pastorais e dos leigos inseridos no mundo” (DAp 306).

Aparecida destaca também as pequenas comunidades eclesiais no processo de formação de discípulos missionários. “Nas pequenas comunidades eclesiais temos um meio privilegiado para a Nova Evangelização e para chegar a que os batizados vivam como autênticos discípulos e missionários de Cristo” (DAp 307). A experiência das pequenas comunidades eclesiais mostra alguns testemunhos de fraternidade, oração e práxis pastoral a partir da Palavra de Deus. Dessa forma, elas se fazem necessárias na luta contra os desafios que exigem atitudes de coragem na sociedade de hoje. Diante do secularismo que desafia a Igreja, as pequenas comunidades eclesiais são lugares de experiência cristã e evangelização (DAp 308).

Aparecida quer também a participação dos movimentos e comunidades, ajudando na formação da fé cristã. Segundo o documento, “neles, os fiéis encontram a possibilidade de se formar na fé cristã, crescer e se comprometer apostolicamente até se tornarem verdadeiros discípulos missionários” (DAp 311). Para os desafios das novas situações, especialmente os desafios eclesiais, em que muitos abandonaram a Igreja, e, para aqueles que não foram devidamente evangelizados, os movimentos e novas comunidades podem ser meios de respostas às necessidades da vida cristã. “Neste contexto também os movimentos e novas comunidades são uma oportunidade para que muitas pessoas afastadas possam ter uma experiência de encontro vital com Jesus Cristo e, assim, recuperar sua identidade batismal e sua ativa participação na vida da Igreja” (DAp 312).

Na formação dos discípulos e missionários de Cristo, uma atenção especial é dada a pastoral vocacional. Esta deve acontecer tanto na instituição familiar, como na instituição eclesial comunitária, dirigindo-se às crianças, mas, sobretudo, ajudando os jovens na

descoberta vocacional. Trata-se de uma tarefa conjunta, envolvendo, simultaneamente, família, Igreja e escola, conforme institui o documento. “Plenamente integrada no âmbito da pastoral ordinária, a pastoral vocacional é fruto de uma sólida pastoral de conjunto, nas famílias, na paróquia, nas escolas católicas e nas demais instituições eclesiais” (DAp 314). Porém, tratando-se da formação específica de futuros presbíteros, que são também discípulos missionários, o lugar privilegiado de formação, sem dúvida, são os seminários e as casas de formação (DAp 316). Neles, destaca-se a função dos formadores, que contribui na formação dos jovens seminaristas, através de conhecimentos e testemunho de vida (DAp 317).

4.6.4.5 Instâncias da formação

Uma formação, que envolva por completo o ser humano, passa pela educação escolar. Dessa forma, Aparecida defende uma educação de qualidade para todos, e com clareza e sabedoria, sem hesitar, diz qual é a autêntica finalidade da escola. “Ela é chamada a se transformar, antes de qualquer coisa, em lugar privilegiado de formação e promoção integral, mediante a assimilação sistemática e crítica da cultura, fato que consegue mediante um encontro vivo e vital com o patrimônio cultural” (DAp 329). A escola, enquanto instituição educativa, tem a responsabilidade de destacar a dimensão ética e religiosa da cultura, fornecendo elementos necessários ao dinamismo espiritual e à liberdade ética do sujeito (DAp 330).

Os centros educativos católicos, na qualidade de entidades eclesiais a serviço da missão, são chamados a “promover uma educação centrada na pessoa humana que é capaz de viver na comunidade. Diante da exclusão social, a Igreja deverá estimular uma educação de qualidade para todos, formal e não-formal, especialmente para os mais pobres” (DAp 334). A meta da formação, pela via escolar, busca a formação integral da pessoa, contribuindo na formação de discípulos missionários de Jesus. Dessa forma, Aparecida vê a necessidade de realizar uma profunda renovação na Escola católica, para torná-la autêntica formadora de missionários. “Devemos resgatar a identidade católica de nossos centros educativos por meio de um impulso missionário corajoso e audaz, de modo que chegue a ser uma opção profética plasmada em uma pastoral da educação participativa” (DAp 337). Com a participação das pessoas envolvidas na escola (diretores, mestres, pessoal administrativo, alunos, pais de família, etc.), comprometidos na missão da Igreja, a escola será também um centro de evangelização.

Há, também, as universidades e centros superiores de educação católica, e, “segundo

sua própria natureza, a Universidade Católica presta uma importante ajuda à Igreja em sua missão evangelizadora” (DAp 341). Sendo assim, a Universidade Católica, em função da relação com a Igreja, suas atividades fundamentais “deverão se vincular e se harmonizar com a missão evangelizadora da Igreja” (DAp 341). Por isso, “é necessária uma pastoral universitária que acompanhe a vida e o caminhar de todos os membros da comunidade universitária, promovendo um encontro pessoal e comprometido com Jesus Cristo e múltiplas iniciativas solidárias e missionárias” (DAp 343). A escola, centros de formação e Universidade Católica, são instituições credenciadas para ajudar a Igreja na evangelização, contribuindo no processo formativo de discípulos missionários de Jesus.

4.7 Conclusão do capítulo

Missão é um legado que nós recebemos da missão de Deus, revelada ao mundo nas práticas de vida de Jesus Cristo. Com essa compreensão, tornamo-nos mais conscientes de que a Igreja existe em função da missão, ou seja, sua singular tarefa no mundo é participar da missão de Deus para salvar o mundo. A Igreja perde sua identidade, se não cumpre a missão, porque não existe outra razão para sua existência. Toda Igreja é missionária, porque toda sua estrutura existe em função da missão, e toda estrutura evangeliza. Enquanto batizados e membros da comunidade de fé, todo discípulo é missionário e responsável pela missão. Isso significa que a tarefa missionária é de todos.

A sugestão de Aparecida, para que a missionariedade impregne todos os planos de pastorais, abre um novo horizonte para a Igreja em todo o continente, porque definitivamente coloca a Igreja a serviço do Reino de Deus. A missão colocada no centro dos planos de pastorais diocesanas, paroquiais e das comunidades, impulsiona a Igreja para fora dela mesma, obrigando-a a entrar nas realidades mundanas para intervir nas questões mais críticas da sociedade. A participação dos discípulos missionários na luta pela vida, pela dignidade humana, pela libertação, marca o compromisso pela transformação das realidades como fruto do seguimento de Jesus.

Aparecida insiste na necessidade de formar discípulos missionários, mais conscientizados e mais envolvidos na missão. Com uma comunidade eclesial, formada por católicos de boa espiritualidade, conscientizados e comprometidos com a missão, mais vigor terá a Igreja, para colocar-se em estado permanente de missão. Aparecida fala de formação em sentido amplo, pois seu desejo é que as instâncias credenciadas ofereçam uma formação que responda por completo a necessidade das pessoas. Sendo assim, apontou vários lugares

possíveis de formação. Afirmar que o primeiro espaço de formação é a própria família, depois passa pela paróquia e comunidades, onde recebe formação para a iniciação cristã. Na comunidade existe a possibilidade de crescer sempre mais na maturidade cristã, pois os cursos de formação que são oferecidos, junto às novas experiências de comunhão, são oportunidades reais de novos conhecimentos. O mundo atual prima pelo conhecimento, mas o conhecimento que o mundo secular oferece, e que as pessoas procuram, é totalmente voltado para o mercado de trabalho, e, muitas vezes, esse tipo de conhecimento, mesmo tratando-se do saber, atende parcialmente os anseios da pessoa, deixando de fora questões essenciais da natureza humana. Palácio define assim: “O conhecimento não é mais fonte de sabedoria. É o triunfo do "interesse": conhecimento do imediato, do verificável, do útil, das causas "primeiras", sem fôlego para remontar-se até às "últimas" causas. A crise do conhecimento é uma crise antropológica”³. Para atender todas as necessidades que envolvem o ser humano, Aparecida vai além, defendendo a formação integral da pessoa.

³ PALÁCIO, Carlos SJ

http://www.institutosaoboaventura.com.br/pdf/Novos_paradigmas_ou_fim_de_uma_era_teorica, acesso em 02 de fevereiro de 2013, 14:00h.

5 CONCLUSÕES

5.1 Conclusões

A tarefa missionária da Igreja está relacionada com a sua vocação mais profunda. A Igreja nasceu para a missão e existe para anunciar o Evangelho de Jesus Cristo e tornar o Reino de Deus realidade entre os povos. Desde o envio dos discípulos na montanha da Galileia, a Igreja tem se colocada em missão com toda a fidelidade ao mandato recebido de Cristo. Inspirada no Mestre que a enviou, fez parte da história como a grande orientadora e inspiradora da humanidade, e continua nos dias atuais anunciando explicitamente a mensagem de salvação para que todos os homens e o homem todo alcancem a plenitude da vida em Cristo Jesus. Esta tarefa, que a Igreja recebeu por mandato de Jesus Cristo como razão de sua existência, é que lhe confere uma identidade. Mais do que anunciar o Evangelho para a humanidade, a Igreja tem o compromisso de fazer acontecer o Reino de Deus para todos os povos através de gestos sensíveis, visíveis e tangíveis e, por meio de ações concretas, trabalha para que a Boa Nova de Jesus Cristo se transforme em realidade de vida para todas as pessoas.

Estamos vivendo a alvorada de um novo tempo para a humanidade. São tempos de desconforto, inseguranças e, sobretudo de incertezas, porém a mensagem que a Igreja anuncia ao mundo tem sido mensagem de amor e de esperança. Faz parte da missão da Igreja, guiar, orientar e oferecer o verdadeiro sentido da vida, sendo sal e luz do mundo, para que a humanidade supere os desafios da própria natureza. A Igreja, cumprindo o mandato missionário de Jesus Cristo, continuamente tem anunciado a mensagem de Cristo como Boa Nova para humanidade, de forma que o conteúdo da mensagem anunciada transforma-se em proposta clara de salvação para todos. A Igreja jamais anunciou ou anunciará tragédias ou destruição, definitivamente esta não é sua missão, porque a mensagem que ela tem para comunicar aos ouvintes tem a origem no Deus da vida. Por isso se afirma que a Igreja atua no mundo como sinal e instrumento de salvação. Diante das incertezas do mundo atual, a humanidade se encontra numa encruzilhada e perplexa. Entretanto, na perplexidade do mundo a Igreja, reunida na Conferência de Aparecida, conseguiu enxergar oportunidades de mudanças para ela própria na sua estrutura, para todos os batizados e para aqueles que se encontram distante.

No limiar do terceiro milênio, de modo especial a Igreja da América Latina e do Caribe, preocupada com a vida dos povos em todas as suas dimensões, convoca todos os seus

membros e comunidades para responder as grandes necessidades de todas as pessoas que se encontram hoje às margens, ou excluídas da sociedade. É nesse sentido que o Documento de Aparecida convoca a Igreja para um estado permanente de missão, em busca da promoção humana para que todos tenham vida, e a tenham em abundância. A missão, conforme orienta o Documento, vai além do anúncio do Evangelho, quer a participação efetiva de todos os batizados para uma evangelização integral e comprometida com a vida em todos os sentidos. Entretanto, para colocar em prática esse novo modelo de missão, algumas mudanças envolvendo os fiéis, as pastorais e a própria estrutura da Igreja, serão necessárias. Sem as devidas transformações de ordem pessoal, pastoral e comunitária, será inútil aspirar a uma missão de impacto transformador na sociedade atual e futura.

A presente pesquisa procurou abordar a missão da Igreja, a partir dos fundamentos de Aparecida, adotando como referencial a própria estrutura do Documento, que desenvolveu o tema seguindo o método do ver, julgar e agir. Como palavra chave, missão e seus correlatos se encontram do início ao fim do Documento, e com muita facilidade descobrimos razões contundentes, para justificar aquilo que mais tarde aparece no Documento chamado de Missão Continental. Tendo a dignidade humana como centro da missão, o Documento começa descrevendo o cenário onde vivem as pessoas, e a realidade apresentada mostra que a vida de nossos povos, em função da complexidade do mundo atual, está permeada de desafios, o que significa que o reinado de Deus não é realidade no contexto. E como servidora do reino da vida, a Igreja, no uso do mandato recebido de Cristo Jesus, quer proclamar a todos os povos do Continente a plenitude da vida que Cristo oferece.

Entre a realidade da vida de nossos povos, e aquilo que se considera ideal para o ser humano, existe um abismo que afeta todas as dimensões humanas e precisa ser preenchido. A vida plena querida por Deus não se coaduna com as injustiças praticadas no cenário que o ser humano vive. A plenitude da vida abarca o homem por inteiro, assume toda a sua complexidade, é integral, liberta das forças demoníacas e restaura a imagem e semelhança de Deus. Na dimensão física significa nascer e morrer com dignidade, enquanto vivente ter saúde, viver bem alimentado, ter um lar para viver com dignidade e compartilhar a vida com seus familiares, ser reconhecido e respeitado no seu direito de ir e vir, possuir o direito ao lazer, ao trabalho digno, ser reconhecido como gente, ser livre para expressar sua crença religiosa, ter acesso à educação, saúde e segurança. Na dimensão espiritual significa viver em comunhão com Deus, com os irmãos e consigo mesmo. Estes são os atributos essenciais da plenitude da vida. Caso algum desses atributos seja negado, ou, por algum motivo, alguma pessoa não tenha acesso a eles, esta pessoa está sendo limitada no seu potencial de vida.

Verifica-se atualmente, e Aparecida reconheceu que até mesmo os direitos essenciais da vida estão sendo negados. Em nosso Continente Latino e Caribenho, nossos povos padecem, vítimas dos sistemas político e econômico que mantêm a maioria das pessoas em situações de pobreza, considerando-as supérfluas e descartáveis. Por outro lado, muitas pessoas vivem longe de Deus, ou até contra Deus. Restabelecer a ordem social corrigindo o mal instalado na sociedade para que a justiça aconteça e oferecer o sentido da vida, em função da dignidade humana, é a tarefa missionária que herdamos de Aparecida. Uma missão que busca a salvação integral do ser humano terá necessariamente que ser missão total açambarcando o homem por inteiro. Isso implica que não basta apenas anunciar o Evangelho, será necessário vivê-lo a partir da prática missionária de Jesus. Se Jesus foi às últimas consequências na sua missão para que todos tivessem vida em abundância, os seguidores de Jesus, discípulos missionários, são desafiados a testemunhar a fé no seguimento radical das pegadas do Mestre, envolvendo-se nas questões cruciais que impedem a plenitude da vida.

Ao longo da pesquisa verificou-se que a Igreja tem novas metas para a missão e quer atuar no mundo com projetos diferenciados e ações bem mais decididas. Na verdade, desde o Vaticano II, que foi o maior acontecimento eclesial do século XX, percebemos a Igreja mais inserida na realidade social, aberta ao mundo e buscando um diálogo respeitoso com outras religiões. Ficou claro também que os documentos missionários que surgiram a partir do Concílio procuraram com todo afincamento promover a salvação integral do ser humano. Destacamos de modo especial os três documentos missionários que determinaram os três modelos que orientaram a Igreja na missão, depois do Vaticano II. Pela importância das orientações e ensinamentos, estes documentos serviram muitas vezes de fundamento para o Documento de Aparecida. Destacou-se também o estudo de três obras missionárias publicadas recentemente por autores que escreveram a partir de contextos específicos de cada um deles. Os documentos da Igreja, *Ad Gentes*, *Evangelii Nuntiandi* e *Redemptoris Missio*, não foram suplantados pelo tempo e nem substituídos. Continuam sendo sinais e referências para toda a comunidade de discípulos, na caminhada missionária da Igreja nos tempos atuais.

A renovação da Igreja, que foi o ponto forte do Vaticano II, possibilitou que a Conferência do Episcopado Latino Americano formulasse um projeto missionário no Continente com a participação de todos os fiéis batizados. Sem dúvida, uma Igreja em estado permanente de missão, precisa do envolvimento e participação de todos os membros da comunidade, porque a tarefa missionária que a Igreja tem a realizar no contexto atual é, sem dúvidas, ampla e complexa. É uma missão para toda a Igreja em todo o Continente e para todos os batizados. Nenhum membro de comunidade poderá esquivar-se ficando de fora,

porque todos os batizados são missionários. O compromisso de transformar as estruturas injustas que a Igreja latina e caribenha assumiu, acolhendo o grito dos excluídos, quer se tornar realidade em todos os contextos da sociedade, servindo-se do trabalho missionário de todos os discípulos de Jesus, para chegar aos locais mais importantes onde se decide a vida da sociedade e também para entrar no submundo da insignificância.

Existem muitos lugares que a Igreja oficial não consegue chegar, mas quando a comunidade é formada por discípulos missionários, comprometidos com a vida em todos os sentidos, a missão deixa o templo para ganhar o mundo, entra nas casas, percorre os guetos, entra nas favelas, sobe ao morro, entra nos condomínios fechados, invade praças, supermercados, escolas, shoppings centers, parques de diversão e outros lugares que as pessoas frequentam. Tudo isso porque o discípulo missionário é a Igreja no mundo e vive a sua missão no cotidiano da vida sendo a presença transformadora do agir de Cristo. Tal comportamento dos batizados, segundo as orientações de Aparecida, caracteriza uma Igreja em estado permanente de missão. Por onde passa um discípulo missionário, a missão vai acontecendo em contextos bem reais e o mundo é forçado a render-se a nova realidade.

O documento de Aparecida apresenta explicitamente os fundamentos e as diretrizes para uma missão com foco na transformação da sociedade em busca da promoção da dignidade humana. Orienta e incentiva discípulos missionários a assumirem com seriedade o compromisso com os pobres, marginalizados e oprimidos da sociedade. De acordo com Aparecida, são muitos os rostos dos que sofrem em nosso Continente e exigem ações efetivas da Igreja para combater as causas geradoras e impeditivas da plenitude da vida. Tais demandas confirmam que se trata de uma missão complexa, envolve não só o *kerigma*, mas, sobretudo, *diakonia*, *koinonia* e *martiria*. O anúncio da Boa Nova do Evangelho tem sido anunciado com esmero pela Igreja, entretanto para a salvação integral, as palavras precisam vir acompanhadas por ações concretas de solidariedade, mostrando que a Igreja está realmente comprometida com o ser humano em todas as suas dimensões.

Nesta pesquisa procuramos abordar os principais desafios da Igreja que foram enfatizados no Documento de Aparecida, e ressaltar como eles interferem na vida dos cristãos e da sociedade em geral. Apresentamos também os encaminhamentos práticos para superação das vicissitudes do contexto atual, começando por uma reforma da própria Igreja e da conversão de seus membros. Trata-se primordialmente de uma missão *ad intra*, forçando a própria Igreja e os seus membros a descobrirem o sentido da missão, sua origem e para quem ela se destina. Aparecida, mais do que convocar os batizados para um grande projeto missionário no Continente, chama os batizados para fazer a experiência do encontro com

Cristo. Este é o princípio da missão, o encontro com Jesus Cristo Salvador. Assim, Aparecida convida todos a recomeçarem a partir de Cristo e fazer um processo em cinco etapas, começando pelo encontro, seguindo pela conversão, discipulado, comunhão, culminando na missão. Isso é fundamental para uma missão consciente, séria e ativa. Na prática significa que todo o batizado deve voltar a sua origem, descer novamente a pia batismal para selar o encontro com Cristo e passar por um processo de conversão. Conversão quer dizer mudança de vida, de atitude, de pensamento. Discipulado significa ficar com Ele, aprender Dele, conhecer a sua pessoa, conhecer suas intenções e prioridades. Na comunhão se aprende a viver em comunidade, a partilhar, ser solidário, a viver em harmonia, quebrar o individualismo para gerar vida no outro. E quando chega a quinta etapa, que deve ser o resultado natural desse processo, o batizado já não é mais só um membro da comunidade, agora é um discípulo missionário de Jesus Cristo, apto à missão.

Discípulos missionários no entendimento de Aparecida são todos os cristãos que pelo Sacramento do Batismo fazem parte da Igreja, incluindo ministros ordenados e os fiéis leigos. Todo cristão é um vocacionado à missão e contribui com seus dons e carismas na tarefa missionária da Igreja a serviço da vida integral. Sobre a responsabilidade missionária de todos os cristãos, Aparecida não deixa dúvida. Essa tarefa não é facultativa para aceitar ou não, mas é parte integrante da identidade cristã, afirma o Documento. Aparecida fez um detalhamento da missão dos discípulos missionários, incluindo bispos, presbíteros, diáconos permanentes, leigos e leigas, consagrados e consagradas, e atribuiu a cada um, na sua vocação específica, a tarefa missionária que deve desempenhar no mundo. O discípulo de Jesus carrega fundamentalmente suas características, e demonstra estar configurado com o Mestre na vivência do amor radical, gratuito e universal. Não se conforma com a situação injusta na sociedade, assume a missão no maior grau do discipulado na compaixão e misericórdia pelos que sofrem e contribui na transformação das estruturas injustas para que todos tenham vida.

Aparecida insiste também na necessidade de mudanças na ação pastoral de nossas igrejas, pois todos os dias há mudanças profundas no mundo. E diante de um mundo em constantes mudanças, é preciso promover o reavivamento pastoral de cunho mais missionário, direcionando as ações mais para as realidades do mundo e menos preocupadas na conservação eclesial *ad intra*. A conversão pastoral, fundamentada em Cristo, colocará a Igreja em um novo tempo e será extremamente útil para uma Igreja em estado permanente de missão. A Boa Nova de Cristo anunciada ao mundo é um chamado às mudanças, e significa uma oportunidade para todas as pessoas descobrirem as surpresas e as graças de um plano libertador que Cristo oferece. No entanto, a sociedade atual procura satisfazer os desejos das

peças com o máximo de qualidade em tudo aquilo que se relaciona. E não poderia ser diferente na dimensão religiosa, pois se não tivermos qualidade naquilo que fazemos, outros serão mais competitivos e ocuparão nosso lugar. Ser competitivo na Igreja não significa entrar no mercado religioso disputando adeptos para emcher nossa Igreja, mas significa melhorar a qualidade naquilo que fazemos, de modo que a Boa Nova seja anunciada com todo carinho e esforço que o Evangelho merece, para satisfazer a comunidade cristã na sua expectativa e responder aos desafios da sociedade naquilo que ela precisa. Isso implica converter as pastorais para atender as realidades atuais das pessoas, independentemente se tais pessoas fazem ou não parte da comunidade. O que move a ação pastoral da Igreja não podem ser apenas as necessidades internas, mas o Reino de Deus na sua amplitude em função da promoção e dignidade humana como meta.

Com a intenção de enriquecer ainda mais nossa pesquisa, apresentamos a contribuição de três autores consagrados na pesquisa missiológica, cujas obras retratam de forma clara e precisa o desenvolvimento da missão desde o início do cristianismo. Encontramos nas obras pesquisadas a história da missão ao longo dos séculos, começando pelo trabalho missionário dos apóstolos, passando pelos diversos contextos, até chegar a nossos dias. Entretanto, priorizamos mais o desenvolvimento dos autores centrado na missão a partir do início do século XX. No século passado ocorreram grandes mudanças no mundo e na Igreja. No mundo, o início da globalização, nova cultura e, sobretudo, a mudança de época. Na Igreja católica o Concílio Vaticano II, e nas igrejas evangélicas e protestantes as grandes Conferências do CMI. Todos estes acontecimentos repercutiram na vida social e religiosa da humanidade influenciando nos modelos de missão ocorridos nos últimos tempos.

Em conformidade com o Documento de Aparecida, a missão hoje, há de considerar primordialmente que estamos diante de um pluralismo cultural e religioso. O pluralismo religioso força a repensar a missão em termos coletivos, a reconhecer que não estamos sozinhos no mundo, por isso somos convidados a nos aproximar de outras religiões com humildade, respeito e aberto para o diálogo inter-religioso. Esta mesma postura serve também para o âmbito cristão, onde a Igreja católica não tem mais a hegemonia do cristianismo, e divide os cristãos com uma infinidade de igrejas consolidadas e outras que surgem a todo instante. Para o universo cristão, a saída é o caminho do ecumenismo, onde a unidade dos cristãos pode oferecer as respostas necessárias, para que os desafios comuns de todas as igrejas e religiões sejam superados. Da mesma forma, a descoberta das culturas é uma realidade que nos faz pensar que não existe uma cultura superior e outras inferiores, somos todos iguais na diferença, e não existe cultura que não tenha sido alcançada por Deus. Missão

nas culturas respeita o ser humano, reconhece os valores e as expressões culturais, assume a cultura e, sem destruir os elementos autóctones, evangeliza a partir dos próprios elementos culturais.

Devemos considerar ainda três ações de suma importância para a missão hoje, encontradas nos documentos do Magistério universal da Igreja, nas obras citadas e no Documento de Aparecida. Por diversas nuances, há unanimidade em pensar que a missão hoje precisa necessariamente conter anúncio explícito, testemunho cristão e luta pela justiça. Não há missão se o nome, a pessoa e as obras de Jesus Cristo não forem proclamados. A Boa Nova que Deus quer comunicar ao mundo é seu Filho, ele é o núcleo central da missão do Pai. Dele parte a missão e a ele retorna, nisso consiste o anúncio explícito. Por outro lado não basta anunciar o Evangelho, é preciso tornar visível o anúncio a fim de encantar e atrair os ouvintes à fé cristã. Este testemunho será mais credível quando os discípulos de Jesus conseguem destruir as realidades injustas do mundo e implantar o reinado de Deus. Missão em favor da justiça significa assumir as mazelas do mundo para devolver a plenitude da vida que Jesus oferece a todos.

De todo o exposto, podemos afirmar que Conferência de Aparecida, assim como as anteriores, foi um momento de graça para a Igreja Latina Americana e do Caribe. No Brasil, observando os documentos produzidos pela CNBB após a Conferência, verificando as propostas diocesanas, e percebendo as ações pastorais em paróquias e comunidades, com toda a segurança podemos afirmar que, o documento foi bem recebido pelos católicos. Em todos os âmbitos da Igreja, está havendo mobilizações buscando colocar em prática os encaminhamentos recebidos. Talvez, em função da grandiosidade da missão que temos em nossas mãos, nossos passos tenham sido demasiadamente curtos ainda. Porém, na direção do discipulado, aspecto fundamental do processo, os passos têm sido significativos. Observa-se maior conscientização dos católicos em relação à responsabilidade missionária de cada um. Nisso, os cursos de formação, tanto de âmbito universitário, como de extensão e pastorais comunitárias, muito têm contribuído na conscientização e na divulgação. A missiologia ganhou espaço na formação acadêmica, a comunidade eclesial está refletindo sobre a temática da missão e os planos de pastorais estão sendo direcionados para formar uma Igreja missionária. Isso demonstra que a Igreja do Brasil, através das orientações da CNBB, está se encaminhando para ser uma Igreja em estado permanente de missão.

1 FONTES

1.1 Bíblia Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

1.2 Documentos do Magistério

1.2.1 Documentos conciliares

CONCÍLIO VATICANO II. **Decreto *Ad gentes*** (1965). In: Compêndio Vaticano II: Constituições decretos e declarações. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1969.

CONCÍLIO VATICANO II. ***Gaudium et Spes*** (1965). In: Compêndio Vaticano II: Constituições decretos e declarações. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1969.

CONCÍLIO VATICANO II. **Decreto *Lumen Gentium*** (1965). In: Compêndio Vaticano II: Constituições decretos e declarações. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1969.

CONCÍLIO VATICANO II. **Decreto *Unitatis Redintegratio*** (1965). In: Compêndio Vaticano II: Constituições decretos e declarações. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1969.

1.2.2 Documentos do Magistério pontifício

JOÃO PAULO II. ***Carta Encíclica *Slavorum Apostoli****, Sobre o empenho ecumênico, São Paulo: Loyola, 1985.

_____: **Exortação Apostólica *Christifideles Laici***, sobre vocação e missão dos leigos na igreja e no mundo, São Paulo: Loyola, 1988.

_____: Carta Encíclica ***Redemptoris Missio***. Sobre a validade permanente do mandato missionário, São Paulo: Paulinas, 1991.

PAULO VI. ***Evangelii Nuntiandi*** (1975). Disponível em:
http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/apost_exhortations/documents/hf_pvi_exh_197512_08_evangeliiinuntiandi_po.html. Acesso em: 21 de janeiro 2012.

1.2.3 Documentos das Conferências latino-americanas

CELAM, **Conclusões da Conferencia de Medellín**: São Paulo: Paulinas, 1968.

_____: **A Evangelização no presente e no futuro da América Latina**, São Paulo: Conclusões Puebla, texto oficial da CNBB, Loyola, 8ª edição, 1979.

_____: **Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-Americano de Santo**

Domingo, 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 1992.

_____: **Documento de Aparecida**. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe. São Paulo: CNBB/ Paulinas/Paulus, 2007.

1.2.4 Documentos da CNBB

CNBB: Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, São Paulo: Paulinas, 2008.

_____: **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil**, São Paulo: Paulinas, 2011. (coleção Documentos da CNBB 94)

_____: **Diretrizes para a formação dos Presbíteros da igreja no Brasil**, Brasília: CNBB, 2010. (coleção Documentos da CNBB 93)

_____: **O futuro da reflexão teológica na América Latina**, São Paulo: Loyola, 1998.

_____: **Projeto Nacional de Evangelização 2004/2007**, São Paulo: Paulinas, 2003.

2. REFERÊNCIAS

ÁVILA, F. Bastos. **Pequena enciclopédia de doutrina social da Igreja**, São Paulo: Loyola, 1993.

BEVANS Stephen B. e SCHROEDER Roger P., *Teología para la misión Hoy Constantes em contexto*, Estella, Espanha: Verbo Divino, 2009.

BOSCH, David J., **Missão Transformadora**, Mudanças de paradigma na teologia da missão, 2ª ed. S. Leopoldo: Sinodal, 2002.

BOFF, Leonardo, Dívida ecológica e evangelização, In BRIGHENTI A.; HERMANO R. (org): **Missão em Debate** – Provocações a luz de Aparecida, p. 139-141, São Paulo: Paulinas, 2010. (Coleção Ecclesia 21).

BRIGHENTI, Agenor, **A Igreja perplexa**, São Paulo: Paulinas, 2004.

_____: **A Missão evangelizadora no contexto atual**, São Paulo: Paulinas, 2006.

_____: **A Igreja do futuro e o futuro da Igreja**, São Paulo: Paulus, 2007.

_____: **A desafiante proposta de Aparecida**, São Paulo: Paulinas, 2008.

CESCON, Everaldo. Ser discípulos num tempo de mudança, In: **Revista Eclesiástica Brasileira** – Petrópolis: v. 67, nº. 268, p. 949-961, outubro, 2007.

CODINA, Victor. “A missão como Renovação Eclesial”. In BRIGHENTI A.; HERMANO R. (org): **Missão em Debate** – Provocações a luz de Aparecida, p. 235-246, São Paulo: Paulinas,

2010. (Coleção Ecclesia 21).

COMBLIN José, **Cristãos rumo ao século XXI**: nova caminhada da libertação, São Paulo: Paulus, 1996.

FINKLER, Pedro. **Evangelizar aprender e anunciar**, Petrópolis: Vozes, 1995.

FRANCA, Leonel, **A crise do mundo moderno**, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

FRANZEN, D. Maria, Compromisso social na ação evangelizadora, In LABONTÉ, G.; ANDRADE, J. (org), **Caminhos para a missão**, p. 83-101, Brasília: abc BSB Editora Ltda, 2008.

FUENTE, Eloy B. de La, **La Iglesia em la encrucijada de la misión**, Estella, Espanha: Verbo Divino, 1999.

HIDALGO, Manuel. A missão diante da crise econômica: interpretação, consequências e desafios, In BRIGHENTI A.; HERMANO R. (org): **Missão em Debate** – Provocações a luz de Aparecida, p. 51-67, São Paulo: Paulinas, 2010. (Coleção Ecclesia 21).

IRARRÁZAVAL, Diego, **Numa mudança de época, qual é a missão?**, In BRIGHENTI A.; HERMANO R. (org): **Missão em Debate** – Provocações a luz de Aparecida, p. 247-255, São Paulo: Paulinas, 2010. (Coleção Ecclesia 21).

IRIARTE, Gregório. O.M.I., A globalização: um grande desafio para a ética cristã, In Amerindia (org.), **Globalizar a Esperança**, p. 25 – 37, São Paulo: Paulinas, 1998.

LIBÂNIO, João Batista, A dimensão conflituosa da missão na sociedade do conhecimento. In BRIGHENTI A.; HERMANO R. (org): **Missão em Debate** – Provocações a luz de Aparecida, p. 41 - 50, São Paulo: Paulinas, 2010. (Coleção Ecclesia 21).

_____: Conferência de Aparecida, In: **Revista Eclesiástica Brasileira** - Petrópolis: v. 268 – p. 816-842, outubro, 2007.

_____: Formação dos discípulos missionários, In: **Vida Pastoral**, São Paulo: nº 261, p. 25-31, ano 49, periódico julho / agosto, 2008.

MARTINS, C. E. **Da globalização da economia à falência da democracia**. In: *Economia e Sociedade*. Campinas: Universidade Federal de Campinas – UNICAMP. Instituto de Economia. n.6, p. 1-24, ago/1992.

MERLOS, Francisco, A missão como conversão pastoral: uma pergunta ou uma resposta?, In BRIGHENTI A.; HERMANO R. (org): **Missão em Debate** – Provocações a luz de Aparecida, p. 205 - 220, São Paulo: Paulinas, 2010. (Coleção Ecclesia 21).

MUÑOZ Ronaldo, A opção pelos pobres como expressão de autenticidade da missão, In BRIGHENTI A.; HERMANO R. (org): **Missão em Debate** – Provocações a luz de Aparecida, p. 99 - 115, São Paulo: Paulinas, 2010. (Coleção Ecclesia 21).

MURAD, Afonso, Documento de Aparecida, In BRIGHENTI, A.; HERMANO, R. (org In

BRIGHENTI A.; HERMANO R. (org): **Missão em Debate** – Provocações a luz de Aparecida, p. 117 - 137, São Paulo: Paulinas, 2010. (Coleção Ecclesia 21).

OLIVEIRA, David Mesquiati, **Missão, Cultura e Transformação**, desafios para a prática missionária comunicativa, São Leopoldo: Sinodal, 2011.

PATIAS, Jaime Carlos., Comunicação: Educação e formação na missão: o papel dos meios de comunicação na evangelização. In. LABONTÉ, G. ANDRADE, J. (org): **Caminhos para a missão**, p. 353-380, Brasília: abc BSB Editora Ltda, 2008.

RASCHIETTI, Estêvão, Para uma espiritualidade missionária a partir de Aparecida, In. LABONTÉ, G.; ANDRADE, J. (org): **Caminhos para a missão**, p. 245 – 261, Brasília: abc BSB Editora Ltda, 2008.

_____: Ser e fazer discípulos missionários. Uma leitura do Documento de Aparecida a partir do mandato missionário de Mateus, In. **Revista Eclesiástica Brasileira** –v. 67, nº. 268, p. 929-948, Petrópolis: outubro, 2007.

REINERT, João Fernandes, **Pode hoje a Paróquia ser uma Comunidade Eclesial?**, Petrópolis: Vozes, 2010.

SUESS, Paulo, **Introdução a Teologia da Missão**, Petrópolis: Vozes, 2007.

_____: Teologia da missão, In: **Caminhos para a missão**, Brasília: abc BSB Editora Ltda, 2008.

_____: A missão da Igreja: Lembrar o Reino, zelar pela vida, In BRIGHENTI, A.; HERMANO, R. (org In BRIGHENTI A.; HERMANO R. (org): **Missão em Debate** – Provocações a luz de Aparecida, p. 87 - 96, São Paulo: Paulinas, 2010. (Coleção Ecclesia 21).

SUSIN, Luiz Carlos, Missão em um tempo de mudanças profundas e desafios culturais inadiáveis, In BRIGHENTI, A.; HERMANO, R. (org In BRIGHENTI A.; HERMANO R. (org): **Missão em Debate** – Provocações a luz de Aparecida, p. 25 - 39, São Paulo: Paulinas, 2010. (Coleção Ecclesia 21).

TOMICHA, Roberto. “A missão como Renovação Eclesial”. In BRIGHENTI, A.; HERMANO, R. (org In BRIGHENTI A.; HERMANO R. (org): **Missão em Debate** – Provocações a luz de Aparecida, p. 259 - 272, São Paulo: Paulinas, 2010. (Coleção Ecclesia 21).